

A relação entre a literatura e a história na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes

Versão final após defesa

Angelina Mikhaleva

Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de Português e de Espanhol
no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Gabriel Augusto Coelho Magalhães

novembro de 2025

Declaração de Integridade

Eu, Angelina Mikhaleva, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M13951 do mestrado em Ensino de Português e de Espanhol no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 5/11/2025



Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado em todos os momentos que eu precisei. Também quero agradecer à minha avó materna que sempre acreditou em mim mesmo quando eu duvidava das minhas próprias forças.

Quero agradecer também à minha amiga Andreia que me acompanhou nesta caminhada difícil e que tornou este ano um pouco mais leve. Agradeço também às minhas amigas Carlota e Cristiana que conheci na licenciatura e que desde o primeiro dia acreditaram em mim.

Também quero agradecer às professoras orientadoras da Escola Secundária Campos Melo, Professora Maria Susel Fonseca e Professora Sanda Espírito Santo que nos acompanharam e guiaram durante todo este ano letivo.

Agradeço também ao meu orientador de relatório de estágio, Professor Doutor Gabriel Augusto Coelho Magalhães, que me guiou nesta caminhada e ajudou a atingir os meus objetivos. Assim como quero agradecer à Professora Doutora Ana Belén Cao Míguez por me ter apoiado desde o meu primeiro dia na Universidade da Beira Interior.

Resumo

O presente relatório de estágio é constituído por duas partes distintas. No que toca à primeira parte, esta é composta por um trabalho de investigação, no qual serão abordados aspetos relacionados com a ligação que existe entre história e literatura, no geral, e posteriormente, na *Crónica de D. João I*. Sendo que as duas áreas, em determinadas obras literárias, servem de fonte uma à outra, inicialmente será apresentado o modo como esta relação surge em diversas obras literárias. Esta união entre estas duas disciplinas às vezes ocorre através da análise pormenorizada de uma determinada sociedade ou descrição da época histórica em que decorre a ação. No entanto, como o tema central deste trabalho é a relação entre história e literatura na *Crónica de D. João I*, nesta parte do relatório também serão abordados alguns aspetos relacionados com a vida e obra de Fernão Lopes. É precisamente a partir destes aspetos que conseguimos construir uma visão mais aprofundada sobre o cronista e a sua relação com a corte. Além disso, como este trabalho se centra na *Crónica de D. João I*, também será abordada a época histórica que serviu de base a Fernão Lopes para elaboração desta obra; assim como será desenvolvida a perspetiva de história e literatura de Fernão Lopes na *Crónica de D. João I*. Para terminar esta parte do trabalho de investigação será abordada a minha parte experimental sobre este tema nas aulas de português.

Relativamente à segunda parte deste relatório de estágio, nesta será desenvolvido todo o trabalho realizado no estágio pedagógico, que decorreu na Escola Secundária Campos Melo. Mais especificamente, será realizada uma breve apresentação da escola; descrição das aulas lecionadas tanto de português como de espanhol; atividades extracurriculares realizadas e outras atividades em que tivemos a oportunidade de participar.

Palavras-chave

Literatura, história, Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, ensino de português e ensino de espanhol.

Resumen

El presente informe de prácticas está constituido por dos partes diferentes. La primera parte está relacionada con mi trabajo de investigación en el cual serán abordados aspectos sobre qué relación existe entre historia y literatura en general y después en la *Crónica de D. João I*. Dado que las dos áreas sirven de fuente una para la otra, presentaremos inicialmente cómo surge esta relación en diversos textos. Esta unión entre ambos los campos se produce, a veces, a través del análisis detallado de una determinada sociedad o a través de la descripción de un período histórico en el que se desarrolla la acción. Sin embargo, como el tema central de este trabajo es la relación entre historia y literatura en la *Crónica de D. João I*, en esta parte del trabajo se abordarán también algunos aspectos relacionados con la vida y la obra de Fernão Lopes. Es precisamente a través de estos elementos que podemos construir una visión más profunda del cronista y de su relación con la corte. Además, como este trabajo se basa en la *Crónica de D. João I*, también será retratado el período histórico que sirvió de base para la obra de Fernão Lopes, así como la perspectiva de Fernão Lopes acerca de la historia y la literatura en la *Crónica de D. João I*. Para finalizar esta parte del trabajo de investigación, hablaré de mi trabajo experimental sobre este tema en las clases de portugués.

La segunda parte de este informe de prácticas está relacionado con todo el trabajo realizado durante las prácticas de enseñanza, que tuvieron lugar en Escola Secundária Campos Melo. Más concretamente, haré una breve presentación del instituto, describiré las clases impartidas en portugués y en español, las actividades extraescolares y otras actividades en las que tuvimos la oportunidad de participar.

Palabras-clave

Literatura, historia, Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, prácticas de portugués, y prácticas de español.

Índice

Lista de figuras.....	xiii
Lista de gráficos.....	xv
Introdução.....	1
Iª Parte: A relação entre a literatura e a história na <i>Crónica de D. João I</i> , de Fernão Lopes.....	3
Capítulo I: Relação entre história e literatura.....	3
Capítulo II: Vida e obra de Fernão Lopes.....	11
Capítulo III: Época histórica da <i>Crónica de D. João I</i>	21
Capítulo IV: Visão da história e da literatura na obra de Fernão Lopes.....	29
Capítulo V: Estudo sobre a relação entre história e literatura na <i>Crónica de D. João I</i>	39
IIª Parte: Estágio Pedagógico.....	59
Capítulo 1: Contextualização do estágio pedagógico.....	59
1.1 Escola Secundária Campos Melo.....	59
1.2 Núcleo de Estágio.....	62
1.3 Caracterização das turmas.....	63
1.3.1 Turmas de Português.....	63
1.3.2 Turmas de Espanhol.....	64
Capítulo 2: Estágio Pedagógico aulas	67
2.1 Aulas observadas de Português e planificação das unidades didáticas.....	67
2.1.1 Primeiro período.....	67
2.1.2 Segundo período.....	69
2.1.3 Terceiro período.....	73
2.2 Aulas observadas de Espanhol e planificação das unidades didáticas.....	75
2.2.1 Primeiro período.....	76
2.2.2 Segundo período.....	79
Capítulo 3: Atividades extracurriculares.....	85
3.1 Dia Europeu das Línguas.....	85
3.2 Dia do Professor.....	87
3.3 <i>Día de la Hispanidad</i>	88
3.4 Palestra sobre tema medieval de ida à fonte: “Vai formosa e não segura”	89
Capítulo 4: Comunidade educativa.....	90
4.1 <i>Día de los muertos</i>	90

4.2 Voluntariado.....	91
4.3 Amigo Invisível	92
4.4 Viver o Natal na Campos Melo.....	93
4.5 Clube de Literatura com Arte.....	94
4.6 <i>Día de Reyes</i>	94
4.7 Dia da Escola.....	95
4.8 Ida à Biblioteca Municipal da Covilhã para assistir <i>Comboio de Corda</i>	96
4.9 Atelier de Cozinha Divertida.....	97
4.10 Ida ao Teatro Municipal da Covilhã	98
4.11 Palestra sobre Introdução à Inteligência Artificial e Aplicações no Ensino.....	99
4.12 Atividade de Laço Azul	99
4.13 Sarau Cultural À procura de um futuro.....	100
 Considerações finais	 103
 Referências bibliográficas	 105
 Anexos	 109
Anexo 1.....	109
Anexo 2.....	111
Anexo 3.....	113
Anexo 4.....	115
Anexo 5.....	116
Anexo 6.....	118
Anexo 7.....	120
Anexo 8.....	122
Anexo 9.....	124

Lista de Figuras

Figura 1 - Ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	40
Figura 2 - Pergunta 1 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	41
Figura 3 - Pergunta 2 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	42
Figura 4 - Resultados das perguntas 1 e 2 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	43
Figura 5 - Pergunta 3 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	43
Figura 6 -Resultados da pergunta 3 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	44
Figura 7 - Pergunta 4 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	45
Figura 8 - Resultados da pergunta 4 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	46
Figura 9 - Pergunta 5 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	47
Figura 10 -Resultados da pergunta 5 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	48
Figura 11 - Pergunta 6 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	48
Figura 12 - Resultados da pergunta 6 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	49
Figura 13 - Pergunta 7 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	50
Figura 14 - Resultados da pergunta 7 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	51
Figura 15 - Pergunta 8 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	52

Figura 16- Resultados da pergunta 8 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	52
Figura 17- Pergunta 11 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	53
Figura 18- Resultados da pergunta 11 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	54
Figura 19- Pergunta 12 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	54
Figura 20- Resultados da pergunta 12 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	55
Figura 21- Pergunta 9 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	55
Figura 22- Pergunta 10 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes.....	56
Figura 23- Escola Secundária Campos Melo.....	61
Figura 24- Dia Europeu das Línguas	86
Figura 25- Dia do Professor.....	87
Figura 26- <i>Día de la Hispanidad</i>	88
Figura 27- <i>Día de los muertos</i>	91
Figura 28- Voluntariado.....	91
Figura 29- Amigo invisível.....	92
Figura 30- -Viver o Natal na Campos Melo.....	93
Figura 31- Clube de Literatura com Arte.....	94
Figura 32- Dia da escola.....	95
Figura 33- Ida à Biblioteca Municipal da Covilhã para assistir <i>Comboio de Corda</i>	96
Figura 34- Cozinha Divertida.....	97
Figura 35- Ida ao teatro Municipal da Covilhã.....	98
Figura 36- Atividade de Laço azul-laço feito pelos alunos de várias escolas da Covilhã.....	100
Figura 37- Bilhete de participante no Sarau Cultural.....	101
Figura 38- Participação do Núcleo de Estágio de Português e de Espanhol na dança dos professores.....	101

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - respostas dos alunos à questão 1 e 2.....	43
Gráfico 2 - respostas dos alunos à questão 3.....	44
Gráfico 3 - respostas dos alunos à questão 4.....	46
Gráfico 4 - respostas dos alunos à questão 5.....	48
Gráfico 5 - respostas dos alunos à questão 6.....	49
Gráfico 6 - respostas dos alunos à questão 7.....	51
Gráfico 7 -respostas dos alunos à questão 8.....	52
Gráfico 8 - respostas dos alunos à questão 11	54
Gráfico 9 - respostas dos alunos à questão 12	55

Introdução

Já há vários anos que a história e a literatura andam de mãos dadas. Duas áreas que possuem uma interdisciplinaridade bastante interessante. Hoje em dia já existem inúmeros estudos sobre esta relação, no entanto, os estudiosos possuem opiniões distintas: uns defendem que é a história que serve de base à literatura, outros defendem que é a literatura que serve de base à história. Porém, os dois campos acabam por estar relacionados. Como será visto ao longo da elaboração deste trabalho a literatura portuguesa é composta por inúmeras obras que têm por base acontecimentos históricos. Neste contexto, é de destacar a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, é verdade que quando o cronista elaborou a obra não pensou que estava fazendo literatura, mas com o passar dos anos, a sociedade começou a considerar esta obra como uma obra literária. É de referir que às vezes é a literatura que se inspira numa época histórica para a criação de uma obra literária. Deste modo, esta relação entre história e literatura é bastante forte, e apesar destas duas disciplinas possuírem algumas características distintas, também são duas áreas que têm vários aspetos em comum; são dois campos que têm fronteiras bastante tênues. Assim, com a elaboração deste trabalho de investigação se pretende demonstrar a relação que existe entre história e literatura na *Crónica de D. João I* escrita por Fernão Lopes.

Relativamente à escolha deste tema, história e literatura sempre foram duas áreas que me chamaram muita atenção, já na escola gostava muito de história e, ao longo de todos estes anos na universidade, li vários livros que se inspiraram em diversas épocas históricas. Sempre considerei interessante como alguns autores analisam a sociedade e refletem seus valores e tradições através das obras literárias, assim como descrevem a época em que decorre uma determinada ação. Precisamente por isso, considerei que estudar esta relação na *Crónica de D. João I* seria uma experiência interessante. Além disso, a maneira como Fernão Lopes, ainda na Idade Média, descreve os acontecimentos é fundamental nesta obra.

No que toca à construção deste relatório de estágio, este é composto por duas partes. A primeira parte corresponde à parte da investigação. Por conseguinte, nesta parte da investigação, vão ser abordados aspetos relacionados com a relação que existe entre literatura e história no geral e, em seguida, serão retratados alguns aspetos da vida e obra de Fernão Lopes. Como a obra de referência para a elaboração deste trabalho é a *Crónica de D. João I*, a seguir será abordada a época histórica que serviu de base à *Crónica de D. João I*. Seguidamente, para demonstrar como Fernão Lopes

descreve acontecimentos históricos importantes através de uma obra literária, será apresentado o capítulo relacionado com a sua visão de história e literatura, mais especificamente na *Crónica de D. João I*. Esta parte do relatório de estágio termina com a minha parte experimental, ou seja, onde vai ser aprofundado o modo de trabalhar estes aspetos nas aulas de português.

Relativamente à segunda parte do presente relatório de estágio, esta é composta por toda a informação relacionada com o meu estágio pedagógico que decorreu no ano letivo 2024/2025 na Escola Secundária Campos Melo. Nesta parte do relatório faço uma breve descrição da escola, do núcleo de estágio e, sobretudo, das minhas aulas. Em seguida se procede à apresentação de algumas atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estágio de Português e Espanhol. E para terminar, serão apresentadas atividades em que o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol teve a oportunidade de participar. Para concluir, esta parte do relatório abarca toda a experiência que obtive durante o estágio pedagógico.

I^a Parte: A relação entre a literatura e a história na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes

Capítulo I: Relação entre história e literatura.

A questão principal deste capítulo é a relação que existe entre ¹história e literatura. História e literatura são duas áreas que já há inúmeros séculos andam de mãos dadas. Assim, pode-se afirmar que estas duas disciplinas têm alguns aspetos semelhantes e outros que as diferenciam.

Como já foi mencionado, história e literatura são duas áreas que possuem alguns aspetos em comum, hoje em dia existem diversos estudos relativos a esta questão. No entanto, cada autor defende uma perspetiva diferente: uns estudiosos afirmam que a literatura se serve de história para elaboração das obras literárias, outros afirmam que é ao contrário, que é a história que se serve de literatura para compreender determinados acontecimentos do passado. Assim, as duas áreas aparecem interligadas. Referindo que ainda existe um conjunto de características que unem estes dois campos, mas que também as diferenciam. Como se sabe, existe um grande conjunto de obras literárias que narram diversos acontecimentos históricos, a obra de Fernão Lopes, mais especificamente a *Crónica de D. João I*, é o perfeito exemplo disso. É de referir que esta é uma obra literária que tem por base a época histórica em que decorreu a ação, mais especificamente, a crise de 1383-1385. Dado que é uma obra da Idade Média, quando o cronista produziu esta obra ele fez pesquisas a nível de um historiador e escreveu a crónica com o objetivo de relatar os grandiosos feitos do rei D. João I. No entanto, é importante mencionar que quando Fernão Lopes escreveu a obra ele não pensou em produzir uma obra literária, mas sim tentou pôr por ordem cronológica diversos acontecimentos do passado. Porém, como com os anos as obras evoluem; assim, a obra que foi elaborada para ser um relato de história, graças à sociedade transformou-se numa obra literária, uma vez que a sociedade tem esse poder de alterar o caminho das obras.

Muitas vezes a história descreve uma determinada sociedade, ou seja, funciona como espelho de uma sociedade, mas quando se junta história e literatura há sempre uma descrição mais profunda dos acontecimentos; uma vez que a junção destas duas áreas possibilita abordar os conteúdos relacionados com cultura, valores, o cotidiano das pessoas e muitos outros aspetos que fazem parte duma comunidade. Além disso, é

¹ Neste capítulo pretendo escrever as palavras história e literatura com letra minúscula.

precisamente a literatura que permite estudar em profundidade as personagens, ou seja, como elas agem, pensam e como são apresentadas. No entanto, alguns estudiosos afirmam que por vezes esta relação entre estas duas disciplinas passa despercebida, uma vez que por vezes estas questões históricas são considerados como aspetos secundários numa obra literária. É importante salientar que quando falamos desta relação sempre surge a questão de que relação existe entre estas duas áreas, que características tem cada uma e qual é a sua função. Outra obra em que existe esta relação entre história e literatura é *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. Como se sabe, a ação desta obra literária decorre durante o Estado Novo e, na obra, o autor apresenta um conjunto de características sobre diversos acontecimentos históricos da época. No caso deste livro é a literatura que tem por base a fonte histórica.

De acordo com Maria Lúcia da Silva Nunes, para esta autora esta relação provocou muito entusiasmo “(...) foi instigante a leitura de análises historiográficas que tomam a Literatura como fonte (...)” (Nunes, 2016, p. 794), visto que a autora considerou muito interessante usar obras literárias para compreender alguns aspetos históricos. Uma vez que é um trabalho desafiante, pois oferece uma perspetiva diferente e enriquecedora sobre o passado.

É de mencionar que, segundo Maria Lúcia da Silva Nunes, a literatura tem um poder especial de transportar os leitores para diversos caminhos, assim como de criar alteração no estado de espírito de uma pessoa. Além disso, a literatura tem a capacidade de despertar inúmeras emoções que ajudam a levar os leitores para o mundo imaginário. A leitura de um livro, por vezes, desperta criatividade nos leitores, assim ao lermos certas obras conseguimos visualizar o espaço em que ocorre a ação da obra, assim como conseguimos visualizar as personagens e o que está a acontecer num determinado momento. Neste contexto é relevante referir que a literatura não surge apenas incentivada pela imaginação e criatividade; esta também está ligada ao ambiente histórico e social em que foi escrita uma determinada obra, acabando por refletir o contexto pelo qual foi influenciada. Baseando-nos nos estudos de vários autores, é precisamente este aspeto que interliga a literatura com a realidade: “Esse elo com a realidade é o que permite transformar um texto literário em documento para estudar a História, a Educação e outros aspetos da sociedade (...)”. (Nunes, Fialho e Machado, 2016, p. 796).

Além disso, segundo inúmeros estudiosos, como por exemplo, João Gouveia Monteiro a literatura permite revelar comportamentos ocultos, dar voz aos indivíduos silenciados e aponta aspetos que podem ajudar no trabalho do historiador, contribuindo para uma compreensão mais complexa e abrangente dos acontecimentos. Por exemplo, na *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes afirma no prólogo que pretende

contar a verdade, no entanto, isso não significa que todos os autores sigam as mesmas regras. Por conseguinte, segundo Maria Lúcia da Silva Nunes, quando se fala em relação entre história e literatura afirmando que a história utiliza por base a literatura, tem que se ter muito cuidado, visto que para tal tem de se verificar a fidedignidade e autenticidade de uma determinada obra. Neste contexto, é importante saber distinguir a verdade da ficção, sabendo ainda caracterizar cada uma delas (Nunes, 2016, p. 797). A história e literatura são duas áreas que se encontram em constante confronto. Assim, surge a questão de como estas duas áreas podem funcionar em conjunto. Segundo o historiador francês Le Goff (1994), a palavra “história” tem sentido de narração. Assim, surge a pergunta de se a história é verdade ou se é uma imaginação, ou seja, segundo este historiador, história pode ser considerada uma narração seja ela verdadeira ou falsa, desde que seja fundamentada na realidade histórica ou em criações totalmente imaginárias. De acordo com Maria Lúcia da Silva Nunes, a opinião deste historiador provocou algumas dúvidas ao nível da história, ou seja, diversos estudiosos começaram a discutir a fidedignidade das testemunhas orais e das obras literárias que servem de base à história (Nunes, 2016, p. 798). No entanto, o historiador francês Le Goff também menciona que um historiador ao compor factos históricos não tem a mesma liberdade que o autor duma obra literária, ou seja, um historiador tem um conjunto de regras que deve seguir para que a história seja a mais próxima da verdade (citado por Nunes, 2016, p. 798)

Segundo Gonçalves Filho, a existência de aspetos históricos, biográficos e literários nas obras literárias não estão lá por coincidência, estes estão inseridos porque fazem parte da ligação entre fatores artísticos e culturais. (citado por Nunes, 2016, p. 799).

No entanto, como já foi mencionado, quer a história quer a literatura são duas áreas que têm por base o real e apesar de tratarem essa realidade de distintas maneiras estas têm sempre alguns pontos em comum:

Enquanto a História busca a verdade e procura narrar, de forma organizada, o fato tal como se deu, a Literatura imagina o que aconteceu ou poderia ter acontecido e, mediante um discurso imagético, esforça-se para revelar uma concepção de realidade de tal modo que seja verossímil. Diversamente da História, a Literatura não busca a verdade, mas a verossimilhança, isto é, aquilo em que é possível se acreditar. (Nunes, Fialho e Machado, 2016, p. 802).

É de referir que as duas disciplinas procuram contar certas situações que aconteceram no mundo, mas cada uma pretende relatar duma maneira diferente; ou

seja, de acordo com as características da sua disciplina. Por exemplo, mesmo a nível da linguagem vai ser diferente. No caso da história, esta segue o caminho da objetividade, tentando retratar os episódios de maneira imparcial e leal à autenticidade aproximando os acontecimentos à realidade. De modo a criar uma narrativa histórica. Por sua vez a literatura segue o caminho da imaginação; não tendo tantas restrições como a história, é uma área que segue o caminho da liberdade podendo produzir narrativas com elementos ficcionais, mitológicos, históricos, etc sem se preocupar com as regras restritas que segue a história.

Segundo Maria Lúcia da Silva Nunes, na *Arte Poética* de Aristóteles, este refere que a diferença entre um historiador e um poeta é: “(...)um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.” (s/d, p. 303, citado por Nunes, 2016, p. 803).

Além disso, como já foi mencionado, segundo inúmeros estudiosos, como por exemplo, Maria Lúcia da Silva Nunes a literatura funciona como fonte para história, visto que esta já há vários anos funciona como ferramenta de análise e interpretação das interações humanas com o mundo. Se refletirmos sobre diversas obras em que surgem por base acontecimentos históricos, podemos afirmar que literatura sempre teve esse papel de análise e interpretação do passado e do presente. Assim, segundo Maria Nunes, é de salientar que as duas podem ser utilizadas como um instrumento para “conhecer o mundo”, visto que cada área de acordo com a sua análise consegue explorar o mundo de maneira distinta completando assim as pesquisas uma a outra. (Nunes, 2016, p. 804).

Segundo Helena Carvalhão Buescu, hoje em dia alguns estudiosos dão um certo destaque ao estudo desta relação entre história e literatura. (Buescu, 2008)

“A relação entre História e Literatura é um dos elementos fundadores do que hoje consideramos como o fenómeno literário (...)” (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*).

Baseando-nos nos estudos desta autora, esta afirma que ao longo dos anos de estudos de Maurice Halbwachs surgiu um novo conceito que é imprescindível para este tema, o conceito de “memória cultural e coletiva” (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*); este conceito surge com a intenção de despertar a atenção de que a retórica histórica, que tem o objetivo de explicar um determinado acontecimento, recorre àquilo que chamam de memória coletiva de uma determinada sociedade. Assim, a literatura acaba por estar relacionada com esta memória, uma vez que quer para a construção de um discurso histórico quer para a construção de um discurso literário tem que recorrer à memória coletiva. Ainda segundo a mesma autora, é relevante mencionar que por vezes a história fundamenta-se nos acontecimentos que a literatura considerou corretos, outras vezes é a literatura que vai buscar à história

determinados aspetos sobre o sucedido. (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*).

É de salientar que muitos estudiosos nestes dois campos afirmam que em determinadas situações a história surge na literatura como testemunha dum determinado acontecimento. Por conseguinte, Helena Carvalhão Buescu afirma que o exemplo disso são diversos historiadores do século XVIII que nas suas obras representaram o Terramoto de 1755. Assim, como já foi referido existe um conjunto de aspetos que constituem esta relação entre história e literatura. (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*).

Neste contexto é relevante mencionar que muitas vezes nas obras literárias surgem acontecimentos históricos que servem de base para a construção de uma determinada obra literária. Existem vários exemplos destas obras, duas já foram mencionadas, no entanto, também podemos referir a obra de Oliveira Martins que escreveu sobre história de Portugal; ou podemos falar sobre a obra de um dos grandes protagonistas da *Crónica de D. João I*, Nuno Álvares Pereira. Segundo Helena Buescu, nesta última obra há uma transposição do real para a literatura, dando deste modo um toque real a uma obra literária (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*). Muitas vezes numa obra literária que contém acontecimentos históricos recorre-se à imaginação, desta maneira um escritor consegue recriar melhor o tempo em que decorreu uma determinada situação. Relacionando as duas áreas forma-se uma obra literária baseada em acontecimentos históricos, conseqüentemente, é relevante destacar a importância do contexto histórico e social na criação de uma obra literária.

Segundo Helena Buescu, na maioria das vezes as obras literárias são influenciadas pelas circunstâncias sociais, políticas e económicas do tempo em que foram produzidas. Deste modo, uma obra literária acaba sempre por refletir a época histórica em que foi elaborada. Mais ainda, estas obras literárias acabam por possuir determinadas características sobre o seu tempo, estas características podem estar relacionadas com estilo, escrita ou até com o próprio tema. Além disso, como se sabe as obras literárias têm o poder de evoluir, ou seja, de sofrer alterações, podem ser reinterpretadas com o passar dos anos. Assim, se uma determinada obra foi lida no século XVIII de uma determinada forma, no século XX esta mesma obra já apresenta características que até então eram desconhecidas, uma vez que as pessoas podem ter encontrado outras interpretações relativamente a certos acontecimentos.

No entanto, de acordo com Helena Buescu, durante o romantismo a história serviu de inspiração para a produção das obras literárias que transmitem valores, tradições e emoções próprias do movimento romântico. Neste período é importante destacar Alexandre Herculano, que desempenhou um papel crucial na relação entre

história e literatura. Ainda segundo a mesma autora, ela afirma que é precisamente no campo destas duas disciplinas que Herculano irá trazer grandes contributos. (Buescu, 2008) Além disso, no seu artigo a autora refere escritores como José Saramago, António Lobo Antunes, Mário Cláudio, Agustina Bessa-Luís, Mário de Carvalho, ressaltando que nas obras destes escritores: “a História surge como motor de um pensamento sobre o contemporâneo que retira qualquer efeito passadista à reflexão feita sobre o passado.” (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*).

É de referir que, segundo Helena Buescu, as grandes inovações de Alexandre Herculano na literatura portuguesa criaram uma das principais linhas de desenvolvimento que devemos reconhecer na sua evolução. A ideia de que o “imaginário histórico”, ou seja, a representação da história e dos seus elementos na ficção atua como força impulsionadora da narrativa ficcional (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*). Além disso, esta autora refere que grande parte dos trabalhos de Herculano devem estar relacionados com a investigação histórica; a seguir passamos a citar exemplos de algumas destas obras: *A Dama Pé-de-Cabra*, *Arras por foro de Espanha*, entre outras. De acordo com Helena Buescu, Alexandre Herculano ao escrever narrativas históricas atribui uma certa importância a diversos aspetos como:

(...) *a sua insistência no concretismo, na visualidade, na pormenorização, que não são meros meios de dar “cor local”; a preocupação com a componente descritiva, de elementos materiais (...) mas também de actos ou cenas sociais (saraus, procissões, autos); a forma insistente como utiliza um vocabulário medieval, não só a nível por exemplo da reprodução de expressões coloquiais, exclamações ou expressões idiomáticas, mas ainda a nível da sua própria utilização técnica* (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*).

É de referir que alguns destes aspetos também aparecem na *Crónica de D. João I*, escrita por Fernão Lopes muito antes das obras de Herculano. Além disso, Helena Buescu também menciona Almeida Garrett, afirmando que este também se dedicou à pesquisas históricas, nomeadamente na obra *Frei Luís de Sousa*. Ela afirma que esta obra contribuiu bastante para manter a tradição histórica e mítica presente nela. Além disso, é de salientar que, segundo Pierre Barbéris, um romance que contém história acaba sempre por modificar alguns aspetos históricos (Buescu, 2008, *Dicionário de historiadores portugueses*).

Segundo Maria de Fátima Marinho, a “epopeia de Camões” recorre ao passado para reconstruir a história nacional. Além disso, a autora afirma que, em certas obras

como *Mensagem* de Fernando Pessoa ou *Poemas Ibéricos* de Miguel Torga, o protagonista que exerce papel de herói aparece tão bem elaborado que não há necessidade de narrar os grandes acontecimentos históricos praticados pelos mesmos. (Marinho, 2008, p. 123.) Ainda segundo a mesma autora, em alguns romances em que aparecem descritos acontecimentos históricos como, por exemplo, a batalha de Aljubarrota, a restauração posterior ao Terramoto de 1755 ou as invasões francesas e outros acontecimentos, muitos deles aparecem influenciados pelos grupos sociais mais poderosos. (Marinho, 2008, p. 123.):

(...) a História é um constante nas produções literárias, desde a Idade Média, apesar de o seu peso não ter sido sempre o mesmo, nem de se ter tido sempre consciência das possibilidades críticas e epistemológicas que estavam em jogo. (Marinho, 2008, p. 130).

É de referir que, num coloquio sobre literatura e história, Aníbal Pinto de Castro, professor da universidade de Coimbra, falou sobre Camilo Castelo Branco, referindo que este autor também em algumas das suas obras inseriu alguns acontecimentos históricos, além disso, ele afirma que uma obra literária sempre contém uma base histórica. Afirmando ainda que, segundo Júlio Lourenço, ao contrário dum escritor, um historiador não vai analisar uma sociedade se quiser demonstrar os costumes, valores e tradições duma determinada sociedade (Castro, 2004, p. 135.)

Além disso, Aníbal Pinto de Castro menciona que nas obras de escritores como Zola, Flaubert e Daudet podemos encontrar uma boa análise sobre a sociedade (classes sociais, valores e costumes) da época destes autores. Adicionalmente, menciona a importância da relação que Aristóteles estabelece na sua obra designada *Poética*, relembrando a relação entre poesia e história (Castro, 2004, p. 136.) No entanto, Aníbal de Castro afirma que as obras com base histórica produzidas por Camilo são diferentes, visto que nestas nota-se que foram escritas por gosto ou apenas por mera curiosidade (Castro, 2004, p. 136.).

Assim, como se pode verificar, entre história e literatura existem algumas semelhanças, algumas características que aproximam as duas áreas, mas também existem outras que as diferenciam. No entanto, as fronteiras entre estes dois campos não são muito transparentes, uma vez que quanto mais para trás andarmos torna-se cada vez mais difícil conseguir separar as duas.

Capítulo II: Vida e obra de Fernão Lopes

Sobre a vida pessoal de Fernão Lopes, historiador, cronista régio e uma das maiores figuras da Idade Média, tempo muito complexo e marcado por inúmeros fatores de mudança, pouco se sabe na verdade. Segundo alguns autores, como por exemplo, João Gouveia Monteiro e Óscar Lopes, nasceu por volta de 1380-1390, numa terra designada de Alandroal. Exerceu várias profissões: era tabelião, escrivão, guardamora da Torre do Tombo e cronista. Mas nomeadamente, trabalhou para a família real, exerceu trabalhos como escrivão, primeiro escrivão de D. João I e posteriormente do infante D. Duarte e do infante D. Fernando. É de referir que foi precisamente nesta altura que desempenhou funções de “escrivão de puridade” (citado por Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1996, p. 121).

Relativamente às origens de Fernão Lopes, sabe-se muito pouco e, apesar de vários estudiosos, como, por exemplo, Joel Serrão e João Gouveia Monteiro, terem contribuído com alguns dados biográficos, estas origens são meras suposições. De facto, hoje em dia, já existem inúmeros estudos sobre Fernão Lopes; porém, com as pesquisas feitas ao longo de todos estes anos, ainda não há certezas relativamente à vida pessoal e a algumas obras de Fernão Lopes. No que toca à família e a classe social a que pertencia, segundo João Gouveia Monteiro, Fernão Lopes, muito provavelmente, era de origem modesta; alguns estudiosos, incluindo o historiador João Gouveia Monteiro, afirmam que se relacionava com pessoas da classe dos mesterais. Até porque baseando-se nos estudos de João Gouveia Monteiro, Fernão Lopes casou com uma senhora, Mor Lourenço, que pertencia a uma família de mesterais. Também é sabido que com esta senhora Fernão Lopes teve um filho chamado Martinho (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 73)

A guerra com o reino de Castela terminou em 1411 e o cronista conseguiu ainda acompanhar a última fase deste confronto; conheceu algumas das testemunhas mais importantes desta época, pessoas que desempenharam um papel fulcral na eleição de D. João I como defensor do reino. Assim, embora Fernão Lopes pertença à geração subsequente àquela que se defrontou com os inimigos castelhanos, ele chegou a conhecer pessoas como o Mestre de Avis, Nuno Alvares Pereira; apoiantes de Dr. João das Regras e alguns cidadãos que defenderam Mestre de Avis. Segundo João Gouveia Monteiro, em 1418, o cronista Gonçalo Gonçalves foi sucedido pelo Fernão Lopes para exercer as funções de “guarda das escrituras do Tombo” (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 72). Mais especificamente, exercia função de chefe dos arquivos do Estado, que era considerado um lugar de grande importância na corte. Graças aos seus trabalhos bem elaborados como cronista da corte, em 1434 Fernão Lopes recebeu uma

“tença anual pecuniária” (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1996, p. 121). Foi precisamente por volta de 1418/19 que Fernão Lopes começou a sua longa e talentosa carreira que, segundo João Gouveia Monteiro, se prolongou até 1454. Além disso, segundo o mesmo historiador, já em 1418 Fernão Lopes surge como escrivão dos livros do infante D. Duarte e, em 1421, aparece como escrivão de puridade do infante D. Fernando, um cargo de profunda confiança e proximidade. Assim, é importante salientar o facto de que Fernão Lopes presenciou alguns anos do período do governo de D. João I, de D. Duarte, a regência de D. Pedro, da mesma maneira que os primeiros anos sob a administração de D. Afonso V (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 72)

Como já foi mencionado Fernão Lopes, ao longo da sua vida, exerceu diversos officios e todos eles eram de grande relevância; na medida em que todos os cargos ocupados pelo cronista demonstravam um certo nível de confiança em relação à sua figura. A partir de 1418, Fernão Lopes desempenha funções de guarda-mor da Torre do Tombo. Ainda relativamente à atividade do cronista, tal como já foi mencionado, Fernão Lopes começou a sua carreira por volta de 1418/19 e, nesta altura, o cronista cooperava com o infante D. Duarte (1391-1438), filho de D. João I. O cronista e o infante D. Duarte estavam trabalhar na compilação e na produção da crónica geral do reino de Portugal. É de referir que, apenas em 1434, o autor da *Crónica de D. João I* inicia oficialmente a carreira de cronista, cargo para o qual foi nomeado pelo D. Duarte para “pôr em crónica as histórias dos reis que antigamente foram em Portugal” (citado por Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1996, p. 122). Adicionalmente, o cronista tinha que também escrever sobre as grandiosas façanhas de D. João I e segundo Óscar Lopes, foi precisamente por esta obra que Fernão Lopes recebeu a tença já referida anteriormente (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1996 p. 121) Ademais, o cronista para além de receber a tença também recebeu a designação de “vassalo de El-rei” (citado por Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1996, p. 121); este foi um título que naquela época era outorgado como uma espécie de certificado de nobreza concedido às pessoas que provinham de classes que não eram consideradas nobres. Em 1438, morre o rei D. Duarte; o seu filho, D. Afonso V, ainda era muito novo para tomar a posse do trono; por conseguinte, o cargo de rei de Portugal vai ser ocupado pelo irmão de D. Duarte, D. Pedro, 1º Duque de Coimbra. O regente D. Pedro, que governou o reino português no período entre 1439-1448, esforçou-se por manter elementos proeminentes na corte, como é o caso de Fernão Lopes. É de referir que D. Pedro, em nome de D. Afonso V, encarregou o cronista com o mesmo trabalho de redigir as crónicas, e manteve a tença atribuída anteriormente pelo seu irmão, D. Duarte. É importante salientar o papel que desempenhou Fernão Lopes na pirâmide da

administração do Estado português, visto que o cronista era responsável pela documentação guardada na Torre do Tombo; toda esta informação era de alta importância e o cronista tinha acesso a qualquer documento que estava na Torre; este fator demonstra a confiança que tinham no cronista, uma vez que era um cargo de grande responsabilidade. Na obra intitulada *Fernão Lopes, texto e contexto*, João Gouveia Monteiro, ao citar José Hermano Saraiva, retrata muito bem estas responsabilidades e a confiança que tinham no Fernão Lopes:

*As leis não eram, como hoje, publicadas; o direito não se definia por providências gerais e abstractas, mas por meio de decisões caso a caso, favores e mercês reais, decisões em cortes, contratos, testamentos. Quando surgia um conflito de interesses era difícil saber qual o direito em vigor para aquele caso. E quem tinha obrigação de o saber era o guarda das escrituras, que fazia buscas, encontrava as fontes dos direitos invocados e delas passava a respectiva certidão (Saraiva, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 73).*

É precisamente com esta citação de Hermano Saraiva que percebemos o quão prestigioso era o cargo de Fernão Lopes no quadro hierárquico do Estado português. Além disso, como se sabe, durante a Idade Média era quase impossível ascender socialmente, porém Fernão Lopes, que muito provavelmente teve uma origem humilde, graças ao seu talento e dedicação, conseguiu alcançar um estatuto social mais elevado e ficou muito bem protegido no seio da corte. Ao longo dos anos, inúmeros historiadores dedicaram uma parte da sua carreira ao estudo de Fernão Lopes, e muitos deles têm uma boa descrição sobre a figura do cronista que marcou a diferença. Por exemplo, ainda na mesma obra de João Gouveia Monteiro, ele cita Oliveira Marques que apelidou Fernão Lopes como, “Alto funcionário público, valido da casa real” (Marques, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 73). Seguindo a mesma linha de pensamento, também não podemos deixar de referir outra grande figura que dedicou uma parte dos seus estudos a Fernão Lopes, Teresa Amado. Citando Teresa Amado, esta grande especialista afirma que o cronista em questão não pertencia a qualquer grupo de origem burguesa; que obteve um estatuto mais elevado graças aos seus trabalhos redigidos com cuidado e com um estilo de escrita único:

Não era membro puro de nenhum grupo. De origem pequeno-burguesa, ao que tudo indica, ganhou, pelas exigências da sua profissão e pelas suas próprias qualidades intelectuais, acesso ao convívio com pessoas e objetos que social e culturalmente estavam muito acima do horizonte que o seu nascimento teria

permittedo antever (Amado, *Fernão Lopes contador de história sobre a Crónica de D. João I*, 1997, p. 24).

Contudo, como já foi referido, a carreira de Fernão Lopes foi longa e significativa; porém, com o término do governo do regente D. Pedro, a atividade do cronista também chegou ao fim. Em 1449, Fernão Lopes é substituído pelo novo cronista chamado Gomes Eanes de Zurara. Cabe referir que, segundo Óscar Lopes, em 1449, algum tempo antes da batalha de Alfarrobeira, em que morreu o regente D. Pedro, Fernão Lopes, graças às suas produções literárias, recebeu novamente uma tença. Segundo vários estudiosos de Fernão Lopes, em 1454 Fernão Lopes deixou de desempenhar suas funções de guarda-mor da Torre do Tombo. Alguns afirmam que, muito provavelmente, esta mudança foi devida à sua idade já bastante avançada; outros defendem a ideia de que foi porque D. Afonso V, ao subir ao trono, quis substituir o cronista por outra figura da sua confiança. Não se sabe ao certo onde e como morreu Fernão Lopes, no entanto, alguns especialistas atestam que em 1459 ainda estava vivo. Este fator pode ser comprovado com a seguinte citação de João Gouveia Monteiro:

(...) quatro anos mais tarde está reformado do Tombo; “velho e fraco”, provavelmente, mas não tão decrépito que não possa surgir, em 1459, a contestar (vitoriosamente) a legitimidade de um neto como herdeiro dos seus bens. É esta, aliás, a última referência que possuímos dele (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 73).

No que toca à parte académica de Fernão Lopes, tal como sobre a sua vida pessoal, não se sabe muito relativamente à sua formação escolar. Muitos historiadores apresentam diversos pontos de vista sobre a formação de Fernão Lopes. Por exemplo, o filólogo português Rodrigues Lapa afirma que Fernão Lopes possivelmente aprendeu “latim no Estudo Geral ou em alguma escola monástica” (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 74). Por sua vez, António José Saraiva constata que:

(...) nada nos permite afirmar que ele tenha cursado a Universidade, a não ser que fosse um daqueles estudantes de S. Nicolau ou de outro hospício, que certos grandes personagens fundavam para perpetuação do seu nome neste mundo e para garantia da sua alma no outro (Saraiva, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 74).

Adicionalmente, António José Saraiva complementa esta afirmação acrescentando que, muito provavelmente, o autor da *Crónica de D. João I* tenha frequentado alguma escola “conventual ou a escola catedral de Lisboa” (Saraiva, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 74)

No entanto, toda esta informação sobre a formação académica de Fernão Lopes são apenas algumas hipóteses de certos curiosos sobre um cronista tão peculiar. Uma vez que, como não se sabe nada à respeito do seu estrato social, também se torna complicado saber em que ambiente se desenvolveu a sua vida enquanto criança e jovem. Por conseguinte, também é difícil responder à questão sobre a escola que poderia ter frequentado. Contudo, na opinião de João Gouveia Monteiro, Fernão Lopes não pertencia à classe dos letrados, uma classe bastante prestigiada durante a Idade Média (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 75) Assim, cabe mencionar que, como se sabe, Fernão Lopes era tabelião e, baseando-nos nos estudos de António José Saraiva, podemos afirmar que apenas uma pequena parte dos tabeliães era composta por indivíduos letrados. A maioria pertencia ao grupo dos pequenos burgueses e mesterais, que exerciam suas atividades profissionais junto ao notariado. Consequentemente, a formação desses profissionais não tinha de ser muito exigente: “a escolha dos tabeliães fazia-se através de um exame presidido pelo chanceler do rei, que não supunha, como hoje, uma preparação universitária” (Saraiva, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 75).

O historiador João Gouveia Monteiro afirma que, apesar de não se saber onde e como estudou Fernão Lopes, nos seus textos nota-se uma boa construção textual, além disso, ao ler e analisar as suas obras podemos encontrar inúmeras referências que denotam um numeroso baú de conhecimentos por parte do cronista. É de salientar que são precisamente estes conhecimentos que garantem a autenticidade e a sutileza da sua narrativa. Além disso, o historiador João Monteiro menciona ainda o facto de estes conhecimentos serem observados nas produções do cronista, visto que, nas crónicas de Fernão Lopes aparecem algumas fontes da cultura clássica, como, por exemplo, Aristóteles, Cícero, Ovídio e outros similares. Assim, baseando-nos em João Gouveia Monteiro, podemos afirmar que a grande parte dos conhecimentos culturais de Fernão Lopes têm por base os saberes adquiridos por interesse, curiosidade pessoal e não através de uma formação académica (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, p. 76). Outros historiadores e estudiosos em Fernão Lopes, ao analisar as suas obras literárias, afirmam que a formação cultural do cronista também foi influenciada por algumas obras históricas medievais, nomeadamente, produções de origem ibérica. Além disso, João Gouveia Monteiro sugere que muitos dos “elementos tradicionais” (Beau, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 77) que são mencionadas nas

produções escritas de Fernão Lopes têm como fonte a Bíblia, que na época do cronista tinha um papel crucial na tradição cultural. É importante ressaltar que isso também demonstra que o cronista aproveitava não só os documentos oficiais, a que teria acesso só um determinado conjunto de pessoas, como também recorria a fontes acessíveis a grande parte da população, como é o caso da Bíblia.

Assim, cabe mencionar que a grande variedade de fontes utilizadas pelo cronista enriqueceu ainda mais as suas obras. De facto, Fernão Lopes não se limitava a documentos oficiais, investigou um grande número de referências que incluíam obras literárias, sermões e textos religiosos. Esse método permitiu partilhar seus trabalhos com um público mais amplo, proporcionando assim uma perspectiva mais completa dos acontecimentos e das situações que narrava.

É de salientar que, segundo João Gouveia Monteiro, as obras de Fernão Lopes apresentam um vasto valor, tanto histórico como literário, e é precisamente graças aos seus métodos e ao estilo de escrita peculiar que utiliza na elaboração da narrativa que este cronista é frequentemente considerado como o primeiro historiador português.

Como é conhecido, o fundamental da obra feita por Fernão Lopes é constituído por uma *trilogia* (citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 78) que é formada por três crónicas: *Crónica de D. Pedro I*, *Crónica de D. Fernando* e *Crónica de D. João I* (primeira e segunda parte). Assim, é relevante mencionar que, de acordo com Óscar Lopes, o último trabalho realizado por Fernão Lopes foi a *Crónica de D. João I*, mais especificamente, as primeiras duas partes, uma vez que a terceira parte da *Crónica de D. João I* foi feita pelo sucessor de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 122). É de destacar que, tal como já foi referido, alguns estudiosos afirmam que Fernão Lopes não elaborou a terceira parte da crónica, dado que já estava prestes a reformar-se. Porém, Teresa Amado sugere uma outra hipótese, afirmando que o abandono da terceira parte da *Crónica de D. João I* pode estar relacionado com uma parte sentimental do próprio Fernão Lopes; ou seja, quando o cronista deixou a elaboração da obra, ainda faltavam vinte anos de acontecimentos para narrar e o episódio a seguir era sobre a conquista de Ceuta, que Teresa Amado descreve como “(...) feito de armas heróico e dignificado pela categoria de cruzada (...)” (Amado, *Fernão Lopes contador de história sobre a Crónica de D. João I*, 1997, pp. 55-56). Neste contexto, não podemos deixar de mencionar que foi precisamente esta situação que deu início à expedição norte-africana, que desde o princípio será motivo de imensa tristeza e descontentamento, uma vez que foi este episódio que gerou “cativeiro e morte do filho do cronista e do infante D. Fernando, seu amigo” (Amado, *Fernão Lopes contador de história sobre a Crónica de D. João I*, 1997, p. 57). É precisamente por este motivo que Teresa Amado sugere que, muito

provavelmente, essa foi a razão pela qual Fernão Lopes entregou a sua função para outro cronista. É de destacar que a *Crónica de D. João I* terá um foco peculiar, dado que é precisamente esta crónica que servirá de base a este trabalho.

Ao longo de vários anos houve inúmeras incertezas relativamente às obras de Fernão Lopes, porém, atualmente, já há diversos historiadores e estudiosos que, após extensos estudos sobre este cronista, atestam que, para além desta trilogia, existem outras obras de Fernão Lopes. Baseando-nos na opinião de Óscar Lopes, possivelmente estas produções ficaram incompletas, como é o caso das crónicas dos reis de Portugal, que narram acontecimentos desde a administração do Conde D. Henrique até D. Afonso IV, incluído este último (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 122) Além disso, na obra *Fernão Lopes, texto e contexto*, João Gouveia Monteiro afirma que, no capítulo CLIX da 1ª parte da *Crónica de D. João I*, o próprio Fernão Lopes declara:

(...) *de guisa que como no começo desta obra nomeamos fidalgos alguiis, que ao Comde dõ Hamrrique ajudarom gaanhar a terra aos Mouros; assi neste segundo vollume diremos huiis poucos dos que ao Mestre foram companheiros em deffender o rreino de seus emiigos* (Lopes. F , citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 79).

Segundo esta citação entendemos que Fernão Lopes compôs uma outra crónica antes da *Crónica de D. Pedro*. É de salientar que Óscar Lopes afirma que hoje em dia existem duas cópias datadas do século XVII, de manuscritos originais do século XV. No que toca à primeira cópia, esta é constituída pelas crónicas já referidas, ou seja, as crónicas dos reis de Portugal: formada pelas crónicas dos cinco primeiros monarcas de Portugal; esta está localizada na Biblioteca Pública do Porto e segundo João Gouveia Monteiro esta cópia foi encontrada por Magalhães Basto (*Fernão Lopes, texto e contexto*, p. 79). Relativamente à segunda cópia, que se localiza no códice da Casa Cadaval, foi encontrada por Carlos da Silva Tarouca. E esta cópia contém criações muito parecidas às da primeira cópia, porém, estas prolongam-se até a governação de D. Afonso IV. No entanto, segundo João Gouveia Monteiro, nenhum destes textos garante ao certo que foram elaborados por Fernão Lopes, porém aparece um marco bastante interessante que indica a possibilidade de seu autor ter sido Fernão Lopes, uma vez que apresenta referência que indica o início da redação do texto, que data de 1 de julho de 1419 (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, p. 79). É de denotar que, nesta fase, Fernão Lopes já colaborava com a família real e já exercia funções de escrivão e de guarda-mor da Torre do Tombo. Contudo, foi precisamente devido a esta incerteza que Luís Filipe Lindley Cintra, filólogo e linguista português, decidiu realizar

uma pesquisa mais detalhada sobre as cópias acima mencionadas. Assim, segundo João Gouveia Monteiro, com estas pesquisas Lindley Cintra concluiu que estes textos eram um mero rascunho que ainda não estava completo. Para completar esta referência, João Gouveia Monteiro cita Lindley Cintra:

(...) rascunho esse, (...) atribuível a Fernão Lopes (o que não significa um texto inteiramente redigido por ele: parte é simples transcrição de fontes narrativas ou de documentos notariais, parte pode ter sido redigida por colaboradores, (...) outra parte (...) foi seguramente redigida pelo próprio cronista (Cintra, citado por Monteiro, Fernão Lopes, texto e contexto, 1988, p. 80).

Neste contexto, é relevante mencionar que, baseando-se nos estudos de Óscar Lopes, Gomes Eanes de Zurara, que como se sabe foi sucessor de Fernão Lopes, afirma que Fernão Lopes foi encarregue por D. Duarte, ainda quando D. João I estava vivo, de escrever as crónicas dos reis de Portugal. Assim, é de salientar que o próprio cronista confirma que a sua obra era composta por dois volumes e incluía o período do governo do Conde D. Henrique. Este facto sugere que as crónicas já mencionadas sejam aquelas que foram escritas por Fernão Lopes a pedido de D. Duarte, que aparece mencionado nos textos como autor da obra. Segundo as pesquisas realizadas por Óscar Lopes, é relevante destacar que os comentários feitos por Fernão Lopes às suas obras sobre os primeiros reinados, correspondem ao conteúdo das duas cópias acima mencionadas, com exceção da época em que governou Conde D. Henrique, uma vez que, este período aparece como incompleto em ambos os textos. Contudo, de acordo com João Gouveia Monteiro, houve um período em que o nome de Fernão Lopes desapareceu dos textos, talvez isso tenha ver com o facto de que, no século XVI, algumas das obras de Fernão Lopes foram reescritas pelo cronista Rui de Pina, e várias produções de Fernão Lopes foram outorgadas a este cronista. Rui de Pina, ao redigir os textos, optou não só por reescrever as obras, mas também atualizou a linguagem e adaptou-a ao seu estilo. Além disso, é importante destacar que a trilogia, que é reconhecidamente associada a Fernão Lopes, praticamente desapareceu por cerca de dois séculos, não obstante, no século XVI, existiam algumas cópias. Muito provavelmente esse desaparecimento tenha sido em parte atribuído a Rui de Pina.

Como já foi mencionado, houve uma fase em que o nome do cronista desapareceu. Depois da morte de Fernão Lopes, seu sucessor, Gomes Eanes de Zurara, enquanto guarda-mor das escrituras do Tombo, ainda tentou manter o nome de Fernão Lopes mencionando o cronista em inúmeros textos. Porém, depois de Gomes Eanes de Zurara, não se conhece nenhuma referência de outros cronistas relativamente a Fernão

Lopes: “O certo é que, pouco após a sua morte, e como afirma A. J. Saraiva, «o nome de Fernão Lopes sumiu-se na obscuridade, substituído pelo de Rui de Pina»; e as suas crónicas mais importantes, «deixaram de ser lidas»” (Saraiva, A, citado por Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1988, p. 84). No entanto, não podemos deixar de parte o papel de Damião de Gois, que também exerceu funções de cronista da corte durante o reinado de D. João III, assim como desempenhou funções de guarda-mor da Torre do Tombo. É de salientar que este cronista foi o precursor na defesa de Fernão Lopes. Segundo Óscar Lopes, Damião de Gois foi o primeiro a reconhecer e atribuir as crónicas dos reis de Portugal a Fernão Lopes, dado que estas estavam a ser atribuídas ao Rui de Pina (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 123)

É relevante mencionar que, segundo vários autores, as crónicas dos reis de Portugal têm por base fragmentos da *Crónica Geral de 1344*, porém nota-se que o seu autor teve preocupação em enriquecer a obra, uma vez que teve o cuidado de procurar documentos oficiais que provavelmente localizou na Torre do Tombo. Além disso, como se sabe, o facto de Fernão Lopes ser o guarda-mor da Torre do Tombo permitiu-lhe obter informação de vários documentos autênticos, foi precisamente nestes documentos que ele se baseou para escrever suas crónicas. Mas será que foram só estes documentos que serviram de fonte para as crónicas de Fernão Lopes? Neste contexto, é importante ressaltar que, segundo Óscar Lopes, para além das crónicas que já foram mencionadas, nos trabalhos do cronista há várias pistas que indicam que existe um conjunto de outras obras que não se preservaram até os dias de hoje (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 123) Como o exemplo disso, Óscar Lopes apresenta a crónica de Martim Afonso de Melo, que narra os acontecimentos decorridos no reinado de D. Fernando. Menciona ainda uma outra intitulada *Dr. Christophorus*, porém nenhuma destas crónicas chegou até nós (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 123) Além das crónicas já referidas, é importante mencionar que, segundo Óscar Lopes, a *Crónica de Condestabre* tem inúmeros aspetos em comum com as crónicas de D. Fernando e de D. João escritas por Fernão Lopes (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 123) Assim, é fundamental mencionar que, para além de Fernão Lopes se ter inspirado nas obras anteriores para escrever suas crónicas e para além de ir buscar informação na *Crónica de Condestabre*, muito provavelmente o autor da *Crónica de Condestabre* e Fernão Lopes beberam das mesmas fontes para a elaboração das suas obras. Ainda na mesma linha de pensamento, de acordo com Teresa Amado, a *Crónica de Condestabre* é a fonte mais utilizada por Fernão Lopes (Amado, *Fernão Lopes contador de história sobre a Crónica de D. João I*, 1997, p. 19) Adicionalmente, Teresa Amado descreve Fernão Lopes como um cronista que, apesar de não realizar grandes mudanças na governação, sempre lutou pela justiça (Amado, *Fernão Lopes*

contador de história sobre a Crónica de D. João I, 1997, p. 24). Afirmando também que as suas obras apresentam a narração dos acontecimentos de um modo peculiar:

Até aos roteiros de viagens que aparecerão umas dezenas de anos mais tarde, ele permanece caso único entre os autores de grandes obras narrativas como possuidor dum olhar exógeno sobre a cena (e as cenas) do poder. Isso havia de marcar o modo como concebeu e narrou os acontecimentos (Amado, Fernão Lopes contador de história sobre a Crónica de D. João I, 1997, p. 24).

Deste modo, Fernão Lopes, uma figura proeminente da Idade Média, pode ser considerado um dos mais importantes cronistas portugueses da época. Além disso, segundo Óscar Lopes, este cronista frequentemente é reconhecido como o primeiro historiador português, ou seja, o primeiro que não se restringiu apenas ao trabalho de juntar as obras e compor por ordem cronológica; este cronista sempre procurou informar-se nas fontes documentais, demonstrando assim seu espírito crítico por meio de uma análise mais pormenorizada. No entanto, é de referir que, apesar de inúmeros estudos realizados sobre a vida e obra de Fernão Lopes, ainda existe um conjunto de detalhes que permanecem desconhecidos até os dias de hoje. Além disso, como já foi mencionado, é provável que Fernão Lopes tenha vindo de uma camada social humilde. Não obstante, foi precisamente graças ao seu talento e ao seu estilo de escrita distinto que conseguiu alcançar uma certa ascensão social.

Capítulo III: Época histórica da *Crónica de D. João I*

Como se sabe, a *Crónica de D. João I* foi escrita à volta de meio século depois dos acontecimentos que são abordados nesta obra literária. D. Duarte, filho de D. João I, protagonista da *Crónica de D. João I*, incumbiu Fernão Lopes de escrever as histórias dos reis de Portugal. Por conseguinte, neste capítulo serão relatados os factos históricos que serviram de base a Fernão Lopes para escrever a *Crónica de D. João I*.

Primeiramente, é de referir que, durante os primeiros quartéis do século XIV, a Europa passou por uma grave crise: peste negra, fome e guerra foram os principais fatores que contribuíram para esta instabilidade que afetou todo o continente europeu. Este desequilíbrio também se fez sentir em Portugal e trouxe profundas transformações políticas, económicas e sociais. É de destacar que, desde o reinado de D. Afonso IV (1325-1357), Portugal enfrentava dificuldades significativas e com o seu sucessor, D. Pedro I (1357-1367), as dificuldades se agravaram. No entanto, apesar de várias medidas adotadas por D. Pedro I quer no que toca à agricultura, quer no que toca à justiça e administração do reino, estas não foram eficazes nem suficientes para colmatar todos os problemas que atingiam o reino. Com D. Fernando, também cognominado de “O Formoso” (1367-1383), herdeiro de D. Pedro I, as adversidades que afetavam Portugal nos dois reinados anteriores se intensificaram no reinado deste monarca. A sucessão de colheitas desfavoráveis, as constantes guerras com o reino de Castela e a peste negra acentuaram as dificuldades financeiras e sociais de Portugal. Consequentemente, D. Fernando viu-se obrigado a adotar um conjunto de medidas para salvar o país. Tal como nos dois reinados anteriores, uma das medidas estava relacionada com o cultivo de cereais. A *Lei das Sesmarias*, estabelecida por D. Fernando em 1375, tinha como objetivo principal incentivar o cultivo de cereais. Ou seja, dado que a cultura cerealífera estava a ser substituída por outras mais lucrativas, o monarca teve que empreender medidas para travar esta situação. Por conseguinte, de modo a fixar a mão de obra rural, D. Fernando estipulou o cultivo dos campos abandonados, sendo que só assim seria possível a produção de cereais. Além desta medida, D. Fernando também viu a necessidade da expansão marítima: é de salientar que, durante o reinado de D. Fernando, o comércio marítimo em Portugal ganhou um certo destaque que pode ser demonstrado através da seguinte citação de Fernão Lopes:

E portanto informa o cronista: vinham de desvairadas partes muitos navios a ela (Lisboa) em guisa que com aqueles que vinham de fora e com os que o reino havia,

jaziam muitas vezes até a cidade 400 e 500 navios de carregação e estavam à carga no rio de Sacavém e no porto de Montijo, da parte do Ribatejo, 60 e 70 navios em cada lugar carregando sal e vinhas (citado por Cortesão, Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, 1974, p. 112).

Assim, podemos afirmar que D. Fernando tentou transformar Lisboa numa metrópole mercantil e marítima; foi precisamente graças às suas apostas na proteção da navegação comercial que conseguiu promover o incremento económico do país. Baseando-se em alguns historiadores portugueses que acreditam na versão relatada pelo cronista, o reinado de D. Fernando não pode ser considerado um fracasso precisamente por causa deste fomento económico. A *Lei das Sesmarias*, que visava impulsionar o incremento da produção cerealífera; a promoção das relações marítimas e comerciais com vários países europeus; a construção da muralha de Lisboa, que no futuro irá salvar a capital; e a invenção dos seguros marítimos, todas estas medidas trouxeram rendimentos para o reino. No entanto, a informação sobre estes seguros decorre apenas dos factos que Fernão Lopes descreve nas suas crónicas e, segundo este cronista, todos os lucros que provinham deste comércio favoreciam tanto a população como o rei. Assim, relativamente aos seguros marítimos, afirma Jaime Cortesão:

O monarca institui em Lisboa e no Porto duas bolsas, cujo capital é formado por uma percentagem de dois por cento sobre os fretes de todos os navios para cima de cinquenta tonéis, ficando os proprietários, desta maneira, a pertencer a uma espécie de companhias de seguros contra a perda de navios, por naufrágios ou qualquer outro incidente, e de mútuo auxílio para acudir aos encargos de proveito comum (Cortesão, Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, 1974, pp. 115-116)

De acordo com a citação apresentada podemos afirmar que inicialmente a metrópole do reino era Lisboa, porém com o passar do tempo e com desenvolvimento das relações marítimas e mercantis, o Porto também atingiu um certo destaque.

Assim sendo, após a abordagem de vários fatores que foram considerados como pontos fulcrais do reinado de D. Fernando, é importante referir que o reinado deste monarca foi caracterizado por uma crise administrativa, uma crise de sucessão e constantes guerras com Castela, mas não por uma crise económica. É de destacar que não foi a desvalorização da moeda ou o aumento dos impostos que gerou o grande descontentamento. A revolta foi provocada devido ao casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles: esta união gerou várias disputas tanto entre a nobreza como entre as

classes rurais. Os mesteirais ganharam um certo destaque neste conflito, dado que estes não concordavam com o casamento de D. Fernando e D. Leonor Teles; por isso, o monarca fugiu de Lisboa e casou com D. Leonor no Mosteiro de Leça do Balio, nos arredores do Porto. Quando regressaram à corte, as manifestações continuaram e alguns solicitaram justificações ao rei:

*No rei assentou a covardice, e Leonor Teles não podia ainda contar com partido próprio. Fugiram, pois, às escondidas, para Santarém; e o povo, burlado, ficou em vão esperando o rei no átrio de S. Domingos, para onde o comício fora aprazado. Pelo caminho na fuga, o rei carinhoso observava: “Olhai aqueles vilões traidores, como se juntavam: prendiam-me certamente, se lá vou”. E não podia esconder o susto, conchegando-se ao colo da rainha, no seio duma inclinação protectora (citado por Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 143).*

Segundo Fernão Lopes estas revoltas da população espalharam-se um pouco por todo o país (Martins, *História de Portugal*, p. 143) É de salientar que, durante o seu reinado, D. Fernando atribuiu vários títulos nobiliárquicos e o casamento com Leonor Teles permitiu estabelecer aliança com o tio da rainha, uma importante figura da alta nobreza, João Afonso Telo, conde de Barcelos e Ourém.

Segundo Oliveira Martins D. Fernando era conhecido pela sua popularidade entre o sexo feminino, muitos historiadores afirmam que era um rei fraco, que não tinha suficientes forças para governar o país. A população sentia-se muito desprotegida com um rei que possuía tais características, o monarca via-se incapaz de cumprir os seus planos, nunca chegava a completar qualquer trabalho que realizasse. Adicionalmente, no âmbito político, era muito desorganizado, o que não era bem visto pela população:

*D. Fernando não tinha essa virilidade de carácter. Distinto, perspicaz, engenhoso de espírito, bom, afável de génio, faltavam-lhe o valor que faz os homens, e a vontade que faz os reis. Era uma indolência formada de espírito de sensualidade; uma criatura romântica e simpática; uma mulher, fraca e inteligente, sentada no trono (Martins, *História de Portugal*, 1972, pp. 132-133).*

Na corte da sua irmã, a infanta D. Beatriz, filha de Inês de Castro e de D. Pedro I, D. Fernando conheceu a D. Leonor Teles de Meneses, que na altura visitava a sua irmã D. Maria Teles, uma dama da infanta D. Beatriz. Um dos aspetos que mais gerou discordâncias tem a ver com o facto de que Leonor Teles estava casada com um fidalgo

e enganava o marido, porém isso não significou nada para nenhum dos dois. Por conseguinte, o povo chamava-a aleivosa e adúltera. Considerando que D. Fernando não tinha nem espírito nem forças para ser rei e apaixonou-se pela Leonor Teles, uma dama que nunca foi aceite pela população portuguesa: “Ela fez-se rei; ele tornou-se a amante, passiva, indolente, sensual” (Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 133) É de referir que D. Fernando, ao casar com esta dama, violou o tratado de Alcoutim criado para estabelecer a paz após a primeira guerra com o reino de Castela (1369-1370). Segundo este tratado o monarca deveria ter casado com a filha do rei de Castela, o que seria uma das maneiras para salvaguardar a paz entre os dois reinos. Mais tarde, mais especificamente em 1372, o rei português decide criar uma aliança com a Inglaterra contra Castela, porém o rei de Castela precipitou-se e conseguiu invadir Portugal muito antes que alguém pudesse agir contra Castela. Para garantir a paz D. Fernando foi obrigado apoiar o monarca de Castela.

A terceira guerra com Castela decorreu entre 1381-1382 e devastou Portugal: á volta das muralhas de Lisboa estava tudo destruído. Diante da incapacidade do rei de administrar e proteger o reino, o povo português, novamente, foi obrigado a mobilizar todas as suas forças para lutar e defender a cidade por conta própria. É de referir que, apesar das destruições generalizadas em torno das muralhas, o povo português demonstrou a sua coragem e lutou por uma causa comum que foi a defesa nacional. Assim, D. Fernando não teve outra opção senão assinar um tratado de paz com o monarca de Castela.

Durante este período de grandes tensões e conflitos entre o reino de Portugal e o reino de Castela, nasceu a infanta D. Beatriz (1373-1420), filha de D. Fernando e de D. Leonor Teles. Ao ver que podia ser uma boa oportunidade, D. Fernando propôs ao rei de Castela, D. Juan I, casar com a sua herdeira. Assim, uma das principais cláusulas estabelecidas no acordo de paz foi este casamento que ficou concertado no Tratado de Salvaterra de Magos em 2 de abril de 1383. O monarca do reino português faleceu em outubro de 1383 deixando D. Beatriz como herdeira do trono, porém, outros pontos fulcrais estabelecidos no tratado assinado, poucos meses antes, estavam relacionados precisamente com esta sucessão do trono. Um dos aspetos estava relacionado com a separação entre os dois reinos, e D. Leonor deveria conservar a regência até que a infanta D. Beatriz tivesse um filho varão de 14 anos, dado que este seria o monarca do reino português, mas não do reino de Castela. Uma vez que o castelhano D. Juan I tinha herdeiros do casamento anterior. Toda esta situação criou grande descontentamento, visto que, a todos os problemas que assolavam Portugal, juntou-se o problema da crise dinástica que começou com a morte do D. Fernando e o casamento da sua única filha legítima, a infanta D. Beatriz, com o rei de Castela. Fernão Lopes descreve este

momento como “grande desvairo entre el-rei e o povo” (citado por Saraiva, *História Concisa de Portugal*, 2021, p. 152). Como D. Beatriz na altura tinha cerca de 12 anos, a regência passou para D. Leonor Teles, todavia o monarca castelhano também não ficou parado e encarcerou o infante D. João, filho de D. Pedro I e Inês de Castro; sendo que este também possuía direito ao trono português, isso constituía um perigo para o monarca do reino de Castela. O povo e até alguns membros da nobreza não aceitaram a aclamação de D. Beatriz como rainha, visto que ela e o seu marido D. Juan I de Castela como reis de Portugal colocavam em perigo a independência do país: este fator gerou inúmeras revoltas em cidades e vilas. Além disso, a regência de D. Leonor Teles que se seguiu à morte do marido também não foi bem recebida. Contudo, para que a nação não a expulsasse do trono ela tentava ganhar alguns adeptos e para tal fingia a sua dor e desânimo pela morte do marido:

*(...) fingia-se mui desconsolada e chorava em grandes prantos. Em uma câmara escura, coberta de dó, com lágrimas e soluços – que às mulheres não faltavam quando lhes servem – se lamentava, com as visitas, do seu desamparo, queixando-se do governo que o rei dera ao reino, agora pobre e infeliz (Fernão Lopes) (citado por Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 146).*

Visto que a administração de D. Leonor significava continuação das orientações políticas anteriores, este fator causou várias manifestações um pouco por todo o país, com maior incidência em Lisboa onde os burgueses propuseram à regente a criação de um conselho de governo constituído pelos burgueses. O povo, alguns membros da nobreza e a burguesia queriam mudança; por isso, foram pedir ajuda ao filho bastardo de D. Pedro I, D. João, Mestre da Ordem militar de Avis.

Assim, começou a ser organizado um dos momentos fulcrais que o cronista Fernão Lopes descreve na *Crónica de D. João I*. Este acontecimento que mobilizou a população de Lisboa para ajudar o Mestre e ficou conhecido pela *Revolução* de 1383-1385 trouxe profundas transformações políticas e sociais.

O rei castelhano já estava a preparar as tropas para invadir Portugal. D. Leonor Teles, que tentava ganhar a confiança do povo, nomeou responsáveis pelas fronteiras do reino e atribuiu ao Mestre de Avis a parte entre o Tejo e o Guadiana. Porém havia duas pessoas importantes desta época que estavam contra a regência de D. Leonor e apoiavam o Mestre de Avis: Nuno Álvares Pereira e Álvaro Pais, dois homens que desempenharam um papel fundamental nesta revolução. O primeiro destacou-se como uma das importantes figuras da Idade Média e o segundo realizou um trabalho brilhante que elevou o Mestre de Avis a “regedor e defensor do reino” (Saraiva, *História*

Concisa de Portugal, 2021, p. 156). Assim, como estas duas personalidades prepararam a revolução e conquistaram adeptos para D. João, Mestre de Avis? Álvaro Pais, o criador da estratégia, e o Mestre de Avis, executor do plano, combinaram que no dia 6 de dezembro de 1383 iriam matar o conde João Fernandes Andeiro, amante e um dos principais adeptos da rainha. Sendo assim, como estava combinado no dia 6 de dezembro, o Mestre de Avis, antes de partir para a sua fronteira no Alentejo, foi ao paço para despedir-se da rainha. Um pouco depois regressou acompanhado de alguns fidalgos, a rainha achou estranho, mas D. João, Mestre de Avis, afirmou que precisava de mais pessoas para reforçar a fronteira. O Mestre de Avis já estava decidido a cometer o crime, porém estava à espera do momento adequado para o executar. Enquanto isso, Leonor Teles encontrava-se nos seus aposentos acompanhada com suas damas e o Conde Andeiro; o comportamento do Mestre despertou alguma inquietude na rainha, mas ela não o quis demonstrar. Chamou o escrivão com o livro dos vassallos e autorizou o Mestre a escolher os que quisesse, mas D. João não parecia prestar atenção. Assim que Conde Andeiro se retirou para outra sala, o Mestre, com medo de perder a oportunidade, seguiu-o e cometeu o crime, matou o Andeiro, dando-lhe uma cutilada na cabeça:

O Mestre empurra então o conde para o vão de uma janela. Ele ia a falar ...«sendo, porém, mais tempo de o matar, do que de o ouvi», deu-lhe uma cutilada na cabeça, a valer. Desarmado, o infeliz não podia defender-se; e assim que inclinou a cabeça rachada pelo meio, a gente do Mestre acabou-o ali às estocadas (Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 149).

Após o ato criminoso, chegou a hora da execução do episódio que Fernão Lopes descreve muito detalhadamente na *Crónica de D. João I*. Álvaro Pais ordena ao pajem ir gritar pelas ruas que matam o Mestre nos paços da rainha; esta estratégia astuta e muito bem desempenhada tinha como objetivo chamar a atenção do povo que, ao ouvir isso, mobilizou-se imediatamente para ir socorrer o Mestre. Enquanto isso, dentro do paço estava uma grande confusão: uns gritavam, outros tentavam fugir. Como o Conde Andeiro era o ponto fraco da rainha, esta, ao ouvir que mataram o Andeiro, exaltou-se e “rugiu de fúria como se lhe matassem os filhos” (Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 149) Além disso, D. Leonor Teles, aterrorizada com o perigo, temeu pela sua vida, por isso mandou perguntar ao Mestre sobre as suas intenções, mas este não pretendia matá-la. É de referir que o Mestre de Avis era um jovem de 26 anos; era simples e muito influenciável por Álvaro Pais. Na cidade começou o alvoroço, Álvaro Pais dirigia a procissão; o povo gritava insultando a rainha e os que estavam dentro do paço

gritavam que o Mestre estava vivo e o Andeiro morto, mas no meio de tanta confusão ninguém conseguia ouvir nada. Seguidamente, para acalmar o povo o Mestre de Avis apareceu à janela e foi bem recebido “Vinde para nós, gritavam-lhe, e dai ao demo esses paços!” (citado por Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 150). Deste modo percebemos que o plano de Álvaro Pais foi concretizado com sucesso, visto que isso permitiu a D. João, Mestre de Avis, ganhar mais adeptos. Com a morte do Andeiro e praticamente toda Lisboa contra a rainha, D. Leonor Teles que criou um grande sentimento de ódio contra esta cidade, decide partir para Alenquer e como plano de vingança, sem pensar nas consequências, convida o rei de Castela para invadir Portugal. Nesta altura toda a população se encontrava dividida: a grande maioria da nobreza e fidalguia apoiava a rainha; os que não apoiavam a rainha e a grande parte das classes médias apoiavam o infante D. João, filho de D. Pedro I e Inês de Castro. É de salientar que alguns alcaides das terras apoiavam o monarca castelhano ou o infante D. João, porém as classes rurais apoiavam o Mestre de Avis.

Com a população dividida o Mestre de Avis e Álvaro Pais viram que o seu plano já não estava a resultar, por conseguinte Álvaro Pais propôs a D. João, Mestre de Avis, casar com D. Leonor Teles, mas ela recusou a proposta. No entanto, foi graças a Nuno Álvares e Álvaro Pais que D. João I deixou o seu título de *Mexias* e se tornou o verdadeiro Defensor do reino. Como já tinha mencionado, foi a D. Leonor Teles que seguiu o seu sentimento de vingança e convidou o rei de Castela a invadir Portugal; mais tarde ela própria viu-se presa nesta situação: pelas ordens do seu genro D. Juan I de Castela, acabou por ser internada no Mosteiro de Tordesilhas. Em 1384, com o exército castelhano em Lisboa, este era o segundo cerco da capital e acabou por ser muito mais devastador que o primeiro que ocorreu no reinado de D. Fernando. Agora a fome e as doenças apareceram juntas, no entanto a cidade encontrava-se bem protegida dos castelhanos graças à muralha fernandina. Fora das muralhas a peste provocava cada vez mais mortes, ninguém conseguia resistir a esta doença aterrorizadora. Só quando D. Beatriz e vários soldados do exército castelhano adoeceram D. Juan I levantou o cerco.

Nas outras zonas do país, as guerras continuaram por mais um ano, em 1384 Mestre de Avis conquistou inúmeros apoios devido aos sucessos que obteve nos campos de batalha. No dia 6 de abril, Nuno Alvares Pereira juntamente com o seu exército ganharam um certo destaque na batalha dos Atoleiros, onde alcançaram uma relevante vitória.

Em 1385 quer Lisboa quer Coimbra já apoiavam o Mestre. A revolução, que foi imprescindível para Portugal, na medida em que permitiu à população ganhar voz e se transformou numa consciência coletiva, só terminou com as Cortes de Coimbra e

posteriormente com a batalha de Aljubarrota. Segundo Oliveira Martins, é de salientar que, nas Cortes de Coimbra que decorreram em 1385, havia várias possibilidades relativamente à ocupação do trono português. Como a assembleia era composta, maioritariamente, por pessoas que apoiavam o Mestre, já ninguém apoiava D. Beatriz e o rei de Castela, dado que a sua regência punha em perigo a independência do país. Porém, ainda consideraram a possibilidade do infante D. João, filho de D. Pedro I e Inês de Casto, mas os argumentos do doutor João das Regras e o apoio de Nuno Álvares Pereira foram fundamentais para a aclamação do Mestre de Avis como rei de Portugal. Sendo assim, podemos afirmar que as Cortes de Coimbra de 1385 serviram como prova da independência e, mais do que isso, prova de que estavam a criar uma nova dinastia. Esta dinastia trouxe várias transformações e uma delas tem a ver com a própria nação, que passou a ser vista como um ser coletivo; praticavam atividade comercial e marítima em Lisboa e recebiam pessoas de diversos países (Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 156).

No entanto, as Cortes de Coimbra e o apoio do povo não bastaram, era preciso uma prova mais significativa para afirmar D. João I, Mestre de Avis, como rei de Portugal. De facto, D. Juan I de Castela reorganizou as suas tropas e voltou a invadir o reino português e, visto que o exército português já estava preparado, no dia 14 de agosto de 1385 decorreu a batalha de Aljubarrota. A diferença entre o número de soldados era significativa, o exército português reduzia-se praticamente a metade do inimigo:

Cortaram-se ramos de árvores com os quais se levantou uma estacada para paralisar as cargas da cavalaria; ao meio dessa estacada, um carreiro estreito, internamente bordado por archeiros e besteiros de pé, estava aberto, como uma tentação e um laço, ao ardor fidalgo dos inimigos (Martins, *História de Portugal*, 1972, p. 156).

Porém, graças à nova estratégia utilizada pelos combatentes portugueses, estes derrotaram o exército castelhano, no qual se integrava muita fidalguia portuguesa. Esta batalha não foi apenas a prova de que o trono de D. João I era inabalável, mas também ficou conhecida como uma das mais famosas batalhas da Europa, que demonstrou o engenho e a valentia dos portugueses. É de salientar que, segundo Oliveira Martins, com esta batalha termina a Idade Média (Martins, *História de Portugal*, p. 158)

Capítulo IV: Visão da história e da literatura na obra de Fernão Lopes

Durante a Baixa Idade Média as pessoas entendiam o tempo passado e o tempo presente graças às crónicas históricas, sendo assim, não podemos deixar de referir o papel imprescindível que teve a *Crónica de D. João I* na história e literatura portuguesas.

Como se sabe a *Crónica de D. João I*, elaborada por Fernão Lopes (1^a e 2^a partes), foi escrita com base nos factos históricos que decorreram, sobretudo, entre 1383-1385, época de grandes mudanças, tanto a nível político como a nível social. O cronista português conseguiu muito bem relatar todas estas situações na sua crónica. Assim, graças ao seu distinto modo de narrar acontecimentos históricos, Fernão Lopes se destacou entre os cronistas medievais. Vários estudiosos, incluindo João Gouveia Monteiro, afirmam que, mesmo nos dias de hoje, Fernão Lopes pode ser considerado “pai da historiografia portuguesa” (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1987, p. 89). Na obra do cronista existe uma mistura entre as memórias passadas e uma investigação cuidadosa e crítica. Uma vez que Fernão Lopes era guarda-mor da Torre do Tombo, isso permitiu-lhe utilizar documentos oficiais. Estes documentos, incluindo outras fontes, serviram de base para a elaboração das suas crónicas. É de salientar que, ao utilizar um grande número de fontes distintas, Fernão Lopes conseguiu elaborar esta obra sob uma visão crítica acrescentando algumas correções às memórias das verdadeiras testemunhas. O próprio cronista afirma que à medida que escreve as crónicas tem muito cuidado com a informação que encontra, descartando qualquer referência que não considera fidedigna. Esse cuidado demonstra que Fernão Lopes submete todas as informações a uma análise rigorosa e na ausência de um determinado documento escolhe a versão que considera como a “mais chegada à razão” (citado por Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 124). É de referir que precisamente a mesma ideia está presente no Prólogo da *Crónica de D. João I*, em que o cronista explica o que pretende narrar, afirmando que toda a informação foi retirada de fontes fidedignas. Assim, todos estes aspetos comprovam que Fernão Lopes pretende realizar um trabalho digno de mérito.

Primeiramente, é importante referir que, na *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes utiliza o Prólogo para explicar aos leitores as diretrizes que pretende seguir na elaboração desta obra para que esta seja aceite e considerada verdadeira pelos leitores. Logo no princípio do Prólogo, Fernão Lopes afirma que ele não é a primeira pessoa a

que atribuíram o cargo de narrar histórias dos reis, porém, ele também menciona que a sua maneira de narrar vai ser diferente dos outros. O cronista destaca que escrever crônicas consiste em “ordenar estórias” (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 21) ou seja, compor acontecimentos de maneira mais organizada e por ordem cronológica. Deste modo, refere que é importante conhecer o que aconteceu antes e depois. Além disso, no Prólogo da *Crónica de D. João I* o cronista põe em destaque que já existiram historiadores que não cumpriram o seu dever, visto que ao escrever a história da sua terra sempre ocultaram alguns aspetos que pudessem denegrir a sua pátria. Deste modo acabaram por se afastar da verdade histórica, por sua vez, Fernão Lopes pretende ser justo, sóbrio e equilibrado, dado que só assim consegue narrar a realidade histórica:

Assi que a terra em que os homens per longo costume e tempo foram criados, gera hũa tal conformidade antre o seu entendimento e ela, que havendo de julgar algũa sua cousa, assi em louvor como per contrairo, nunca per eles he dereitamente recontada. Porque louvando-a dizem sempre mais daquelo que he, e se doutro modo nom escrevem suas perdas tam mingudadamente como acontecerom. [...] A qual despõe per tal guisa aquelo que dela he gerado, que lhe fica esta conformidade também acerca da terra, como de seus dívidos (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 21)

Fernão Lopes refere que é normal haver esta proximidade a que chama “mundanal afeição” (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 21) uma vez que este trabalho é muito perigoso e pode-nos levar por caminhos errados, ou seja, podemos ser levados por opiniões e preferências pessoais que são alguns dos aspetos que contribuem para que o cronista siga uma via errada. Para que a obra fosse o mais objetiva possível o cronista tinha que seguir o caminho da verdade a que Fernão Lopes se refere como “dereita estrada”, (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 21) o cronista tinha que ter muito cuidado para não seguir o caminho “per semideiros escusos” (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 21) ou seja, processos que pudessem induzir ao erro na hora de escrever a crónica. Adicionalmente, o cronista refere que deve respeitar as regras e deve ser imparcial. Com este cargo que lhe foi atribuído ele sente o dever de preservar a memória histórica do seu país, afirmando que um cronista deve sempre escrever com base nas fontes credíveis. Por conseguinte, Fernão Lopes menciona que pretende ser imparcial na elaboração da sua obra, dado que o seu objetivo principal é narrar os acontecimentos e contar a pura verdade pondo de parte qualquer sentimento de afinidade:

Nós certamente levando outro modo, posta adeparte toda afeiçom que por azo das ditas razões haver podíamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade sem outra mestura leixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor e nuamente mostrar ao pobo quaesquer contrairas cousas da guisa que aveerom (Fernão Lopes, Crónica de D. João I, p. 22)

Além disso, Fernão Lopes, apesar de afirmar que pretende contar a verdade, refere que no seu texto pode haver algum erro, mas que esse erro não é intencional. Ou seja, que é por causa dos documentos mal investigados e posteriormente mal escritos ou mesmo falando com testemunhas estas podem ter-se enganado:

Como assi seja que outra cousa nom he errar, salvo cuidar que he verdade aquilo que he falso, e nós engando per ignorancia de velhas escripturas e desvairados autores, bem podíamos ditando errar. Porque escrevendo homem do que nom he certo, ou contará mais curto do que foi, ou falará mais largo do que deve (Fernão Lopes, Crónica de D. João I, p. 22)

Como já foi mencionado, Fernão Lopes quer ser diferente dos outros historiadores; por conseguinte, ele demonstra que teve imenso cuidado na pesquisa e consulta de fontes. Afirmando que para reconstruir os acontecimentos por escrito, teve que procurar fontes fidedignas de que fazem parte documentos oficiais, livros em diversas línguas e escrituras dos arquivos. Adicionalmente, o próprio Fernão Lopes reconhece a sua originalidade chamando várias vezes a atenção do leitor ao mencionar que tentou escolher a informação mais precisa possível. Acrescentando ainda que após tanta investigação e estudo sobre determinados acontecimentos é impossível haver uma obra mais verdadeira do que a crónica em questão:

Ó com quanto cuidado e diligência vimos grandes volumes de livros de desvairadas linguagens e terras! E isso mesmo púbricas escrituras de muitos cartarios e outros logares, nas quaes depois de longas vegílias e grandes trabalhos mais certidom haver nom podemos, da conteúda em esta obra (Fernão Lopes, Crónica de D. João I, p. 22)

É de salientar que além de todos estes aspetos o cronista também menciona o estilo e a linguagem que utiliza ao narrar os acontecimentos, afirmando que para ele não interessa o “embelezamento da linguagem” (Reis, *Crónica de D. João I*, p. 23). Acrescentando ainda que esse não é o seu objetivo, uma vez que para ele o aspeto mais

importante é o culto da verdade, ou seja, ele pretende contar a verdade uma vez que se Fernão Lopes estivesse mais preocupado com o embelezamento das palavras não conseguia dar tanta atenção à veracidade da crónica. O cronista pretende contar a “nua verdade” (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 21): o autor da crónica refere-se à “nua verdade” como o dever de apresentar os factos históricos da maneira mais pura possível, ele não pretende atribuir valores a quem os não merece; pretende narrar os acontecimentos sem enfeitar, sem exageros e sem invenções. Fernão Lopes valoriza a sinceridade e a lealdade à realidade, defendendo que o seu objetivo é relatar os acontecimentos exatamente como decorreram, mesmo que alguns episódios sejam complexos ou desagradáveis:

Se outros per ventuira em esta crónica buscam fremosura e novidade de palavras e nom a certidom das estorias, desprazer-lhe-á de nosso razoado, muito ligeiro a eles d’ouvir, e nom sem gram trabalho a nós de ordenar (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 22)

Ainda relativamente ao “embelezamento da linguagem” (Reis, *Crónica de D. João I*, p. 23), Fernão Lopes afirma que, se ele estivesse concentrado apenas na beleza ou na elegância das palavras, que no Prólogo surgem como “fremosura” e “afeitamento”, isso poderia prejudicar a autenticidade da sua obra (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 22). Assim, podemos afirmar que o cronista até poderia ter utilizado uma linguagem mais elaborada, mas isso não significa que esta representaria a verdade dos factos. Além disso, o cronista chega a chamar a atenção do leitor fazendo uma pergunta que acaba por ser retórica: “Que logar nos ficaria pera a fremosura e afeitamento das palavras, pois todo nosso cuidado em isto despeso nom abasta pera ordenar a nua verdade?” (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 22) Ou seja, ele já se esforçou tanto na sua escrita para compor todos os acontecimentos por ordem, de modo a relatar a verdade histórica e, mesmo assim, não tem certeza se todo o seu empenho é suficiente para narrar a verdade. Tendo em conta que o culto da verdade é um ponto fulcral na obra de Fernão Lopes, conseqüentemente, o seu foco principal é a autenticidade dos factos e não a elegância das palavras.

Já na parte final do Prólogo da *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes faz referência a D. João I, afirmando que nesta narrativa ele pretende relatar os grandiosos feitos do rei D. João I. Mencionando ainda que este antes de ser rei era o Mestre de Avis, dando assim destaque ao grandioso papel desempenhado por esta personagem. Antes de acabar o Prólogo o cronista acaba por salientar o episódio em que o Mestre de Avis matou o conde Andeiro, ganhando assim a popularidade entre as camadas sociais

mais baixas e tornando-se, mais tarde, “regedor e defensor do reino” (Saraiva, *História Concisa de Portugal*, 2021, p. 156) Além disso, é importante mencionar que nas últimas linhas do Prólogo, Fernão Lopes refere que irá relatar os acontecimentos que ocorreram na época governada por D. João I, informando ainda que a sua narrativa será estruturada por uma sequência cronológica e transparente. É precisamente com ajuda destes argumentos que o cronista pretende convencer os leitores e ouvintes, explicando todas as dificuldades que teve de ultrapassar para encontrar as informações mais próximas da verdade.

Na sua obra Fernão Lopes apresenta uma visão bem elaborada da sociedade portuguesa dos séculos XIV e XV. Como se sabe ele descreve um episódio de mobilização de grandes forças coletivas que desempenham um papel crucial e ativo na mudança política do reino. Além disso, o cronista na sua obra dá um grande destaque à corte, mencionando todos os pontos relativos à vida da corte: casamentos, conflitos e intrigas. No entanto, também apresenta uma outra parte de Lisboa, proporcionando uma visão completa dos acontecimentos que levaram o Mestre de Avis ao poder e derrubaram o monarca castelhano. Segundo João Gouveia Monteiro, o cronista transmite apenas a visão que ele tem sobre determinados acontecimentos, além disso, Monteiro afirma que Fernão Lopes recusa-se a mentir sobre os acontecimentos que vai narrar (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1987, p. 89) Por conseguinte, ao relatar os acontecimentos Fernão Lopes descreve tudo até o mais pequeno detalhe:

*(...) vemos alfaiates, tanoeiros, camponeses salientar-se porque falam em nome de grandes agrupamentos que adquirem vontade própria; (...) Perante os desígnios da corte, manifesta-se constantemente uma determinação massiva, como quando pela voz do alfaiate Fernão Vasques a arraia-miúda se opõe ao casamento de D. Fernando com Leonor Teles (Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 125)*

Segundo esta citação, podemos ver que Fernão Lopes ao escrever as suas crónicas não deixa ninguém de parte, tanto representa a vida palaciana, com todos os seus pontos negativos e positivos, como retrata a vida das classes mais desfavorecidas que acabam por ganhar força transformando-se na *Crónica de D. João I* numa personagem coletiva. Toda esta descrição presente na obra de Fernão Lopes permite entender e analisar não só os acontecimentos, mas também permite ver a realidade demonstrando a luta do povo por uma causa comum. Baseando-nos em Teresa Amado, Fernão Lopes ao descrever a revolta de Lisboa escreve história através da sua perspectiva, além disso, a autora afirma que as experiências do cronista influenciaram

profundamente a sua escrita (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 54) É de referir que Teresa Amado também menciona que apesar de haver algumas repetições de certos acontecimentos históricos não se deve duvidar da singularidade de cada situação. É imprescindível que um historiador tenha a capacidade de diferenciar estes aspetos e analisar os acontecimentos de maneira crítica, garantindo, desta maneira, uma interpretação mais completa e mais precisa da história (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 54)

De acordo com Óscar Lopes, um bom historiador não pode apenas criticar, tem que entender diversos fatores relacionados com uma certa sociedade que, como se sabe, está em constante evolução uma vez que só assim será possível descrever uma determinada sociedade apresentando uma visão mais credível da mesma (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 126). É de salientar que, segundo o mesmo autor, até os dias de hoje ainda não foi possível encontrar nenhum aspeto importante que desmentisse alguma informação que consta nas crónicas de Fernão Lopes (Lopes, p. 124) Fernão Lopes, ao relatar diversos episódios na *Crónica de D. João I*, apresenta um panorama completo que abarca aspetos económicos e sociais do país, no entanto tudo era descrito sob uma visão crítica. Por conseguinte, foi precisamente graças à sua visão heterogénea que Fernão Lopes ganhou grande destaque entre os cronistas medievais.

Baseando-nos nos estudos de Óscar Lopes, apesar de Fernão Lopes escrever toda a verdade apresentando uma visão realista sem adornos e invenções, no fragmento da narrativa em que relata a batalha de Aljubarrota nota-se uma parte um pouco mais exagerada e enfeitada sobre proezas de alguns cavaleiros. Ainda na mesma linha de pensamento, na *Crónica de D. João I* se destaca a figura de Nuno Álvares Pereira, um cavaleiro engrandecido e idealizado por Fernão Lopes. Esta personagem é considerada uma figura de lealdade, coragem, virtude e sobretudo reconhecido pelo seu enorme patriotismo. Para o cronista, Nuno Álvares é o exemplo ideal dum cavaleiro cristão, de excelência moral e cívica. Fernão Lopes atribui imensas qualidades a esta personagem; na sua obra o cronista reconhece grande mérito e valor à figura de Nuno Álvares ao ponto de chegar a afirmar que ele está “ao serviço de Deus e do seu povo” (Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 127). Além disso, chega a mencionar o seu papel crucial na revolução de 1383-1385, assim como noutras batalhas e rebeliões (Lopes, pp. 126-127)

Assim, não podemos deixar de referir as personagens que Fernão Lopes apresenta na *Crónica de D. João I*, personagens que surgem minuciosamente analisados pelo cronista. No entanto, se a *Crónica de D. João I* é sobre os grandiosos feitos deste rei e, tal como o cronista indica no Prólogo, se destina a escrever sobre D.

João I, Mestre de Avis, então por que motivo apresenta Nuno Álvares como o herói principal, engrandecendo os seus feitos e idealizando conquistas desta personagem? É de referir que esta personagem teve um papel fulcral na defesa do reino, sempre lutou pelo seu povo e pelo seu país. Na *Crónica de D. João I* o cronista faz um retrato destas duas personagens com cautela.

De facto, Nuno Álvares protegeu Portugal das invasões castelhanas e as suas estratégias militares revelaram-se imprescindíveis para a segurança do reino. É verdade que D. João I, para além da governação, também desempenhou um papel decisivo no que toca à defesa do reino, por sua vez, Nuno Álvares se distinguiu pelo seu reconhecimento militar, pela sua bravura e fidelidade, demonstrando assim amor pela pátria e pelo povo. Como nesta época era comum encontrar figuras de heróis militares na narrativa histórica, Fernão Lopes também quis apresentar Nuno Álvares como herói, uma vez que essas personagens serviam de inspiração para muitas pessoas. Além disso, a valorização do esforço individual e da bravura deste indivíduo também pode demonstrar que este é capaz de se sacrificar pela defesa do reino. Deste modo, possivelmente o cronista pretendia demonstrar que nem todas as ações extraordinárias devem ser atribuídas ao monarca. No entanto, também é importante mencionar que, segundo Teresa Amado, Fernão Lopes na crónica aborda um número bastante reduzido de personagens individuais, (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 65) atribuindo uma maior importância às personagens coletivas “povo de Lisboa, gentes da cidade” (citado Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 65). Por conseguinte, as personagens individuais que aparecem na crónica têm um destaque relevante na história. Além disso, Amado refere que Fernão Lopes ao elaborar a história de Nuno Álvares dá destaque ao facto de o protagonista já não estar vivo nesta altura; lamentando muito esta situação, dado que nesse caso ele não teve testemunho direto, mas sim apenas “escassas relíquias deles” (citado por Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 71).

De acordo com vários estudiosos, como, por exemplo Óscar Lopes, Fernão Lopes tinha uma boa relação com a família real, nomeadamente com D. Duarte. Segundo Teresa Amado, do que conhecemos da biografia do cronista, este esteve durante muitos anos ao serviço de D. Duarte, assim estes fatores também podem ter influenciado a sua escrita. Dado que entre D. Duarte e Fernão Lopes havia um certo nível de confiança isso também pode ter contribuído para obter algumas informações importantes para as suas crónicas (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, pp. 54-55) Óscar Lopes refere-se a Fernão Lopes como “génio do cronista” que, muito provavelmente, se deve à habilidade de Fernão Lopes conseguir

registrar a realidade social da sua época. É de destacar que o cronista português aproveita todos os testemunhos que surgem sobre as mudanças sociais durante este período. Na sua obra o cronista demonstra como o povo consegue ganhar a voz, ou seja, como os mais desfavorecidos que até então não tinham quaisquer privilégios começam a reivindicar: os seus direitos. Fernão Lopes consegue descrever toda esta situação muito detalhadamente e, mais do que descreve, ele engrandece o povo tornando-o numa força comum (Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, p. 127) Assim, as obras de Fernão Lopes possuem um enorme leque sobre os aspetos do quotidiano. Baseando-nos nos estudos de Óscar Lopes, este sugere que, para poder descrever uma determinada comunidade de uma maneira tão pormenorizada, o escritor tinha que ser diferente dos outros; tinha que ter uma sensibilidade apurada para conseguir captar a essência da realidade de maneira a conseguir descrever os acontecimentos decorridos durante o período que está relatado na *Crónica de D. João I*. (Lopes, p. 127)

Além disso, Teresa Amado sugere que a revolta provocada pelo casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles é um manifesto que está muito bem retratado na narrativa uma vez que posteriormente esta situação provocará ainda mais descontentamento do povo português (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 69).

Como se sabe, Fernão Lopes para elaboração desta obra teve que recorrer a várias fontes que considerou fidedignas. Entre as principais fontes encontramos algumas narrativas que o cronista utilizou e completou com documentos oficiais e informações das outras fontes confiáveis. Entre as fontes narrativas é de destacar a *Crónica de Condestabre*, foi uma obra bastante utilizada para escrita da *Crónica de D. João I*. É de salientar que, segundo Teresa Amado, as crónicas de Pero López de Ayala se constituem como a principal fonte que o cronista português utilizou para narrar os acontecimentos da história castelhana (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 179). Além disso, Teresa Amado menciona que o estudioso Rodrigues Lapa já tinha verificado que Fernão Lopes “teve à mão documentos, por vezes de caráter oficial, que o cronista castelhano não quis ou não pôde aproveitar” (Citado por Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 179). Assim, é de mencionar que Amado destaca que na obra de Fernão Lopes existe um conjunto de relatos de acontecimentos e outras informações importantes disponibilizados por Ayala, porém, o cronista português corrige e completa algumas destas informações (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 180.)

Citando Óscar Lopes, as obras de Fernão Lopes serviram de exemplo e inspiração a vários autores (Lopes, p. 128), visto que ninguém até então conseguiu

elaborar uma narrativa tão detalhada apresentando uma visão tão abrangente sobre todos os acontecimentos. Na sua obra *História da Literatura Portuguesa*, Óscar Lopes apresenta alguns autores que se inspiraram em Fernão Lopes:

Herculano nas Lendas e Narrativas, Garrett no Arco de Sant' Ana e no Alfageme de Santarém, Oliveira Martins na Vida de Nun'Álvares, Marcelino de Mesquita em Leonor Teles, contam-se entre os que trabalharam sobre o grande elenco de personagens desenhadas por Fernão Lopes (Óscar Lopes, História da Literatura Portuguesa, p. 128).

Seguindo a linha de pensamento de Óscar Lopes, ao narrar diversos acontecimentos desde o alvoroço de Lisboa até a batalha de Aljubarrota, Fernão Lopes tenta transmitir ao leitor o sentimento de uma atitude coletiva. Ele não apresenta apenas os membros da nobreza, ele também quer engrandecer o herói coletivo que é o povo. Além disso, o cronista ao relatar todos estes episódios cria um sentimento afetivo, ele escreve de maneira que atribui um tom pessoal à crónica (Lopes, p. 129).

Como já foi mencionado, vários estudiosos consideram Fernão Lopes como o primeiro historiador português. Por conseguinte, defendendo a mesma ideia que Gouveia Monteiro, Óscar Lopes sugere que Fernão Lopes, para além de ser considerado o primeiro cronista português, também pode ser considerado o primeiro historiador português (Lopes, p. 128). Mais do que isso, João Gouveia Monteiro afirma que foi precisamente com a figura de Fernão Lopes que se transformou a historiografia portuguesa. Baseando-nos nos estudos de Gouveia Monteiro, esta perceção de história de Fernão Lopes pode estar relacionada com a sua profissão; ou seja, a condição profissional de Fernão Lopes permitia-lhe ter uma posição privilegiada, visto que assim o cronista podia observar de perto todos os acontecimentos importantes e registar eventos históricos (Monteiro, *Fernão Lopes, texto e contexto*, 1987, p. 86) Para justificar esta afirmação Gouveia Monteiro, no seu livro *Fernão Lopes, texto e contexto*, utiliza uma citação de Peter Russel:

(...) por importantes que fossem as relações de Fernão Lopes com a corte e com a vida intelectual que nela florescia, a sua contribuição mais importante para o desenvolvimento da historiografia na Europa deve em grande parte atribuir-se ao estreito contacto que manteve com a Torre do Tombo, do qual foi conservador durante 36 anos- posição única (...) entre os cronistas medievais de qualquer país (citado por Monteiro, Fernão Lopes, texto e contexto, 1987, p. 86).

Assim, podemos afirmar que o modo de narrar de Fernão Lopes atribui-lhe originalidade, visto que ele conseguiu relatar um conjunto de acontecimentos à maneira de um repórter. É de destacar que vários autores afirmam que hoje em dia só temos acesso à determinados acontecimentos dessa época graças ao relato de Fernão Lopes. Além disso, como afirma Teresa Amado já na conclusão do seu livro *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, a crónica também de um certo modo pode ser considerada arquivo, um arquivo literário e cultural que foi redigido sobre a época em que foi elaborado, “constituindo, nessa área, um complemento indispensável das obras de D. João I e dos seus filhos” (Amado, *Fernão Lopes, contador de história, sobre a Crónica de D. João I*, p. 227).

Capítulo V: Estudo sobre a relação entre história e literatura na *Crónica de D. João I*

Relativamente à minha parte prática esta foi desenvolvida nas aulas de português do 10º ano do curso regular de Línguas e Humanidades, cuja turma é composta por 18 alunos.

Na minha parte experimental foi proposto aos alunos uma atividade que consistia na realização de uma ficha de trabalho sobre a relação entre história e literatura. Com a realização desta ficha pretendi ampliar o conhecimento dos alunos sobre este tema, assim como aumentar a compreensão da relação intrínseca entre história e literatura na *Crónica de D. João I*. Para realização das fichas primeiro foi feita a contextualização histórica que está na base desta obra. Durante a contextualização histórica foram referidas várias personagens que desempenharam um papel crucial na história de Portugal. Em seguida se procedeu à leitura do excerto do capítulo XI intitulado *Do alvoreço que foi na cidade cuidando que matavom o Mestre e como aló foi Alvaro Paez e muitas gentes com ele*. Dado que para realização da ficha os alunos tinham que refletir sobre os acontecimentos históricos presentes na crónica, assim como sobre as personagens que se revelaram importantes durante a época em questão, durante a leitura do trecho analisamos todos os aspetos dos acontecimentos históricos que serviram de base a esta obra literária. Além disso, com esta análise tão pormenorizada, conseguimos contextualizar melhor os acontecimentos narrados. Adicionalmente, com algumas perguntas se pretendia que os alunos fizessem uma pequena reflexão sobre a construção da crónica. Ou seja, que refletissem sobre de que maneira a história serviu de base para a construção da *Crónica de D. João I*. Uma vez que é precisamente esta reflexão que visa a demonstrar a interdisciplinaridade que existe entre os fatores históricos e literários. Além disso, um dos aspetos fulcrais dessa investigação centrava-se na ideia de transmitir aos alunos que na *Crónica de D. João I* existe uma certa interdisciplinaridade entre história e literatura.

Assim, a seguir será apresentada a ficha de trabalho elaborada para o meu estudo realizado com os alunos do 10ºC.

Ficha Formativa – Português (10º Ano)

Aluno: _____ Nº _____ Ano/Turma: _____

Literatura e História em Fernão Lopes

1. Observe a tabela e assinale quem diz verdade e quem diz mentira no excerto do capítulo XI na *Crónica de D. João I*.

	Verdade	Mentira
Pajem do Mestre		
Álvaro Pais		
D. João Mestre de Avis		
D. Leonor Teles		
Conde Andeiro		

2. Leia as frases! Identifique as que têm informações verdadeiras e as que são falsas. Justifique as falsas.

1. Foi o Conde Andeiro que matou o Mestre de Avis.

2. É o pajem do Mestre que começa por chamar a atenção das pessoas.

3. O povo apoiava D. Leonor Teles.

4. Álvaro Pais é a personagem que apoia D. Leonor Teles e tenta matar o Mestre de Avis.

5. D. João, Mestre de Avis, não foi aceite pela população de Lisboa.

1

6. Tendo em conta o estudo da *Crónica de D. João I*, considera que História e Literatura podem estar interligadas? Justifique a sua opinião com base em dois exemplos.

7. Com base no excerto do capítulo XI da *Crónica de D. João I*, identifique uma personagem que é mal vista e outra que é amada, relacionando-as com o contexto histórico em que se enquadram.

8. Refira o modo como Fernão Lopes confirma ao leitor a veracidade histórica.

9. De que maneira a Literatura pode contribuir para preservar a História?

3

Figura 1 - Ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

3. Na sua opinião, a História de Portugal tem por função contar a verdade? Justifique a sua resposta.

4. À semelhança do que aconteceu na *Crónica de D. João I*, considera que hoje em dia existem notícias falsas? Justifique a sua opinião com dois exemplos.

5. Em seu entender, a literatura é verdade ou é mentira? Justifique.

10. Qual é o objetivo de Fernão Lopes ao interligar História e Literatura na *Crónica de D. João I*?

11. De que forma a *Crónica de D. João I* contribuiu para a historiografia portuguesa?

12. Em seu entender, Fernão Lopes, ao narrar a *Crónica de D. João I*, demonstra uma visão crítica sobre os acontecimentos? Justifique a afirmação.

Tal como podemos verificar todas as perguntas tinham por base a relação existente entre história e literatura na *Crónica de D. João I*. No entanto, é importante mencionar que as perguntas 9 e 10 possuem um maior grau de dificuldade, por conseguinte, estas foram elaboradas com o propósito de verificar se os alunos conseguiriam responder e como se verificou, apesar de algumas dificuldades, um conjunto de alunos tentou dar resposta a estas questões.

Relativamente à primeira pergunta, esta consistia em que os alunos respondessem se as personagens apresentadas na tabela deste exercício diziam verdade ou mentira no excerto do capítulo XI da *Crónica de D. João I*. Visto que após a leitura e análise deste trecho os alunos já deviam ter capacidades para responder a esta questão. Além disso, com esta análise sobre quem diz verdade e quem diz mentira os alunos são estimulados a refletir sobre diversos acontecimentos históricos de modo a diferenciar a verdade da mentira. Adicionalmente a pergunta 1 tal como a pergunta 2, em que os alunos tinham de responder se uma determinada afirmação é verdadeira ou falsa e justificar a falsa, está relacionada com o que Fernão Lopes chama de “ordenar a nua verdade”. Assim, com estas perguntas conseguimos verificar se os alunos sabem identificar corretamente as personagens que dizem verdade e os que mentem. Por conseguinte, a pergunta 1 é a seguinte:

1. Observe a tabela e assinale quem diz verdade e quem diz mentira no excerto do capítulo XI na *Crónica de D. João I*.

	Verdade	Mentira
Pajem do Mestre		
Álvaro Pais		
D. João Mestre de Avis		
D. Leonor Teles		
Conde Andeiro		

Figura 2- Pergunta 1 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca a esta questão, esta obteve bons resultados uma vez que quase todos os alunos conseguiram responder e a grande maioria obteve a cotação máxima nesta questão. Assim, podemos afirmar que grande parte dos alunos entenderam bem o conteúdo trabalhado sobre as personagens apresentadas na crónica. Esta questão sobre as personagens foi fundamental para compreender o papel que algumas figuras desempenharam na história de Portugal. Além disso, a capacidade de distinção entre as

personagens que diziam verdade e os que diziam mentira foi crucial para que os alunos entendessem a complexidade das disputas políticas e sociais daquela época.

Relativamente à pergunta 2 que consistia em verdadeiro ou falso, ou seja, os alunos tinham 5 frases sobre acontecimentos históricos, sociais e personagens da *Crónica de D. João I* e tinham que responder se a frase é verdadeira ou falsa: caso esta fosse falsa deviam justificar. Tal como já foi referido, esta pergunta também se baseia no que Fernão Lopes chama de “nua verdade”, dado que o objetivo principal desta pergunta era verificar se os alunos compreenderam todos os acontecimentos históricos decorridos na crónica, para responder a estas questões os alunos tinham de refletir sobre o contexto histórico em questão e as personagens envolvidas numa determinada situação. A análise destas frases foi fundamental para evitar interpretações que induzissem os alunos em erro, assim como permitiu valorizar a precisão histórica.

2. Leia as frases! Identifique as que têm informações verdadeiras e as que são falsas. Justifique as falsas.

1. Foi o Conde Andeiro que matou o Mestre de Avis.

2. É o pajem do Mestre que começa por chamar a atenção das pessoas.

3. O povo apoiava D. Leonor Teles.

4. Álvaro Pais é a personagem que apoia D. Leonor Teles e tenta matar o Mestre de Avis.

5. D. João, Mestre de Avis, não foi aceite pela população de Lisboa.

Figura 3- Pergunta 2 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Assim, no que se refere às respostas dos alunos esta pergunta obteve bastante êxito uma vez que todos responderam justificando todas as afirmações falsas. Além disso, esta atividade permitiu não só reforçar o conhecimento dos alunos acerca da *Crónica de D. João I*, como também refletir sobre diversos acontecimentos já lidos na crónica, grande parte dos alunos conseguiu justificar as afirmações falsas com uma visão crítica e uma argumentação bem fundamentada.

Assim estas duas perguntas quantitativas obtiveram bastante sucesso, até porque eram bastante fáceis de responder e a grande parte dos alunos conseguiu obter cotação máxima. No entanto, na pergunta 2, num universo de 18 alunos quatro alunos responderam corretamente, mas não justificaram as respostas, talvez foi por falta de atenção ou por não terem certezas sobre a justificação a elaborar.

A seguir será apresentado um gráfico com as respostas dos alunos:

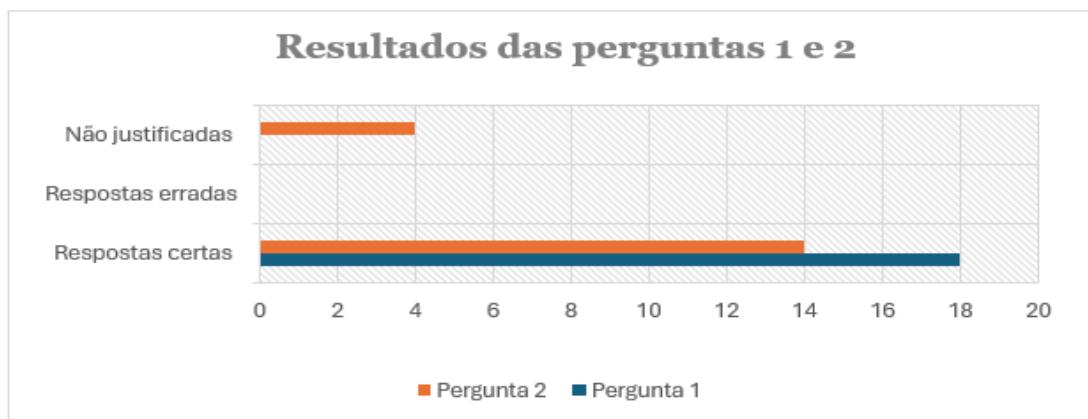


Figura 4- Resultados das perguntas 1 e 2 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca à pergunta 3 esta era de opinião e com esta se pretendia que os alunos desenvolvessem pensamento crítico sobre a natureza da disciplina de história. Além disso, o objetivo era incentivar os alunos a pensar sobre a relação entre os acontecimentos históricos do passado e a sua representação. Ou seja, se a história de Portugal tem por função contar a verdade ou se pode omitir alguns acontecimentos; assim como se tem de ser objetiva ou se pode haver diversas interpretações dependendo das opiniões.

3. Na sua opinião, a História de Portugal tem por função contar a verdade? Justifique a sua resposta.

Figura 5- Pergunta 3 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

É de referir que nesta pergunta todos os alunos responderam e tentaram justificar. No entanto, de 18 alunos no total, 12 responderam que história é verdade e justificaram a sua opinião, 4 afirmaram que não é verdade e justificaram e 2 responderam que é verdade, mas não justificaram a sua resposta. Assim, segundo estes números, podemos afirmar que a maioria dos alunos acredita que a história de Portugal tem como função contar a verdade. Além disso, estes 12 alunos conseguiram fornecer uma argumentação bem fundamentada da sua opinião; diversos alunos afirmaram que as obras que contêm acontecimentos históricos têm por função preservar a história e a memória coletiva de uma determinada comunidade. As suas respostas foram bastante semelhantes, visto que praticamente todos referiram que hoje em dia existem diversas obras que contêm acontecimentos históricos e a *Crónica de D. João I* é o exemplo disso.

A seguir será apresentado o gráfico com os resultados dos alunos:

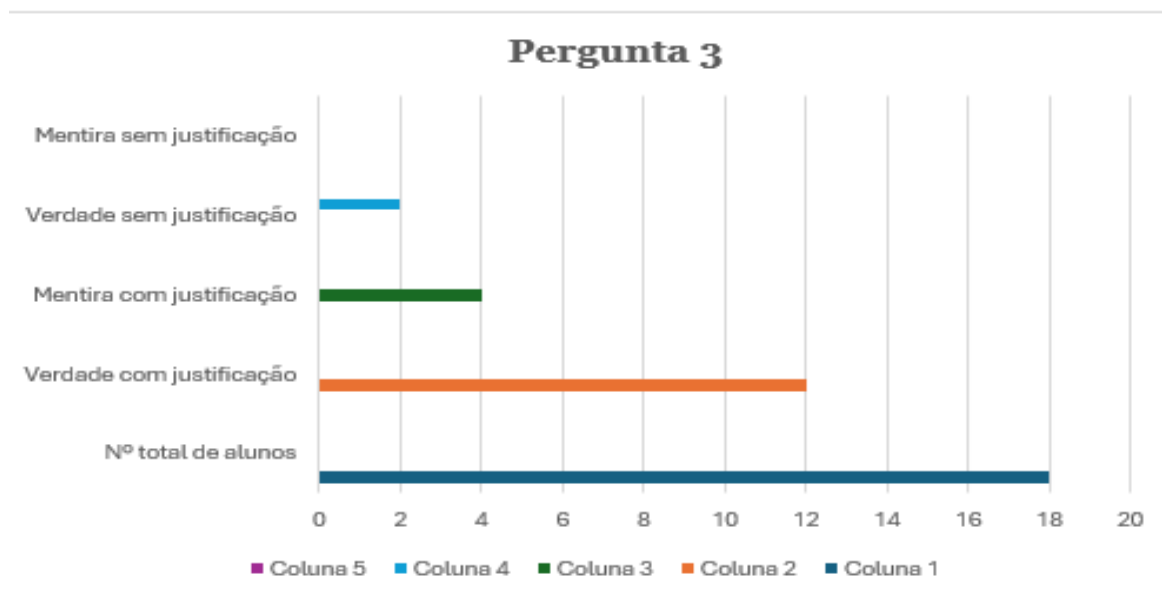


Figura 6 -Resultados da pergunta 3 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Os alunos que afirmaram que a história não tem por função contar a verdade justificaram as suas respostas mencionando que existem inúmeros acontecimentos de que hoje em dia não temos quaisquer registos, ou seja, são episódios que sabemos que aconteceram, mas não há certezas de que o que se conta é verdade uma vez que já passaram muitos anos ou até mesmo séculos. Além disso, alguns alunos também justificaram a sua opinião ressaltando que às vezes a história expõe os acontecimentos segundo as perspetivas, opiniões e interesses da pessoa que relata os episódios

sucedidos, acabando assim por comprometer a autenticidade e a objetividade dos relatos elaborados.

Os alunos que afirmaram que a história tem por função contar a verdade, mas não apresentaram justificação talvez foi por falta de interesse ou por falta de conhecimento geral.

Relativamente à pergunta 4, esta foi um pouco distinta uma vez que esta estava baseada num dos episódios que ocorre no capítulo XI da *Crónica de D. João I*, mais especificamente, a situação em que o pajem do Mestre de Avis espalha o boato de que matam o mestre. Assim, com esta pergunta de opinião se pretendia verificar se, do ponto de vista dos alunos, na sociedade atual existe tanto impacto das notícias enganosas como na crónica estudada e outras narrativas históricas. Ou seja, se hoje em dia as pessoas também acreditam com tanta facilidade nas notícias que vêm ou se já não têm tanta confiança. Além disso, os alunos deveriam apresentar dois exemplos para fundamentar a sua opinião. A seguir será apresentada a pergunta 4:

4. À semelhança do que acontece na *Crónica de D. João I*, considera que hoje em dia existem notícias falsas? Justifique a sua opinião com dois exemplos.

Figura 7- Pergunta 4 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Num total de 18 alunos, esta pergunta obteve 17 respostas e todas foram justificadas com exemplos equivalentes. Em primeiro lugar, é importante destacar que todos os alunos concordaram que na sociedade atual existem notícias falsas, demonstrando assim a preocupação existente pela veracidade das informações recebidas de diversas fontes. Os exemplos apresentados pelos alunos estavam todos relacionados com o quotidiano; alguns alunos falaram sobre notícias falsas relacionadas com questões políticas, outros apresentaram exemplos de pessoas famosas e afirmaram que muitas vezes publicam notícias falsas sobre estes indivíduos nas redes sociais. Também houve alunos que mencionaram produtos de marcas conhecidas que por vezes não refletem os resultados que referem nas publicidades.

Assim, é de denotar que com estes exemplos os alunos evidenciaram um amplo conhecimento sobre este fenómeno a que hoje em dia chamamos de *Fake News*. Além disso, apresentando exemplos das notícias falsas em diversas áreas conseguiram demonstrar uma visão crítica sobre esta situação que afeta a todo o mundo. Reforçaram ainda a ideia de que devemos ter cuidado com a informação fornecida tentando evitar, sempre que seja possível, a propagação das notícias consideradas falsas uma vez que estas, ao contrário do que aconteceu na *Crónica de D. João I*, nem sempre têm aspetos positivos.

A seguir será apresentado um gráfico com os resultados dos alunos:

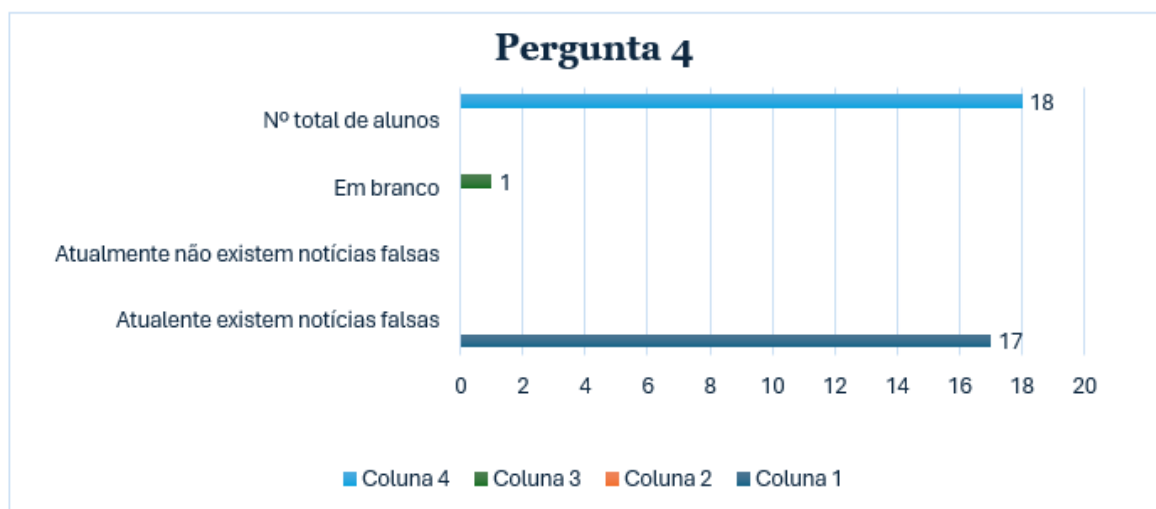


Figura 8 - Resultados da pergunta 4 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca à pergunta 5, todos os alunos responderam a esta questão e tentaram justificar a sua opinião. Esta pergunta, que consistia em que os alunos refletissem sobre se a literatura é verdade ou mentira, tinha como objetivo estimular os alunos a refletir sobre a natureza da literatura. Além disso, esta pergunta obriga os alunos a refletir sobre o seguinte: será que a literatura expressa sempre a verdade ou por vezes esta é falsa?

5. Em seu entender, a literatura é verdade ou é mentira? Justifique.

Figura 9 - Pergunta 5 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No entanto, houve opiniões bastante diversas, visto que, num total de 18 alunos, 7 afirmaram que para eles a literatura é verdade, 1 disse que é mentira e 10 referiram que às vezes pode ser verdade e às vezes pode ser mentira. Além disso, os alunos que justificaram a sua opinião afirmando que a literatura é verdade argumentaram que a literatura é verdade visto que ainda hoje estudamos obras de várias épocas, outros referiram que a literatura é verdade uma vez que ainda hoje estudamos literatura antiga. Mais ainda, houve um conjunto de alunos que afirmaram que a literatura é verdade dado que sem ela atualmente não teríamos acesso ao passado. Relativamente ao aluno que afirmou que a literatura é mentira, justificou que muitas vezes em diversas obras literárias aparecem personagens fictícias e as histórias são inventadas. Os alunos que tinham afirmado que a literatura tanto pode ser mentira como verdade têm justificações muito semelhantes. Uma vez que quase todos afirmaram que, por um lado, a literatura pode ser verdade porque existem diversas obras literárias que são verdadeiras testemunhas dos acontecimentos históricos, além disso, referiram que há inúmeras obras que transmitem valores, tradições e características de várias épocas de uma determinada sociedade. Por outro lado, afirmaram que pode ser mentira dando a justificação de que também existem diversas obras que são puras invenções com personagens fictícias e cenários que são improváveis na vida real.

É de referir que não esperava obter tantas respostas afirmando que a literatura tanto pode ser verdade como mentira, além disso, dado que era uma pergunta um pouco complexa, não esperava justificações tão bem argumentadas sobre este tema. É de denotar que muitos alunos refletiram profundamente sobre esta questão e demonstraram uma visão crítica sobre o tema apresentado.

A seguir, será apresentado um gráfico com os resultados dos alunos:

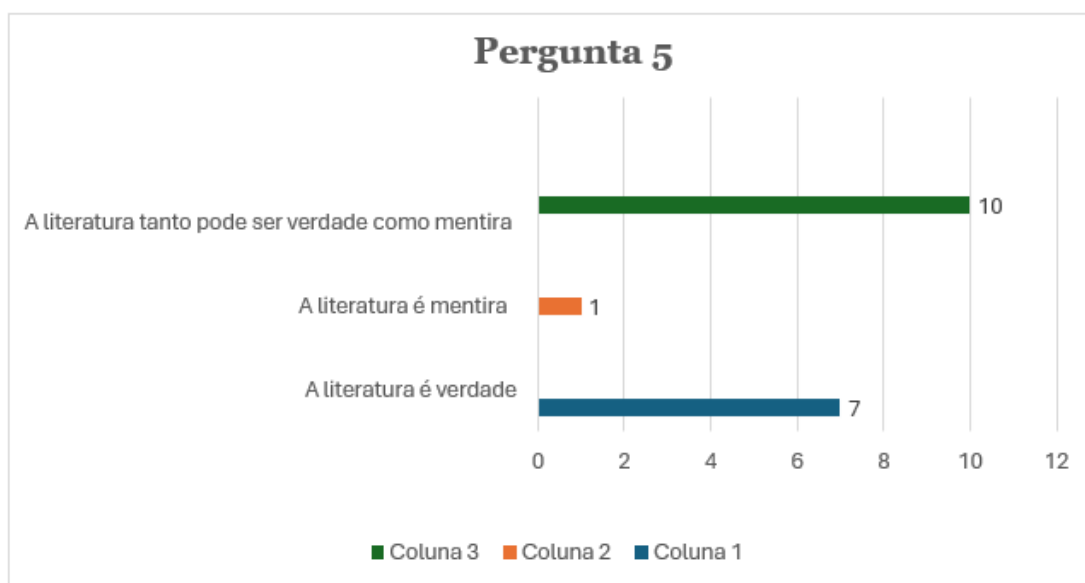


Figura 10- Resultados da pergunta 5 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

A pergunta 6 era de opinião e estava profundamente relacionada com o tema principal da ficha em questão, ou seja, a relação entre história e literatura. Ao longo dos anos nas aulas de português os alunos tinham estudado várias obras em que existe esta relação; assim, com esta pergunta pretendia-se que os alunos refletissem sobre esta relação entre a história e literatura apresentando dois exemplos. Esta pergunta incentivou os alunos a refletir sobre as obras já estudadas para fundamentar a sua opinião. Além disso, esta pergunta era crucial para demonstrar aos alunos que a literatura não é um mero texto, mas sim por vezes pode ser uma fonte, um documento que pode ajudar no estudo de um determinado acontecimento histórico.

6. Tendo em conta o estudo da *Crónica de D. João I*, considera que História e Literatura podem estar interligadas? Justifique a sua opinião com base em dois exemplos.

Figura 11- Pergunta 6 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Relativamente às respostas obtidas nesta questão, é de referir que num universo de 18 alunos apenas houve 10 respostas. Este resultado, muito provavelmente, deve-se à falta de estudo ou falta de interesse por parte de alguns alunos. No entanto, é de ressaltar que as 10 respostas obtidas tinham justificações bem elaboradas e fundamentadas com exemplos concretos que demonstraram esta ligação entre história e literatura.

Primeiramente, é de mencionar que os 10 alunos que responderam concordaram que a história e a literatura são duas áreas que estão interligadas. Além disso, sete alunos afirmaram que é precisamente através da literatura que conhecemos certos acontecimentos históricos; outros justificaram a sua resposta afirmando que é graças à literatura que conseguimos analisar diversos textos históricos. Adicionalmente, houve duas respostas bastante interessantes: uma consistia em que é através da literatura que conhecemos a história e outra resposta em que um dos alunos afirmou que sem literatura não há história, afirmando que a literatura é a base de história. Assim, considero que esta questão obteve respostas muito interessantes na medida em que foi interessante ouvir a opinião dos alunos sobre esta relação entre história e literatura. Apesar de ser uma pergunta que exige um certo nível de conhecimentos os alunos que responderam conseguiram elaborar bons argumentos para justificar a sua opinião.

A seguir, será apresentado um gráfico com os resultados dos alunos:

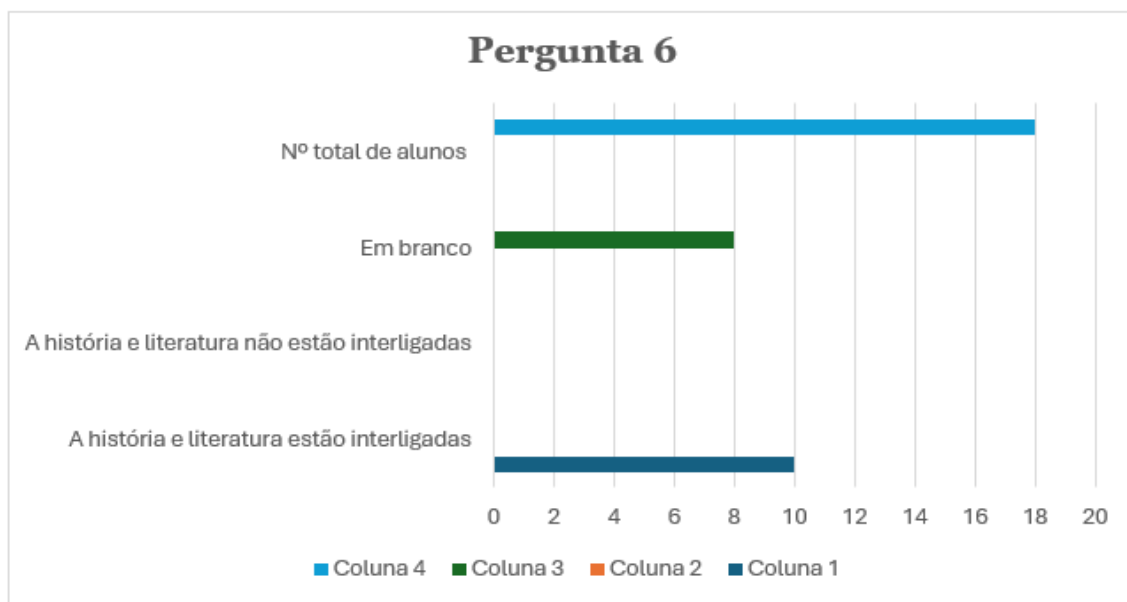


Figura 12- Resultados da pergunta 6 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca aos exemplos apresentados pelos alunos, estes foram bastante semelhantes, uma vez que a grande parte dos alunos referiram como exemplo *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. As duas obras já estudadas, mais uma vez, isso indica que os alunos que não responderam à questão foi por falta de estudo.

Relativamente à pergunta 7, esta estava relacionada com as personagens, ou seja, os alunos tinham que refletir sobre o papel das personagens presentes na *Crónica de D. João I* e referir que personagem é mal vista pela sociedade e outra que é amada. Além disso, os alunos tinham que relacionar estas personagens com o contexto histórico em que estas se enquadram.

7. Com base no excerto do capítulo XI da *Crónica de D. João I*, identifique uma personagem que é mal vista e outra que é amada, relacionando-as com o contexto histórico em que se enquadram.

Figura 13- Pergunta 7 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Com esta pergunta se pretendia que os alunos recordassem a análise inicial das personagens e em que momentos da crónica estas desempenharam um papel importante. Relativamente às respostas numa turma de 18 alunos responderam 11 e justificaram a sua opinião. Ao nível das personagens todos os alunos colocaram como uma personagem mal vista D. Leonor Teles e a personagem amada foi o Mestre de Avis. Com estas respostas podemos considerar que os alunos conseguiram analisar os traços caracterizadores das personagens e compreenderam os papéis que cada uma desempenhava na crónica e na história de Portugal. No que toca à justificação das respostas só 5 alunos conseguiram fundamentar bem a sua opinião de modo a enquadrar as personagens no contexto histórico a que estas pertencem. As justificações foram todas muito semelhantes, a grande maioria dos alunos afirmou que D. Leonor era mal vista porque ela favorecia os castelhanos, afirmando ainda que o povo chamava-a de “a aleivosa”. No que se refere à personagem amada as respostas foram

todas baseadas na ideia de que é o Mestre de Avis porque ele era o grande pretendente ao trono português e desde muito cedo conseguiu ganhar a confiança do povo.

A seguir, será apresentado um gráfico com as respostas dos alunos:

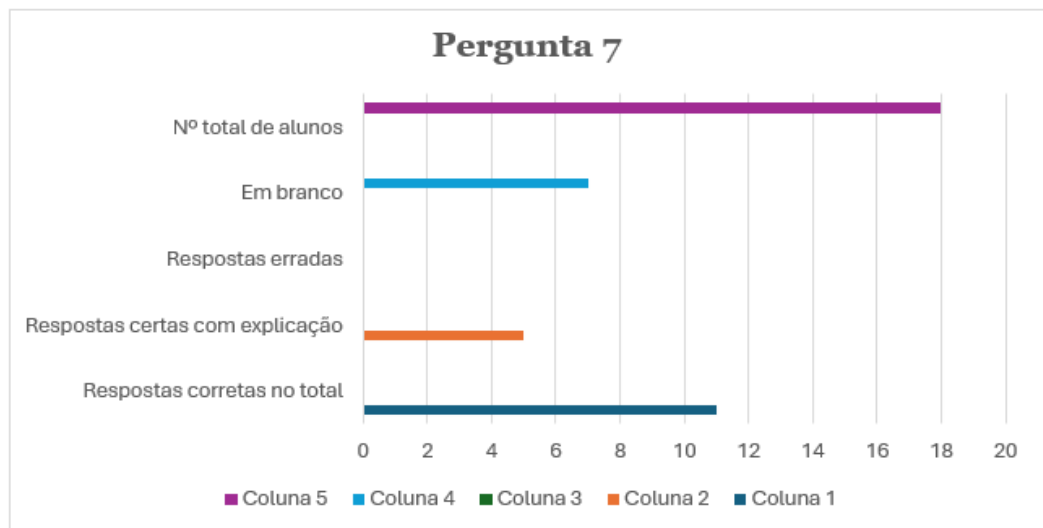


Figura 14- Resultados da pergunta 7 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca à pergunta 8, esta tinha como objetivo estimular os alunos a refletirem sobre as fontes utilizadas por Fernão Lopes para a elaboração das suas obras, mais precisamente, para a elaboração da *Crónica de D. João I*. Visto que antes de passar à leitura dos excertos da obra os alunos leram e analisaram o prólogo, parte em que Fernão Lopes explica os métodos utilizados para a elaboração desta obra, deviam saber responder a esta questão. A resposta a esta pergunta foi um dos conteúdos abordada nas aulas e com esta se pretendia que os alunos entendessem que o cronista não queria apenas descrever os acontecimentos históricos, mas sim queria descrever tudo baseando-se em fontes fidedignas para garantir a veracidade da obra. Além disso, esta questão estimula os alunos a compreender a relevância da autenticidade na história e como o próprio cronista tenta assegurar essa credibilidade. Visto que Fernão Lopes ao escrever a crónica não pretendia fazer literatura ele escreveu uma obra que graças à sociedade passou a ser vista como uma obra literária. O próprio cronista no prólogo afirma que não procura “(...) fremeura e novidade de palavras (...)” (Lopes, *Crónica de D. João I*, p. 22): ele pretende contar a verdade.

8. Refira o modo como Fernão Lopes confirma ao leitor a veracidade histórica.

Figura 15- Pergunta 8 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Relativamente às respostas dos alunos, num total de 18 alunos esta pergunta obteve 15 respostas e estas estavam corretas e bem elaboradas. Outros 3 alunos que não responderam a esta questão, possivelmente foi porque não estavam prestar a atenção na aula em que foi abordado este tópico. Dado que a grande maioria dos alunos conseguiu responder corretamente considero que esta questão obteve bastante êxito uma vez que a maioria dos alunos compreenderam bem as fontes utilizadas pelo cronista para elaborar a crónica demonstrando a veracidade histórica. É de referir que uns alunos responderam que, para confirmar a veracidade histórica, Fernão Lopes, no prólogo da *Crónica de D. João I*, referiu que fez uma investigação profunda e utilizou inúmeros documentos oficiais para assegurar a fidedignidade da narrativa. Outros alunos mencionaram que para além de documentos recorreu a várias testemunhas orais da época em que ocorreram estes acontecimentos.

A seguir será apresentado o gráfico com respostas dos alunos:

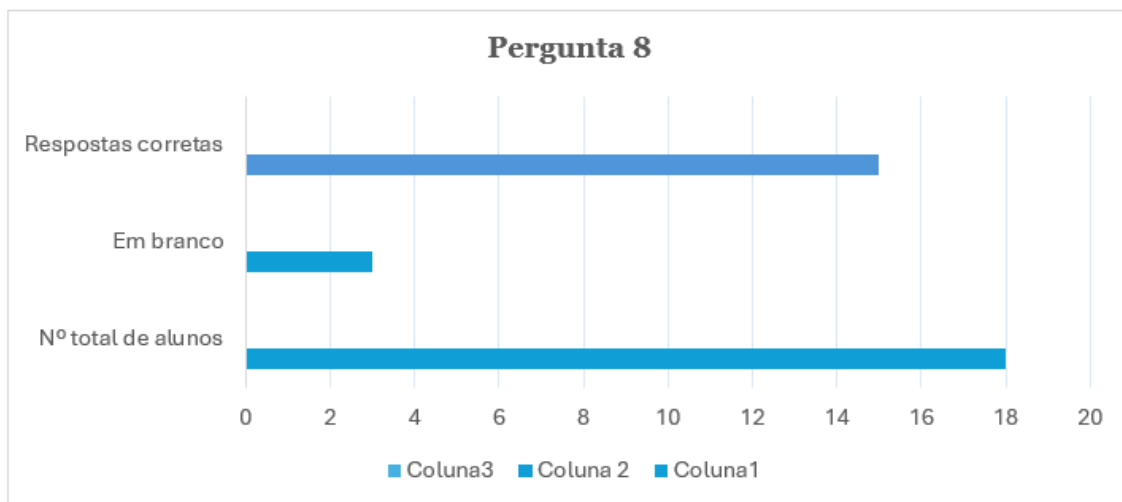


Figura 16- Resultados da pergunta 8 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca à questão 11, esta tinha como objetivo analisar a importância da *Crónica de D. João I* na construção da história portuguesa. Com esta pergunta se pretendia que os alunos não só conhecessem o conteúdo da crónica, mas também o

modo como vários acontecimentos históricos são apresentados nesta obra literária. Assim, esta pergunta leva os alunos a refletir sobre de que forma a obra de Fernão Lopes pode ter influenciado o modo de fazer a história através da utilização de inúmeros documentos e testemunhas orais. Deste modo, se pretende que os alunos compreendam e vejam a crónica não apenas como uma narrativa que relata acontecimentos históricos, mas também como uma obra que valoriza a história portuguesa.

11. De que forma a *Crónica de D. João I* contribuiu para a historiografia portuguesa?

Figura 17- Pergunta 11 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Relativamente às respostas dos alunos, esta pergunta obteve 11 respostas. Apesar de ser uma pergunta que demandava conhecimentos mais aprofundados, a maioria dos alunos conseguiu responder corretamente a esta questão. No total de 18 alunos, 7 alunos deixaram a pergunta em branco, muito provavelmente isso deve-se à falta de estudo e de conhecimentos destes conteúdos. Porém, os alunos que responderam à questão justificaram as suas respostas afirmando que é graças a esta obra que conhecemos diversas personagens dessa época; outros afirmaram que foi com a crónica em questão que conhecemos como o Mestre de Avis chegou ao poder. Outros referiram ainda que a *Crónica de D. João I* contribuiu para a historiografia porque relata acontecimentos históricos importantes. Além disso, uma das respostas foi que esta obra literária conta a verdadeira história de Portugal.

Essas justificações demonstram que uma das grandes contribuições da *Crónica de D. João I* foi o facto de o cronista ter conseguido dar destaque às grandes figuras históricas que sem esta obra poderiam ter ficado nas sombras da história portuguesa. Ao retratar toda os acontecimentos, detalhadamente, e, ao mostrar a grande parte dos traços peculiares das personagens, Fernão Lopes consegue criar uma obra que não só enriquece a história e literatura portuguesa, mas também ajuda a transmitir estes acontecimentos para futuras gerações.

A seguir será apresentado um gráfico com as respostas dos alunos:

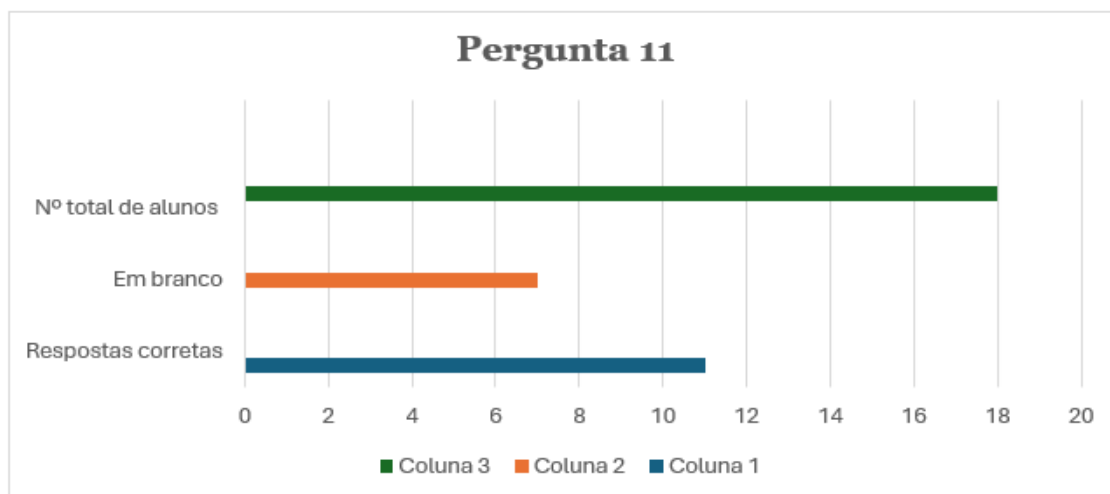


Figura 18- Resultados da pergunta 11 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Relativamente à pergunta 12, para responder a esta questão temos que ter em mente o objetivo de Fernão Lopes ao relatar estes acontecimentos. Uma vez que ao narrar estes episódios históricos o cronista aborda detalhadamente inúmeros acontecimentos históricos e o papel que cada personagem desempenhou na história de Portugal. Através destes relatos o cronista tenta apresentar os acontecimentos de uma maneira ordenada, bem estruturada e, sobretudo, tenta garantir a autenticidade histórica ao leitor. Além disso, como se sabe esta obra literária também transmite ao leitor os interesses políticos e sociais daquela época. Assim, visto que no prólogo Fernão Lopes refere que ao narrar diversos episódios pretende ser imparcial, dado que o seu objetivo é contar a verdade sem omitir qualquer acontecimento, por conseguinte, esta pergunta seria pertinente para conhecer a opinião dos alunos com o objetivo de verificar se o cronista ao narrar os acontecimentos procura influenciar os leitores.

12. Em seu entender, Fernão Lopes, ao narrar a *Crónica de D. João I*, demonstra uma visão crítica sobre os acontecimentos? Justifique a afirmação.

Figura 19- Pergunta 12 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

No que toca às respostas dos alunos, num total de 18 alunos houve apenas 8 respostas. Como era uma pergunta que requeria um certo nível de conhecimentos e os alunos tinham que refletir sobre a obra que foi lida e analisada em aula esta questão

não obteve os resultados esperados. Os alunos que deixaram pergunta em branco são 10 alunos, alguns apresentam algumas dificuldades, outros foi por falta de estudo e interesse em aprender. No entanto, os alunos que responderam justificaram a sua opinião afirmando que Fernão Lopes demonstra uma visão crítica, visto que demonstra a manipulação que é feita com o povo; um dos alunos afirmou que o cronista demonstra uma visão crítica no modo como descreve a D. Leonor Teles e as suas ações. No geral foi uma pergunta que não obteve muitas respostas e os alunos que responderam não conseguiram desenvolver bem a justificação à sua resposta.

A seguir será apresentado o gráfico com os resultados dos alunos:

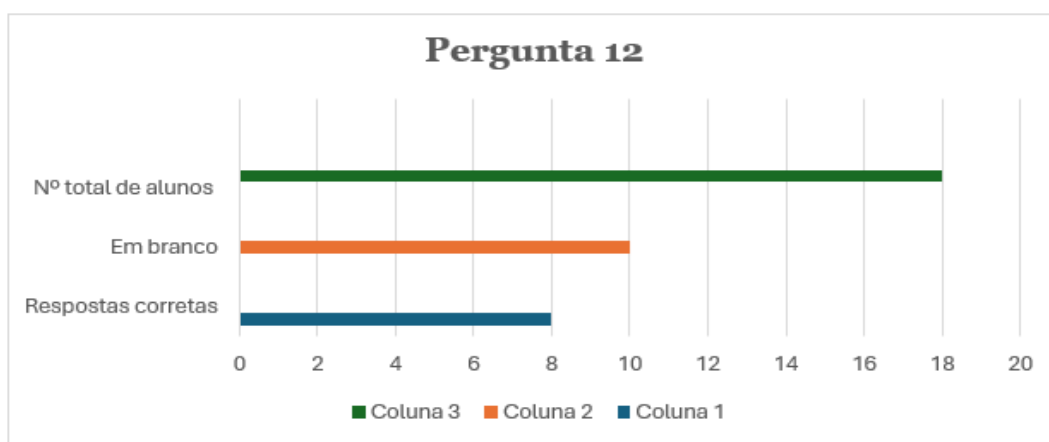


Figura 20- Resultados da pergunta 12 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

Relativamente às perguntas 9 e 10, tal como já foi referido, estas eram bastante difíceis e demandavam um nível de conhecimentos mais avançado. Estas perguntas foram realizadas com o propósito de verificar os conhecimentos dos alunos. No entanto, apesar das dificuldades, houve um conjunto de alunos que tentaram responder a estas questões. No que toca à pergunta 9, nesta os alunos tinham que explicar como a literatura pode contribuir para preservar a história.

9. De que maneira a Literatura pode contribuir para preservar a História?

Figura 21- Pergunta 9 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

As respostas dos alunos foram bastante interessantes, visto que vários alunos afirmaram que hoje em dia existe um conjunto de obras que relatam acontecimentos históricos e que são lidas nos dias atuais, assim a literatura contribui para preservar a história. No entanto, num universo de 18 alunos responderam apenas 3 a esta pergunta e as justificações foram muito semelhantes.

Relativamente à pergunta 10, a esta num total de 18 alunos só conseguiu responder 1 aluno.

10. Qual é o objetivo de Fernão Lopes ao interligar História e Literatura na *Crónica de D. João I*?

Figura 22- Pergunta 10 da ficha de trabalho sobre a relação entre literatura e história em Fernão Lopes

É de referir que era uma pergunta bastante complexa, dado que exigia uma análise da obra e do que o cronista pretendia com a elaboração da crónica, no entanto os alunos não possuem conhecimentos suficientes para responder a esta questão.

Assim, como podemos comprovar, a ficha realizada pelos alunos do 10º ano, do curso regular de Línguas e Humanidades, sobre a relação entre história e literatura, obteve resultados satisfatórios, no entanto, também podemos observar que houve um conjunto de perguntas a que os alunos não conseguiram responder. Como este estudo foi realizado numa turma bastante fraca e com algumas dificuldades, não houve os resultados esperados. Porém, foi possível verificar que todos os alunos compreendem que existe uma certa relação entre estas duas disciplinas e alguns alunos conseguiram realizar a tarefa com bastante êxito. Além disso, como foi possível verificar, a grande maioria dos alunos conseguiu expressar e justificar bem a sua opinião. No entanto, foi notório que alguns alunos possuem dificuldades na hora de expressar a sua opinião, sobretudo, no que toca à disciplina de literatura. Os alunos apresentaram algumas dificuldades em responder às questões sobre se a literatura é verdade ou mentira. Mas relativamente às perguntas sobre se história e literatura são duas áreas que detêm uma certa interdisciplinaridade nesta questão não houve dúvidas de que são duas disciplinas que por vezes possuem uma profunda relação. Além disso, em algumas questões os alunos demonstraram muito bem esse aspeto ao mencionar algumas obras literárias em que existe esta relação.

Adicionalmente, considero que esta ficha foi importante na medida em que permitiu verificar que por vezes os alunos, ao lerem determinadas obras, não prestam atenção a esta ligação que existe entre estas duas disciplinas. No entanto, se chamarmos a atenção para estes aspetos os alunos conseguem identificar esta relação e, mais ainda, conseguem apresentar vários exemplos de obras já estudadas que contêm esta relação. Considero que, apesar de ser uma turma com algumas dificuldades, no geral a maioria dos alunos não atribui grande importância a estas duas disciplinas. Nomeadamente, dão pouco valor à disciplina de literatura, que podia ser uma disciplina mais reconhecida no ensino secundário, está a ser cada vez mais desvalorizada pelos alunos.

IIª Parte: Estágio Pedagógico

Capítulo 1: Contextualização do estágio pedagógico

Nesta segunda parte da dissertação do mestrado, será abordado tudo o que está relacionado com a minha experiência no campo do ensino. Este ano foi um ano imprescindível para a nossa formação, uma vez que permitiu estabelecer contacto com a nossa futura profissão. Esta etapa foi uma experiência enriquecedora, na medida em que permitiu pôr em prática toda a teoria que aprendemos nos anos anteriores. Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer e conviver com toda a comunidade escolar; foi muito interessante fazer parte desta pequena comunidade em que sempre fomos bem recebidas, quer por parte dos professores das outras disciplinas, quer por parte dos auxiliares e alunos.

Na segunda parte da dissertação vamos começar por fazer uma breve descrição da escola e das turmas com as quais trabalhamos durante este ano letivo 2024/2025. Em seguida, será realizada uma explicação mais detalhada relativa à disciplina de Português e outra relativa à disciplina de Espanhol. Para terminar, serão referidas algumas atividades extracurriculares que organizamos ao longo do ano, estas atividades serão acompanhadas de algumas imagens. Após a explicação sobre as atividades extracurriculares, haverá uma pequena explicação sobre várias atividades da comunidade académica em que participamos com muito gosto.

1.1 Escola Secundária Campos Melo

O meu estágio pedagógico decorreu na Escola Secundária Campos Melo², que se situa na cidade da Covilhã. É uma escola que foi criada em 1884 através de um decreto-lei de 3 de janeiro de 1884 e inicialmente era designada de Escola Industrial Campos Melo; visto que tinha como objetivo principal promover ensino apropriado às indústrias que se encontravam nessa região, de modo a capacitar os cidadãos da região a trabalhar nas indústrias de forma a melhorar o desenvolvimento económico e industrial da cidade. É de destacar que dois dias depois deste decreto-lei, no dia 5 de janeiro, a Câmara da Covilhã disponibilizou um edifício para promoção do ensino dando assim início às aulas no dia 16 de dezembro de 1884, as obras neste edifício seriam terminadas em 1885; até então José Maria da Silva Campos Melo disponibilizou

² <https://www.camposmelo.pt/>

outro edifício para não atrasar o processo das aprendizagens. Por isso, a escola tomou a decisão de homenageá-lo e nomear a escola com seu nome. Em 1912 a escola mudou de instalações para a rua Vasco da Gama 40 onde se encontra até os dias de hoje.

Ao longo dos anos esta instituição de ensino recebeu vários nomes, como já referi, inicialmente era designada de Escola Industrial Campos Melo, em 1948 recebeu o nome de Escola Industrial e Comercial Campos Melo. Em 1970 a escola passa a ser Escola Técnica Campos Melo, e só em 1975 com todas as transformações políticas que ocorreram no país, sobretudo a unificação do ensino, a escola passa a designar-se de Escola Secundária Campos Melo, nome que leva até aos dias atuais.

No que toca à oferta formativa, é de referir que esta tem acompanhado as mudanças educativas e as necessidades da região. Inicialmente esta escola oferecia cursos e disciplinas relacionados com a indústria têxtil, possuindo assim uma grande variedade de disciplinas nas áreas de Desenho, Química, Fiação, Tecelagem, Tinturaria, Debuxo; além deste, ainda tinham outros que surgiram como complementares: Eletricidade, Mecânica e Contabilidade. Hoje em dia a escola, além de possuir muito mais cursos e disciplinas, tenta diversificar a sua oferta educativa, apostando sobretudo nas áreas de Línguas e Humanidades, Artes Visuais e Ciências e Tecnologias. Como a escola zela pelo bem dos seus alunos, estes têm um vasto leque de escolhas. Ademais, a escola tenta enfrentar os desafios que se colocam à educação, dado que um dos seus objetivos principais é preparar os seus alunos para o futuro, para que eles sejam cidadãos qualificados e competentes.

Com os anos a escola tem aumentado e desenvolvido as suas instalações, de forma a melhorar as condições e as aprendizagens dos alunos. A remodelação de alguns espaços como, por exemplo, a Biblioteca, o Auditório, a Oficina de Artes e outros; a criação do Pavilhão Gimnodesportivo em 2003, a criação do museu educativo em 2004 e da sala do futuro em 2017: tudo isso demonstra que a escola está em contante desenvolvimento, o que é um ponto positivo para os seus alunos, visto que demonstra a preocupação pelos seus alunos. Além disso, é importante destacar que desde 2003 é uma escola associada ao Estabelecimento Prisional da Covilhã e desde 2008 é associada à Associação para a Formação Tecnológica e Profissional da Beira Interior. Em 2006, a Escola Secundária Campos Melo passou a ser Centro de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, em 2007 foi renomeada com Centro de Novas Oportunidades, mais tarde ficou conhecida como Centro para a Qualificação e Ensino Profissional. Nos dias de hoje, é conhecida por Centro Qualifica, que faz parte de várias escolas do concelho da Covilhã e arredores. É de salientar que a escola possui um lema presente no seu Projeto Educativo *Uma Escola que se orgulha do passado, que reflete sobre o presente, que constrói o futuro...*, a ESCM pretende afirmar-se como

uma instituição que promove a *formação de cidadãos empreendedores, criativos, eticamente responsáveis, capazes de aprender ao longo da vida e de se realizarem através da cultura, da ciência, da tecnologia e da estética* (Projeto Educativo 2014-2018). Assim, podemos ver que esta instituição aposta no futuro dos cidadãos que está a formar, uma vez que quer criar pessoas capazes de serem criativos, qualificados, autónomas e intelectuais; tenta dar as melhores condições aos seus alunos para que estes possam ter um bom futuro. Graças a todo esse esforço e trabalho realizado ao longo de todos estes anos, em 2004, no seu 120º aniversário, foi outorgado à Escola Secundária Campos Melo, pela Presidência da República, o grau de Membro Honorário da Ordem de Instrução Pública, ademais, no seu 120º aniversário, a Câmara Municipal da Covilhã conferiu a Medalha de Ouro de Mérito Municipal. Em 2014, a Escola Secundária Campos Melo recebeu o Selo de *Escola Voluntária*. Nos últimos anos a escola também tem vindo a apostar nos projetos relacionados com ensino, aprendizagem e trabalho no contexto europeu, é uma oportunidade tanto para os alunos como para os professores.

A Escola Secundária Campos Melo tem à volta de 700 alunos entre os quais 186 estrangeiros de 28 nacionalidades. Como podemos ver a escola está em constante desenvolvimento com a principal função de educar e formar cidadãos criativos, responsáveis, qualificados, competentes e sensíveis a todos os problemas que afetam o mundo.



Figura 23- Escola Secundária Campos Melo

1.2 Núcleo de Estágio

No dia 4 de setembro do ano letivo 2024/2025, as professoras estagiárias Angelina Mikhaleva e Beatriz Fernandes integraram o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol da Escola Secundária Campos Melo, sob a orientação das professoras orientadoras de Português, Dr.^a Susel Fonseca, e de Espanhol, Dr.^a Sandra Espírito Santo.

Neste 2º ano de mestrado, tivemos a oportunidade de pôr em prática tudo o que aprendemos até então. Foi uma experiência enriquecedora na medida em que permitiu visualizar todo o panorama escolar, inclusive os desafios com que um professor se depara nos dias de hoje. Este ano foi imprescindível para a nossa formação, dado que todos os ensinamentos adquiridos serão levados para o futuro.

No que toca ao núcleo de estágio em si, para além de sermos colegas, também tínhamos uma boa amizade, o que ajudou bastante na organização de diversas atividades extracurriculares e permitiu aprender com as aulas assistidas, dado que o vermos as aulas uma da outra ajudou a não cometer o mesmo erro. Outro aspeto a destacar tem a ver com os comentários que fazíamos depois das aulas assistidas. No final das aulas dadas por nós reunimo-nos com a professora cooperante da disciplina em questão e partilhávamos as nossas opiniões sobre aula assistida. Isso foi muito proveitoso, na medida em que permitiu adquirir novas estratégias e conhecimentos que devíamos pôr em prática na sala de aula, permitindo ainda corrigir os nossos erros.

Relativamente às professoras orientadoras, estas sempre nos apoiaram e demonstraram interesse em ensinar. Foi precisamente com a ajuda destas professoras que aprendemos a planificar as aulas, criar materiais e desenvolver a aula da melhor maneira possível. Além disso, com estas professoras aprendemos que um professor deve estar preparado para qualquer cenário, ou seja, deve saber lidar com qualquer desafio que lhe possa surgir pelo caminho.

Creio que é importante destacar que, durante este ano, aprendi bastante relacionado com a minha futura profissão. Além disso o ambiente escolar sempre foi muito saudável, por isso fomos bem recebidas e tivemos contacto com vários auxiliares e professores das outras disciplinas, até participamos em inúmeras atividades desenvolvidas entre o pessoal docente e não docente. Todas as oportunidades que tivemos este ano foram aproveitadas e serão úteis para a nossa futura profissão, para no futuro exercer a profissão docente com amor e gosto pela profissão.

1.3 Caracterização das turmas.

1.3.1 Turmas de Português

No que toca às turmas da disciplina de português assistimos às aulas das duas turmas do secundário do curso de Línguas e Humanidades, duas turmas com características diferentes.

Em relação à turma do décimo C esta é composta por 18 alunos, um rapaz e dezassete raparigas. É de destacar que cinco alunos desta turma apresentam NEE (Necessidades Educativas Especiais), visto que apresentam défice cognitivo ou de atenção. Estes alunos eram acompanhados pela professora de Educação Especial, nomeadamente nos momentos de avaliação. Além disso, estes alunos tinham mais tempo durante a avaliação, leitura da prova com a professora de NEE e tinham direito a uma sala separada. No que toca aos restantes alunos, a maioria é de nacionalidade portuguesa, porém também há dois alunos angolanos e dois alunos brasileiros. A idade média dos alunos desta turma é de 15 anos. Além disso na turma há quatro alunos que possuem escalão A e quatro alunos com escalão B.

Relativamente ao grau de conhecimento, a turma no geral é fraca e apresentava dificuldades na realização de certas tarefas. É de salientar que alguns alunos transitaram para o 10^o ano com negativa a Matemática, Inglês e há um caso de classificação negativa a Educação Física. Além disso, um aluno desta turma era repetente. No geral o desempenho da turma não era muito positivo, visto que havia um grande desinteresse por parte de vários alunos. É de referir que inúmeros alunos se destacaram pela positiva, porém também tem vários casos que se destacaram pela negativa. Assim, trabalhar com esta turma por vezes criou desafios, no entanto foi uma experiência bastante enriquecedora, tanto ao nível pessoal como a nível profissional.

Esta turma é a direção de turma da minha professora orientadora de português.

Em relação à turma do 12^o C, como já referi, é uma turma de Línguas e Humanidades e esta é composta por 22 alunos, sete rapazes e quinze raparigas, sendo que a maioria é de nacionalidade portuguesa. No entanto, também há 2 alunos de nacionalidade brasileira e um aluno angolano. É de destacar que na turma existem cinco alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais). Um dos alunos com NEE tem direito a transcrição da prova por possuir disgrafia. Além disso, uma das alunas apresenta dislexia. No geral a turma é fraca e bastante faladora, muitas vezes os alunos não prestam atenção e devido a isso os resultados

não são os melhores. A idade média dos alunos é de 17 anos e a turma é composta por seis alunos subsidiados, três de escalão A e três de escalão B.

1.3.2 Turmas de Espanhol

No que diz respeito às turmas da disciplina de Espanhol, nesta disciplina tivemos a oportunidade de trabalhar com os alunos do ensino secundário, mais especificamente com os alunos do 10º A/B/C e 11º A/B/C. No geral as duas turmas eram muito participativas e alguns alunos sempre demonstraram interesse em aprender, outros eram um pouco tímidos, mas no geral todos tiveram resultados proveitosos.

Uma das turmas a que lecionamos é o 10ºA/B/C, esta turma é composta por três cursos: Línguas e Humanidades, Ciências e Tecnologias e Artes Visuais. Assim, estas turmas contêm 23 alunos, cinco rapazes e dezoito raparigas. É de salientar que a turma do décimo C é diferente das outras visto que, aqui, tivemos a oportunidade de lecionar quer em Português, quer em Espanhol, exceto alguns alunos. No entanto, a turma do décimo A/B/C é composta maioritariamente por alunos de nacionalidade portuguesa, mas também por vários alunos de outras nacionalidades: três alunos angolanos e dois alunos brasileiros. A idade média destes alunos é de 16 anos.

No geral esta turma de três cursos juntos tem bons resultados, porém é muito ruidosa. Alguns alunos são muito participativos e demonstram interesse em aprender, mas também há outros que demonstram completo desinteresse pela escola. Como é o primeiro ano em contacto com o Espanhol, inicialmente alguns alunos apresentavam dificuldades, mas estas foram desaparecendo ao longo do ano. É de referir que esta turma tem alguns casos de NEE. Nesta turma lecionei 4 aulas no 1º período e foi um desafio, visto que são muitos e tive que aprender a captar a atenção de todos os alunos: aqueles que querem aprender e aqueles que só perturbam. Foi um grupo bastante agitado que dificultava o processo de aprendizagem uma vez que é uma turma difícil de controlar.

A turma do 11º A/B/C era uma turma composta por 19 alunos, por quatro rapazes e quinze raparigas. A idade média destes alunos é de 17 anos e esta turma também é composta por três cursos: Línguas e Humanidades, Ciências e Tecnologias e Artes Visuais. Adicionalmente, apesar de ter maioritariamente alunos de nacionalidade portuguesa, nesta turma também existem dois alunos de nacionalidade brasileira. No geral é uma turma com bons resultados, porém, muitos alunos apresentavam algumas dificuldades. Além disso, alguns alunos eram tímidos e nem sempre tinham coragem de perguntar alguma questão relacionada com o tema. Apesar de ser uma turma bem-

comportada, às vezes também havia um pouco de ruído e alguns casos de comportamento inadequado por parte de alunos menos interessados em aprender.

No geral, as duas turmas tinham alunos interessados em aprender, porém por vezes o ruído dificultava o nosso trabalho. No entanto, gostamos muito de trabalhar com estas turmas e sempre tentamos ajudar. Alguns alunos eram bastante empenhados e interessados em aprender, outros nem tanto, mas todos eram muito simpáticos e participativos.

Capítulo 2: Estágio pedagógico aulas

2.1 Aulas observadas de Português e planificação das unidades didáticas

Como já referi no ano letivo 2024/2025 tivemos a oportunidade de trabalhar com alunos do ensino secundário, mais especificamente com as turmas do 10^o e 12^o anos, isso é relativamente à disciplina de português. Todas as aulas lecionadas estavam de acordo com o que consta nas metas curriculares e no programa relativo a esta disciplina para estes anos de escolaridade.

De acordo com o que está estipulado nas regras deste mestrado cada uma de nós deve lecionar nove tempos de português de 90 minutos até o final do estágio. Assim, lecionei sete tempos de 90 minutos à turma do décimo ano e lecionei dois tempos de 90 minutos à turma do décimo segundo ano.

No que toca à disciplina de português, durante todo o ano letivo fomos sempre acompanhadas e apoiadas pela professora orientadora Dr.^a Maria Susel Fonseca da Escola Secundária Campos Melo. A professora orientadora sempre demonstrou interesse em ajudar e ensinar. Ao longo do ano, enquanto lecionávamos a professora orientadora sempre nos acompanhou e aprendemos com ela bastante sobre vários aspetos relacionados com a disciplina de português. Uma vez que a professora é a diretora de turma do décimo ano do curso de Línguas e Humanidades, também aprendemos bastante sobre algumas questões relacionados com os documentos da direção de turma. Sempre ajudou a criar os nossos materiais e auxiliou na utilização de alguns recursos já existentes nos manuais ou na escola virtual, esta última foi uma boa ferramenta para a realização das nossas aulas. Também é de salientar a supervisão pedagógica realizada pela Universidade da Beira Interior, mais especificamente pelo Professor Doutor José Henrique Rodrigues Manso.

2.1.1 Primeiro período

No que diz respeito ao primeiro período na disciplina de português tive a oportunidade de lecionar na turma do 10^oC. Como já mencionei no geral é uma turma fraca e ruidosa, porém, apesar de não ter conseguido cumprir as planificações e apesar de todas as dificuldades considero que as aulas correram bem.

Nesta turma tive a possibilidade de lecionar unidade 2 que era sobre Fernão Lopes, mais especificamente era a *Crónica de D. João I*. Comecei por lecionar esta

unidade no dia 12 de novembro e terminei no dia 19 de novembro. No primeiro período tive a oportunidade de lecionar três aulas seguidas (Anexo 1).

Como fui eu a dar o início a esta unidade, na minha primeira aula preparei um PowerPoint sobre vários conteúdos relacionados com o conceito da crónica, vida e obra de Fernão Lopes e a *Crónica de D. João I*. Assim, a primeira aula começou pela escrita do sumário no quadro para que os alunos o escrevessem nos seus cadernos e depois foi projetado um PowerPoint (de elaboração própria) e se procedeu à explicação do conceito crónica; em seguida realizou-se uma pequena conversa professor-alunos sobre se sabem em que consiste a *Crónica de D. João I*, houve várias respostas e algumas até estavam corretas. Em seguida, através de um PowerPoint, procedeu-se à explicação sobre contextualização histórico-literária em que foi feita uma breve apresentação do contexto histórico que ocorreu um pouco antes e durante a *Crónica de D. João I*. Em seguida, através da leitura e interpretação de um texto intitulado *Fernão Lopes, natural do Alandroal?* do manual *Páginas 10*, foi elaborada uma breve apresentação da vida e obra de Fernão Lopes. Após a leitura do texto, foi solicitado aos alunos a resolução do exercício 1 do manual. Depois deste exercício, considerei pertinente referir algumas características sobre a escrita de Fernão Lopes, que foram explicadas através da leitura do texto *Guardador das escrituras do tombo (1418-1454)* do manual *Páginas 10*. Para dar início ao estudo da *Crónica de D. João I*, começamos pela leitura e interpretação do prólogo que estava no manual *Páginas 10*. A leitura e interpretação do prólogo permitiu aos alunos entender algumas características da escrita de Fernão Lopes e o que o cronista pretendia ao narrar essa história. É de salientar que ao longo da aula todas as atividades foram projetadas, inclusive o PowerPoint. A minha primeira aula terminou com a realização dos exercícios de interpretação sobre o prólogo da *Crónica de D. João I* e a atividade de *Kahoot* passou para a próxima aula devido à falta de tempo (Anexo 2).

No que toca à segunda aula, esta foi no dia 15 de novembro e foi marcada pela presença do professor da Universidade da Beira Interior, Professor Doutor José Henrique Manso. Ademais, nessa aula para além da minha professora orientadora de português e do professor Henrique, também estava a professora da Educação Especial que ajudava uma aluna ao longo da aula. A aula começou com a escrita do sumário no quadro para que os alunos o registassem nos seus cadernos. Em seguida, tal como já referi anteriormente, na primeira aula ficou uma tarefa por fazer, por conseguinte, a segunda aula começou precisamente com a tarefa da aula anterior que foi um *Kahoot* sobre a vida e obra de Fernão Lopes. Este *Kahoot* foi de elaboração própria e serviu de consolidação da matéria da aula anterior. Após o *Kahoot* para fazer uma pequena revisão foi feito um conjunto de questões sobre o contexto histórico-literário e, em

seguida, foi pedido aos alunos a elaboração dos exercícios 2 e 3, do manual *Páginas 10* (Anexo 3). Depois destas atividades foi projetada no quadro uma pergunta de opinião: “*Na idade média já havia Fake News?*”. Após várias respostas e comentários diferentes, foi solicitada a realização individual dos exercícios 1 e 2 do manual *Páginas 10*. Posteriormente, procedeu-se à correção das tarefas propostas e em seguida foi realizada a leitura e interpretação do capítulo XI, do episódio *Matam o Mestre da Crónica de D. João I*. É de destacar que a leitura do excerto foi repartida por vários alunos da turma. Após a leitura e minuciosa interpretação do excerto procedeu-se à realização dos exercícios relacionados com o excerto. Devido a falta de tempo dois exercícios foram marcados para trabalho de casa. Tal como na primeira aula todas as atividades, ou seja, as que estavam no manual e as que estavam no PowerPoint foram projetadas no quadro (Anexo 4).

Relativamente à minha terceira e última aula de português do primeiro período, esta foi realizada no dia 19 de novembro e começou com a escrita do sumário no quadro para que os alunos o registassem nos seus cadernos. Após o registo do sumário procedeu-se à correção do trabalho de casa e realização dos restantes exercícios relacionados com o excerto, que não foram realizados na aula anterior, uma vez que a planificação não foi cumprida devido à falta de tempo. Em seguida, foi pedido aos alunos a realização individual de uma ficha formativa relacionada com o excerto XI, nesta ficha os alunos tinham várias perguntas de opinião e outras de explicação sobre o excerto estudado e sobre a relação entre a história e a literatura. Esta ficha serviu de consolidação do capítulo XI, do episódio *Matam o Mestre da Crónica de D. João I*.

2.1.2 Segundo período

Em relação ao segundo período, na disciplina de português tive a oportunidade de trabalhar com os mesmos alunos que no primeiro período, ou seja, alunos do décimo ano do curso Científico-Humanístico.

Neste período consegui lecionar quatro aulas, ou seja, quatro blocos de 90 minutos. A minha primeira aula decorreu no dia 24 de janeiro e continuei com o estudo da *Farsa de Inês Pereira*, mais especificamente com o episódio “*Inês rejeita um marido ingénuo*”. Comecei a aula por perguntar o que tinham feito na aula anterior, com o objetivo de serem os alunos a relembrar os conteúdos estudados na aula passada. Visto que com esta síntese feita pelos alunos o professor tem a oportunidade de detetar se os

alunos têm dúvidas relativamente aos conteúdos já estudados, por conseguinte, esta síntese é feita no início de cada aula.

Assim, após a síntese, se procedeu à leitura e interpretação do excerto em questão. Com o objetivo de captar uma maior atenção dos alunos a leitura do texto foi distribuída por vários alunos da turma. À medida que estes liam o texto em voz alta realizou-se uma análise detalhada do excerto: sobre as características das personagens, o tema do conflito de gerações, que está bem explícito neste episódio, assim como exploramos alguns recursos expressivos utilizados no trecho em questão. Após o estudo do excerto para consolidar os conhecimentos, procedeu-se à realização de exercícios do manual *Páginas 10* relacionados com o excerto. Como o excerto era um pouco grande e por falta de tempo estes exercícios foram feitos oralmente. As atividades consistiam em identificar a personagem que entra em cena e relacionar com o excerto anterior; caracterizar as personagens presentes no excerto; selecionar os trechos do texto para comprovar as respostas dadas; explicar o conflito de gerações presente no excerto em questão e por fim indicar e caracterizar os tipos de cómico. Todos estes exercícios estavam relacionados com o que os alunos tinham aprendido durante a aula e os resultados foram bastante positivos. Até porque algumas questões eram bastante simples uma vez que já foram abordados durante a análise do excerto.

Para reforçar as aprendizagens e para terminar a aula se procedeu à realização de dois exercícios do manual *Páginas 10*, mais especificamente da ficha informativa catorze: um dos exercícios era de correspondência e os alunos tinham que associar as letras com os números e este consistia em verificar se os alunos compreenderam os diferentes tipos de cómico, visto que, no exercício, deviam relacionar cada tipo de cómico com as falas das personagens. Outro exercício consistia em completar espaços e estava relacionado com a função que o cómico desempenha na obra vicentina.

Para terminar a aula, realizou-se a correção dos últimos dois exercícios e questionou-se se os alunos tinham dúvidas sobre o excerto abordado. No geral a aula correu bem e a planificação foi cumprida. Além disso, apesar de algum ruído durante a aula os alunos conseguiram realizar todas as questões.

Relativamente à minha segunda aula assistida, esta realizou-se no dia 28 de janeiro e nesta aula contamos com presença do professor da Universidade da Beira Interior, Professor Doutor José Henrique Manso. Inicialmente, foi pedido aos alunos a realização de uma síntese sobre a aula anterior, assim os alunos recordavam os conteúdos abordados na aula anterior, o que permitia estabelecer ligação com o excerto estudado na aula do dia 28 de janeiro, até porque os dois estão interligados.

Após esta breve síntese procedeu-se à leitura e análise do excerto “Inês vive um inferno de casamento”: como este excerto é bastante extenso este foi dividido em duas

partes. A primeira parte do excerto, ou seja, até ao casamento foi lecionada na aula do dia 28 de janeiro e a segunda parte do excerto, do casamento em diante, foi lecionada na aula a seguir, dia 31 de janeiro. Primeiro, procedeu-se à leitura do texto, que foi distribuído por vários alunos da turma, facilitando assim a participação e a atenção de todos. À medida que liam o fragmento foi realizada a análise dos aspetos mais importantes: vocabulário, recursos expressivos presentes no excerto e o seu significado; os que mais se destacaram foram metáfora, ironia, hipérbole e repetição. Além destes aspetos, também foram mencionados os tipos de cómico presentes no excerto estudado e a relação entre as personagens, que nesta cena foi muito relevante, para estabelecer a ligação com a próxima aula.

Seguidamente, com o objetivo de consolidar os conteúdos abordados e para reforçar os conhecimentos adquiridos, durante a análise desta parte do excerto foi realizada uma ficha de trabalho adaptada de um livro de resumos, da Areal Editores, que se intitula *Arrumar Ideias- Farsa de Inês Pereira*. As perguntas consistiam em justificar o cómico presente no excerto, referir as estratégias utilizadas pelos Judeus para convencer Inês; caracterização do Escudeiro, explicitação da sátira feita ao Escudeiro e a relação presente entre os Judeus com Inês e Escudeiro. Todas estas perguntas estavam relacionadas com a parte do excerto estudado e os alunos tinham 15 minutos para a realização destas questões, mas como a análise do fragmento demorou mais tempo, conseqüentemente, a correção dos exercícios foi feita oralmente. Considerando todas as dificuldades desta turma, esta não foi a melhor opção, além disso, penso que, para motivar estes alunos que apresentam bastantes dificuldades, seria melhor sempre trazer um vídeo ou uma música que pudesse motivar, de modo que permitisse um melhor desempenho destes alunos.

Assim, apesar de alguns desajustes, a planificação desta aula foi cumprida e a aula terminou com a correção oral desta ficha de trabalho.

No que toca à minha terceira aula, esta decorreu no dia 31 de janeiro e nesta aula continuamos a leitura da segunda parte do excerto “Inês vive um inferno de casamento”. Tal como todas as outras, esta aula começou com uma síntese feita pelos alunos sobre a aula anterior, porém, desta vez tinham que lembrar o que aconteceu na primeira parte do excerto, ou seja, até ao casamento. Após esta breve síntese e alguns comentários sobre a primeira parte do excerto, procedeu-se à leitura e análise da segunda parte do fragmento, ou seja, desde o casamento até o final do excerto em que Inês decide casar com Pêro Marques. Tal como nas aulas anteriores, a leitura do texto foi dividida por vários alunos da turma e à medida que liam foi realizada a análise do excerto. Esta análise consistiu em vocabulário, recursos expressivos como, por exemplo, metáfora,

comparação, ironia e outros. Também se realizou uma breve caracterização das personagens presentes no trecho em questão.

Relativamente à segunda parte da aula, esta foi dedicada à realização dos exercícios presentes no manual *Páginas 10*, que estavam relacionados com todo o excerto, por conseguinte, foram guardados para esta aula. Estas atividades serviram de revisão da cena estudada nas duas aulas, ou seja, a aula do dia 28 de janeiro e a aula do dia 31 de janeiro; uma vez que abrangiam perguntas sobre o excerto na sua totalidade. Estas perguntas consistiam em divisão do texto em partes, análise intertextual entre várias subpartes, o papel dos Judeus nesta peça e a relação que isso tem com *O Auto da Barca do Inferno*; identificar os recursos expressivos; explicar a importância do monólogo do Escudeiro; caracterizar a vida de Inês após o casamento e uma questão de resposta livre em que os alunos tinham que prever o possível final da peça.

É de referir que devido à falta de tempo a planificação desta aula não foi cumprida. Visto que as perguntas de interpretação foram feitas em conjunto e a correção das perguntas foi projetada no quadro os alunos não tiveram tempo para acabar as perguntas em questão, por conseguinte, algumas tiveram que ser realizadas na aula seguinte. Além disso, o ruído e alguma perturbação durante a aula também contribuíram para que o plano da aula não fosse cumprido.

A minha quarta e última aula deste período, teve lugar no dia 4 de fevereiro. Esta aula foi uma aula de revisão e começou por uma breve síntese feita pelos alunos, com o objetivo de estabelecer a ponte com a aula anterior. Uma vez que na aula anterior não conseguimos realizar todos os exercícios estes foram terminados nesta aula. Em seguida, com o objetivo de rever os conteúdos relacionados com Gil Vicente e as suas obras, se procedeu à leitura e interpretação dum texto do manual *Páginas 10*, que se intitula *Gil Vicente, um escritor de intervenção e homem de vários ofícios*. Após a leitura e interpretação do texto realizou-se o exercício de associação em que os alunos precisavam de associar letras e números de acordo com as informações do texto.

A segunda parte da aula foi dedicada à leitura dum texto do manual *Páginas 10* que se intitula *“Existiu teatro antes de Gil Vicente?”* Assim, primeiro realizou-se a leitura do texto que foi dividido por vários alunos da turma; seguidamente, foi pedido aos alunos para sublinharem as ideias principais presentes no texto. Depois disso, os alunos partilharam com a turma as ideias que consideraram relevantes; em seguida procedeu-se à realização do exercício 2, em que os alunos tinham que escrever uma síntese sobre o texto acima mencionado. Assim, a aula terminou com a leitura, pelos alunos, da tarefa proposta.

Assim, no que toca às aulas da disciplina de português do segundo período, é de referir que, apesar de algum ruído, que acaba por afetar toda a turma, e das dificuldades

que apresentam vários alunos, as aulas decorreram de maneira razoavelmente satisfatória. É de salientar que estas aulas foram imprescindíveis para corrigir alguns erros que foram cometidos no primeiro período. Além disso, como já tinha trabalhado com esta turma, tinha uma ideia do tempo que demoram a realizar certas atividades. Apesar de ser uma turma ruidosa, há sempre alunos interessados em aprender e tentam participar nas aulas respondendo às questões propostas. Adicionalmente, estas aulas, tal como as aulas do primeiro período, servirão de lição para não cometer os mesmos erros nas aulas do terceiro período.

2.1.3 Terceiro Período

A minha primeira aula do 3º período decorreu no dia 28 de abril. Neste período tive a oportunidade de lecionar aulas de português a uma turma do 12º ano do curso regular de Línguas e Humanidades.

Dado que era eu que dava início à unidade 2 destinada a contos, na minha primeira aula lecionei um conto da obra *O Fogo e as Cinzas*: “Sempre é uma companhia”, de Manuel da Fonseca. Antes de dar o início ao estudo do conto, fez-se a pergunta o que é um conto? para verificar se os alunos se lembravam. Por conseguinte, à medida que os alunos diziam características dum conto fui projetando algumas especificidades diferentes que ainda não conhecessem. Após esta breve revisão sobre o que é um conto, procedeu-se a uma breve apresentação do autor. Esta apresentação incluía os aspetos mais importantes da vida do autor e algumas obras. Em seguida se procedeu à leitura e análise da primeira parte do conto do manual *Mensagens 12*. A leitura do excerto foi distribuída por vários alunos da turma, visto que deste modo os alunos demonstram mais interesse e uma maior participação. À medida que se lia o texto foram analisados alguns aspetos, como, por exemplo, caracterização física e psicológica das personagens presentes nesta primeira parte do conto; vestimenta da personagem principal; espaço físico, social e psicológico; algumas figuras de estilo: personificação, hipérbole, comparação; estilo e vocabulário popular; ponto de vista da narração: relação entre as personagens principais. Todas estas características foram destacadas no texto com ajuda de alunos.

Após a leitura e análise do texto, como forma de consolidar os conhecimentos adquiridos, procedeu-se a realização dos exercícios relacionados com esta parte do conto. Todos os exercícios foram retirados do manual *Mensagens 12*. O primeiro exercício consistia em selecionar as palavras que caracterizavam Batola, tendo em conta os quatro primeiros parágrafos do texto. Este exercício foi imprescindível na medida em que estimulava os alunos a caracterizar a personagem principal através das frases do texto. O segundo exercício era sobre a relação entre Batola e a sua mulher.

Este exercício era importante para entender o relacionamento do casal, visto que esse aspecto vai ser fundamental para o final do conto. Relativamente ao terceiro exercício, neste os alunos tinham que identificar dois comportamentos de Batola que comprovavam a sua necessidade de escapar da vida quotidiana. Esta atividade era necessária para verificar se todos os alunos entenderam o porquê de Batola possuir um comportamento inadequado neste fragmento do conto. No que toca à última pergunta, os alunos tinham que justificar a exclamação *Que belo companheiro!* que estava no texto na linha 55. Para além de justificar tinham que explicar a relação entre o Batola e o seu velho amigo Rata (Anexo 5).

Relativamente à minha segunda e última aula na disciplina de português, esta teve lugar no dia 5 de maio e nesta continuamos com o estudo da segunda parte do conto “Sempre é uma companhia”, de Manuel de Fonseca. Esta aula começou com uma breve síntese feita pelos alunos sobre a aula anterior. Considero que esta atividade inicial é uma boa estratégia, dado que assim conseguimos fazer uma pequena revisão e permite perceber se os alunos têm alguma dúvida da aula anterior. A seguir se procedeu à leitura e análise do conto. Tal como na aula anterior a leitura do texto foi distribuída por vários alunos da turma e à medida que liam o texto analisávamos o excerto em questão. A análise do excerto incluía novamente a caracterização das personagens, visto que nesta segunda parte do conto aparecem novas personagens era fundamental caracterizar estas personagens a nível físico e das relações que estes estabeleciam com as personagens principais. Nesta aula também foi abordada a questão da peripécia inicial e final e como isso se refletia no texto. Também foram identificadas algumas figuras de estilo e vocabulário rural. Esta parte do conto serviu para comparar o ambiente da aldeia e o comportamento das pessoas antes e depois do aparecimento da telefonia. Por conseguinte, à medida que liamos o texto tentou-se sempre fazer esta comparação entre o antes e depois. Tal como se verificou houve inúmeras alterações que os alunos identificaram e justificaram com partes do texto. Além disso, também foi pedido para demonstrar a diferença no relacionamento do casal Barrasquinho, ou seja, como a relação deles mudou após o aparecimento do rádio. Todas estas atividades foram realizadas com êxito. Considero que o conto era bastante simples e nenhum aluno apresentou grandes dificuldades na análise do mesmo. Assim que terminamos a leitura os alunos tinham que identificar a peripécia final, justificando a sua resposta. Em seguida, para consolidar as aprendizagens adquiridas os alunos tinham que realizar quatro exercícios do manual *Mensagens 12*.

Os exercícios de consolidação estavam todos relacionados com a segunda parte do conto. O primeiro exercício consistia em identificar o “extraordinário acontecimento”, que permitiu perceber se os alunos entenderam qual era o

acontecimento. Relativamente ao segundo exercício, neste os alunos tinham que relacionar os traços caracterizadores do vendedor com a forma como este conduz a venda da telefonia. Foi um exercício imprescindível, na medida em que permitiu verificar se os alunos conseguem caracterizar o vendedor e a estratégia utilizada por esta personagem. O exercício três estava relacionado com a atitude da mulher de Batola. Neste exercício os alunos tinham que justificar a alteração no comportamento da mulher de Batola, ou seja, como a atitude dela mudou após o aparecimento da telefonia. Relativamente ao quarto exercício, era bastante simples: os alunos tinham que completar o esquema sobre que alterações houve na aldeia com o aparecimento da telefonia. Por fim, o último exercício já tinha sido abordado ao longo da análise do texto e este consistia em relacionar a peripécia final com o título do conto. Este exercício demonstrava que os alunos tinham que ler o conto até ao fim para perceber o significado do título. Além disso, foi interessante uma vez que o final do conto continha um efeito surpresa.

É de referir que no geral as aulas correram bem, consegui cumprir as planificações e gostei de lecionar este conto. Como foram as minhas primeiras aulas com esta turma considero que foram bastante proveitosas. Apesar de esta turma possuir alguns alunos bastante fracos, no geral todos os alunos demonstraram interesse em aprender, ademais eram muito participativos e simpáticos.

No entanto, também considero relevante mencionar que quer na aula do dia 28, quer na aula do dia 5 faltaram as imagens. É verdade que algumas estão presentes no manual dos alunos, mas penso que se, por exemplo, mostrasse uma imagem do Alentejo ou do traje alentejano os alunos teriam a oportunidade de visualizar o conto e seria mais interessante.

Para concluir, todas as aulas lecionadas, quer neste último período quer nos dois anteriores, proporcionaram uma experiência enriquecedora que será imprescindível para a minha futura profissão.

2.2 Aulas observadas de Espanhol e planificação das unidades didáticas

Com já referi, no ano letivo 2024/2025 tivemos a oportunidade de trabalhar com alunos do ensino secundário, mais especificamente com as turmas do 10º e 11º anos.

Relativamente à professora orientadora foi a Dr.^a Sandra Espírito Santo que vigiou as nossas aulas e sempre ajudou e demonstrou interesse em ensinar. Auxiliou-nos bastante na criação dos nossos materiais para as aulas, assim como ajudou a tornar as nossas aulas mais dinâmicas. Com a sua ajuda também aprendemos e conhecemos

várias aplicações importantes para as nossas aulas. Além disso, como o estágio não consiste apenas em lecionar aulas, mas também participar em várias atividades, graças à nossa orientadora, Dr.^a Sandra, participámos em inúmeras atividades.

No que toca à professora da Universidade da Beira Interior fomos acompanhados pela Professora Doutora Ana Belén Cao Míguez, que sempre foi muito compreensiva e disposta a ajudar, tendo-nos auxiliado bastante a melhorar ao longo do estágio.

2.2.1 Primeiro período

No início do primeiro período ficou decidido que durante este período eu iria lecionar quatro aulas de 90 minutos à turma do 10^o A/B/C, que como já referi é uma junção de três turmas distintas.

No que toca à minha primeira aula de espanhol esta decorreu no dia 5 de novembro e realizou-se numa turma de espanhol como disciplina específica e foi com os alunos do 10^oC do curso de Línguas e Humanidades. Nesta aula apenas tinha 9 alunos. E como é uma turma de espanhol específico nesta aula apostamos em fazer mais exercícios e revisões sobre os conteúdos já lecionados. Assim, na minha primeira aula realizei um conjunto de exercícios sobre a unidade um lecionada anteriormente pela minha professora orientadora, Dr.^a Sandra. Nesta aula realizamos vários exercícios sobre a unidade um, aos alunos foi dada uma ficha de exercícios e começamos com a leitura de um diálogo. Em seguida, os alunos tinham que resolver um exercício relacionado com cumprimentos e despedidas e este foi retirado da página web *es.iscollective*. Em seguida fizemos a leitura de um texto relacionado com dados pessoais: *Los miembros del club de español*. Esta atividade foi retirada da internet: *Spanish learning lab*. A leitura do texto foi repartida por vários alunos e procedeu-se à leitura do texto em voz alta. A partir do texto foi elaborada explicação sobre os *artículos definidos e indefinidos* e de *las contracciones*. Em seguida, na ficha os alunos tinham que preencher um quadro com os *artículos definidos e indefinidos*. Posteriormente, fizemos um exercício de compreensão oral: os alunos tinham que ouvir um diálogo e preencher espaços com o artigo correto. Para terminar a aula realizamos um jogo de “Hundir la flota”; neste jogo dividi a turma em dois grupos e cada grupo tinha x perguntas sobre a unidade um e tinham uma folha com os seus barcos. Um a um faziam perguntas e tentavam afundar barcos da equipa adversária. Esse jogo foi uma boa ferramenta para desenvolver a oralidade dos alunos. Como esta foi a minha primeira aula de todas, no início foi um pouco complicado habituar-me, mas com o tempo foi

melhorando. Além disso, como foi a primeira aula ainda não tinha a certeza do tempo que os alunos demoram realizar certos exercícios, por isso a planificação estava demasiado extensa para uma aula de 90 minutos.

Relativamente à minha segunda aula, esta foi no dia 6 de novembro e já foi com o 10º A/B/C, como já tinha dito é uma turma de 23 alunos de três turmas distintas. Esta turma tem alunos muito interessados em aprender, mas por vezes é muito ruidosa. Nesta aula comecei por dar início à unidade três, que se intitula *¡Una clase... con clase!* (Anexo 6). No início da aula foi projetada no quadro uma adivinha para ver se os alunos descobriam de que trata a unidade de que vamos falar. Após a resposta certa, os alunos afirmaram que iríamos falar sobre escola e sobre materiais escolares, por conseguinte realizamos um exercício de compreensão oral, do manual intitulado *Endirecto.es1*. Foi o primeiro exercício e os alunos tinham que ouvir e selecionar a pessoa a que pertenciam os materiais escolares que também estavam nas imagens. Após a realização deste exercício corrigimos em conjunto. Todos os exercícios foram projetados no quadro de modo a que todos os alunos pudessem ver. Posteriormente, foi distribuída uma ficha com exercícios e nesta realizamos a leitura de um texto sobre materiais escolares e as cores, em seguida, foi solicitado aos alunos a resolução de um exercício de completar diálogo com materiais escolares, o exercício foi retirado do site *Profedelee.es*. A seguir fizemos um exercício de compreensão oral em que os alunos tinham que ouvir estudantes e completar as suas listas de compras, mais especificamente completar as listas com materiais escolares; este foi um exercício do manual *Endirecto.es1*. Depois se procedeu à realização de um exercício relacionado com o exercício anterior, em que os alunos tinham que completar um quadro com as cores. A partir do exercício de completar as listas de compras foi explicado o conteúdo gramatical que nesta aula foi sobre a formação do plural de nomes e adjetivos. Após uma breve explicação gramatical foi solicitado aos alunos a realização do exercício (de elaboração própria) sobre o plural de nomes e adjetivos: onde tinham que completar as frases com a palavra que estava entre parênteses, mas tinham que ver se a palavra devia estar no plural ou no singular. O último exercício desta aula foi retirado do manual *Endirecto.es1* e consistia em completar as frases com singular ou plural (Anexo 7).

A minha terceira aula foi no dia 8 de novembro e esta aula foi especial, dado que contamos com a presença da professora da Universidade da Beira Interior, Professora Doutora Ana Belén Cao Míguez. Esta aula começou com uma breve revisão dos conteúdos abordados na aula anterior, primeiramente houve uma conversa entre professor e alunos sobre o que eles têm dentro do estojo. Esta atividade tinha como objetivo relembrar materiais escolares e as cores que os alunos aprenderam na aula anterior. A seguir, para introduzir um vídeo sobre os vários espaços da escola foi

perguntado aos alunos qual é o lugar da escola de que eles mais gostam. Depois desta pergunta os alunos visualizaram um vídeo em que uma aluna conta à sua tia os diferentes lugares existentes na sua escola e as disciplinas que tem. Esta atividade tinha por função ensinar os alunos a dizer diferentes sítios da escola e as disciplinas, visto que depois do vídeo eles tinham que dizer os espaços que mencionou a aluna no vídeo. Este vídeo foi retirado do manual *Endirecto.es1*. Seguidamente, foi realizado um exercício de compreensão oral: os alunos tinham que ouvir e sinalizar no caderno os lugares que apareciam no diálogo. Este exercício também foi retirado do manual *Endirecto.es1*. Posteriormente, para introduzir o tema do contraste entre os sistemas de ensino espanhol e português foi feita uma pergunta relativamente a esse tema. Depois de explicar o funcionamento do sistema educativo espanhol, incluindo o nível das notas foi solicitado aos alunos a realização dum exercício do manual, em que tinham que ouvir um diálogo e completar a ficha do aluno com as informações que faltavam. A seguir, foi distribuída uma ficha com uma canção *Con colores y materiales* (de elaboração própria com base na aplicação SUNO), através desta canção foi introduzido o presente de indicativo, nomeadamente os verbos regulares *estudar*, *aprender* e *viver* através das frases da canção. Para corrigir este exercício foi pedido a vários alunos escrever no quadro alguns verbos regulares e irregulares e conjugá-los. Como esta unidade é toda relacionada com a escola também foi importante mencionar algumas expressões que podemos utilizar em sala de aula como, por exemplo, *¿Puedo salir a la pizarra?*; *¿Habéis hecho los deberes?*. Seguidamente, foi distribuída uma ficha de palavras cruzadas sobre os materiais escolares (de elaboração própria), com este exercício se pretendia rever matérias escolares que os alunos aprenderam. Como no final da aula os alunos estavam muito agitados já não conseguimos realizar um exercício gramatical, dado que este exigia uma maior concentração, assim a planificação da aula também acabou por não ser cumprida.

A minha quarta e última aula do primeiro período foi no dia 12 de novembro e esta aula consistiu em revisão dos conteúdos estudados nas aulas anteriores. Primeiramente, foi solicitada aos alunos a resolução do exercício do caderno de atividades sobre as expressões que devem utilizar em sala de aula. Seguidamente resolvemos o exercício de compreensão oral sobre as expressões relacionadas com as cores. Estes exercícios tinham como função ensinar vocabulário e rever o que já tinham aprendido. Em seguida, realizamos um exercício sobre o presente de indicativo. A correção de estes exercícios foi realizada em conjunto e vários alunos resolveram exercícios no quadro. A seguir fizemos um exercício de revisão sobre a formação do plural dos nomes e adjetivos. Posteriormente, foi distribuída uma ficha em que os alunos tinham que completar as frases com as palavras da caixa, este exercício foi

retirado de uma página *web Blog de recursos para la colaboración de A.C.I.S.* Para terminar a aula realizamos um exercício de palavras cruzadas sobre a escola retirado do caderno de atividades.

No geral todas as aulas correram bem, além disso foram muito proveitosas na medida em que ao longo destas aulas do primeiro período fomos aprendendo e melhorando para no próximo período não cometer os mesmos erros. É verdade que por vezes o ruído dos alunos dificulta a tarefa de realizar uma aula segundo o plano, mas isso também ajuda bastante para ver o que uma determinada turma é capaz de fazer numa aula. Assim, as planificações que não foram cumpridas neste período servirão de lição para não cometer o mesmo erro no segundo período.

2.2.2 Segundo período

No final do primeiro período ficou estabelecido que no segundo período eu lecionava cinco blocos de 90 minutos à turma do 11ºA/B/C. Tal como no primeiro período a turma do 10º ano era a junção de três turmas, esta turma do 11º ano também é a junção de três turmas. Por conseguinte, esta é constituída pelos alunos de Artes Visuais, Línguas e Humanidades e Ciências e Tecnologias.

A minha primeira aula assistida de espanhol do segundo período decorreu no dia 18 de março e nesta aula contamos com a presença da professora da Universidade da Beira Interior Doutora Ana Belén Cao Míguez.

Nesta aula tive que introduzir a unidade sobre viagens que se intitulava *Viajar es vivir*, assim para introduzir a unidade e para motivar os alunos começamos com um exercício de compreensão oral. No início da aula foi distribuída uma ficha com a letra da canção, porém, dezasseis palavras estavam trocadas, por conseguinte, os alunos tinham que corrigir as palavras que estavam a negrito. Ouvimos a canção duas vezes, porém, alguns alunos ainda não tinham conseguido corrigir todas as palavras. No entanto, prosseguiu-se para a parte da correção da atividade. Após a correção fez-se a pergunta *¿Por qué creéis que os traigo esta canción?* Visto que todas as palavras corrigidas estavam relacionadas com o tema de viagens os alunos deviam refletir sobre as palavras destacadas. Depois desta introdução para motivar os alunos e para tornar a aula mais dinâmica foram feitas algumas perguntas como, por exemplo, *¿Qué sentimientos os transmite esta canción?*; *¿Os gusta viajar?* e *¿Dónde os gustaría ir?* Após estes breves comentários procedeu-se à visualização de um vídeo extraído da página web de *ProfedeELE*, foi um vídeo bastante interessante a que dei o título de *Un mensaje para mi futuro yo*, visto que era sobre um senhor que recebeu um envelope com um vídeo que ele fez quando ainda era jovem. Neste vídeo um jovem conta a sua

experiência de viagem ao Peru. O objetivo deste vídeo era introduzir a diferença que existe entre viajante e turista. Dado que no vídeo o jovem afirma: *Recuerda que hubo un tiempo en el que fuimos viajeros, no turistas, en el que nos guiábamos por la curiosidad, no por un libro y no necesitábamos reserva para pasar una gran noche, y tú lo sabes*. Assim, aproveitei esta frase para fazer a pergunta *¿Conocéis la diferencia entre un viajero y un turista?* Depois de várias opiniões de alunos, procedeu-se à realização de um quiz sobre o que preferem os viajantes e o que preferem os turistas, como, por exemplo, onde dorme um turista e onde dorme um viajante. Após a resolução do quiz para introduzir o exercício do manual e para interligar estes dois exercícios foi introduzido o tema de que, como vimos no vídeo, há vários tipos de viajantes, por conseguinte, os alunos realizaram a atividade 4 da página 43 do manual *Endirecto.es.2*. Neste exercício, os alunos deviam associar os tipos de viajantes com as suas definições. Em seguida, corrigimos o exercício em conjunto e procedeu-se à visualização de um vídeo que era sobre os tipos de viagens. Para introduzir este vídeo foi feita a ligação com o exercício anterior que explicava que para cada tipo de viajante existem diversos tipos de viagens e foi perguntado se os alunos conheciam algum. Em seguida foi visualizado o vídeo e foi feita a correção do exercício em questão. Para ampliar o vocabulário dos alunos sobre o tema das viagens foi realizada uma ficha de trabalho sobre os tipos de turismo. Para introduzir esta ficha foram dados vários exemplos para os alunos refletirem e tentarem responder, como, por exemplo: *Si yo quiero relajarme un poco, desligarme de la rutina y voy a un pueblo a vivir con personas de allí. ¿Qué tipo de turismo puede ser?* Nesta ficha, que foi retirada da página web *páginadelespanol*, os alunos tinham definições de vários tipos de turismo e as respetivas denominações, porém, estas estavam numa caixa e os alunos tinham que associar definições com as suas denominações. Visto que nesta parte da aula os alunos já tinham suficiente vocabulário foi feita a pergunta *¿Qué necesitamos para viajar?* Esta pergunta serviu de introdução para a realização do exercício 5 da página 43 do manual *Endirecto.es.2*. Assim, após algumas respostas dos alunos realizou-se o exercício em questão em que os alunos tinham que ordenar ações que devemos realizar ao planear uma viagem. Como nesta aula era importante abordar tudo o que necessitamos para viajar e os diferentes tipos de viagens que há, só faltava introduzir os meios de transporte. Para introduzir os meios de transporte efetuou-se um diálogo com os alunos que continuou com um exemplo *¿Si quiero viajar a Peru cómo voy?* Como era de esperar os alunos responderam “de avião” em seguida foi desenvolvida a questão *¿Cómo voy hasta Lisboa porque en Covilhã no hay un aeropuerto?* A partir destas questões foram introduzidos os meios de transporte e foi realizada uma ficha retirada da página web *páginadelespañol*, nesta ficha os alunos tinham que associar definições

com os meios de transporte. Para introduzir o conteúdo gramatical foi pedido a vários alunos para dizer que lugares gostariam de visitar e como iriam até aí, assim a partir das suas respostas peguei em algumas frases ditas por eles e escrevi no quadro; desta maneira, introduzi as preposições que utilizamos com os meios de transporte. Visto que todos disseram “vamos de avión”, o que auxiliou na explicação porque o exemplo ajudou a demonstrar a diferença que existe entre as preposições que utilizamos em português e as que utilizamos em espanhol. Para reforçar os conhecimentos sobre as preposições, foi realizado um exercício em que os alunos tinham várias frases com os meios de transporte, que tinham que completar com a preposição correta. Este exercício era de elaboração própria. Para terminar a aula e para tentar interligar com a aula seguinte foi feita a pergunta: *¿Cuál creéis que es el medio de transporte más seguro?* A aula terminou com esta questão, visto que os alunos deveriam refletir e fazer pesquisa em casa para responder na próxima aula.

A minha segunda aula de espanhol decorreu no dia 20 de março e começou com a pergunta que fizemos na aula anterior, ou seja, de que falamos na aula anterior (Anexo 8). Depois de os alunos terem feito uma pequena síntese sobre a aula anterior foi perguntado como terminou a aula anterior e uma vez que a aula anterior terminou com uma pergunta continuamos com o tema: *¿Cuál creéis que es el medio de transporte más seguro?* Depois de várias respostas prosseguiu-se à visualização do vídeo para a realização do exercício 2 da página 44 do manual *Endirecto.es.2*. Neste exercício, os alunos tinham que visualizar um vídeo sobre os transportes mais seguros e preencher espaços em branco. Através deste exercício os alunos confirmaram que o meio de transporte mais seguro é o avião, assim comecei por escrever no quadro os tipos de transporte que existem e os alunos tinham que dizer características de cada um, visto que no vídeo que viram também estavam algumas características dos meios de transporte. Em seguida passamos à realização de uma ficha de trabalho sobre os verbos relacionados com viagens. Nesta ficha, os alunos deviam completar frases com os verbos que também estavam na ficha. Em seguida, para introduzir o exercício de audição que consistia num diálogo sobre uma situação no aeroporto, exercício 3 da página 44 do manual *Endirecto.es.2*, fez-se a pergunta *¿Adónde vamos cuando viajamos en un avión?* Para além de introduzir o exercício, esta pergunta também serviu para introduzir léxico e frases que utilizamos no aeroporto. À medida que os alunos diziam expressões e palavras que conheciam estas foram escritas no quadro. Depois desta chuva de ideias foi perguntado *¿Alguna vez habéis viajado en avión?* e *¿Cómo fue vuestra experiencia?* Depois de algumas respostas realizou-se uma ficha de trabalho sobre o léxico que utilizamos no aeroporto. Nesta ficha, retirada da página web *páginadelespañol*, os alunos tinham que completar as frases com palavras que

também estavam na folha. Depois da correção deste exercício e para interligar os conteúdos gramaticais com os lexicais procedeu-se à leitura do texto intitulado “Viaje a Perú”. Primeiramente, o texto foi dividido por vários alunos que leram o texto em voz alta; em seguida, para verificar se todos entenderam o texto, foi feito oralmente um conjunto de questões sobre o texto e todas as questões eram de elaboração própria. Como este texto serviu para introduzir conteúdo gramatical, que nesta aula era o *Pretérito Indefinido*, foi pedido aos alunos que identificassem o tempo verbal que estava presente no texto. Assim que os alunos identificaram o tempo verbal, foi feita a explicação sobre o mesmo. Para facilitar esta explicação retiraram-se alguns verbos do texto e conjugaram-se no quadro com a ajuda de alunos. Assim, a aula terminou com a conjugação de verbos em *Pretérito Indefinido* (Anexo 9).

Relativamente à minha terceira aula, esta decorreu no dia 24 de março e foi apenas com os alunos que têm espanhol como disciplina específica, ou seja, só com alguns alunos de Línguas e Humanidades. Como estas aulas, normalmente, são utilizadas para fazer revisões dos conteúdos já estudados ou para a realização de exercícios, nesta aula, primeiro foi feita uma breve síntese sobre os conteúdos estudados nas aulas anteriores. Em sequência, para dar o início à aula foi pedida aos alunos a elaboração de um texto sobre uma viagem que gostariam de fazer. Neste texto, os alunos tinham de indicar: lugar de partida e de chegada, os tipos de turismo, o tipo de turista com o qual se identificam e os tipos de transporte que iriam utilizar nesta viagem. Durante a elaboração dos textos, foi permitido consultar a internet para pesquisa da informação necessária. Em seguida, os alunos leram os seus textos em voz alta e a correção foi feita em conjunto. Seguidamente, como ainda sobrava algum tempo procedeu-se à realização de uma ficha de trabalho. Esta ficha, adaptada da internet, consistia em ler o texto intitulado “Mis vacaciones pasadas” e preencher espaços com verbos conjugados no *Pretérito Indefinido*. Após a realização deste exercício procedeu-se à realização do exercício seguinte relacionado com o texto. Neste exercício, os alunos tinham que completar um quadro com verbos que estavam presentes no texto. Assim, este quadro tinha que ser preenchido com o infinitivo do verbo e a forma conjugada no *Pretérito Indefinido* utilizada no texto em questão. Para terminar a aula, realizou-se o exercício em que os alunos tinham que completar um diálogo utilizando os verbos no *Pretérito Indefinido*.

No que toca à minha quarta aula deste período, realizada no dia 25 de março, esta tal como as duas primeiras é composta por três turmas, por conseguinte, deu-se continuidade ao estudo da unidade 3 *Viajar es vivir*. Assim sendo, para dar início à aula procedeu-se à realização de uma breve síntese feita pelos alunos sobre a aula anterior. Em seguida, para introduzir o tema “En el Hotel”, perguntou-se aos alunos o

que faltava aprender sobre as viagens. Depois, iniciou-se a realização de um exercício de compreensão oral. Neste exercício, os alunos tinham que ouvir uma situação no hotel e escolher a opção correta. Esta atividade foi retirada da página web *espanhol.lingolia*, assim, após a resolução do exercício para começar uma chuva de ideias foi perguntado *¿Qué palabras o expresiones utilizáis en un hotel?* À medida que os alunos respondiam, as palavras e expressões eram escritas no quadro, de modo que os alunos pudessem copiar a informação para os seus cadernos. Após este exercício de reflexão, com o objetivo de interligar o conteúdo gramatical e o conteúdo lexical procedeu-se à leitura e interpretação do texto *En el Hotel*. Este texto, foi retirado da página web *espanolparaextranjeros* e as perguntas relacionadas com o texto eram de elaboração própria. Assim, depois de ler o texto, com o objetivo de verificar se os alunos compreenderam, realizaram-se quatro questões sobre o texto. Em seguida, para rever o *Pretérito Perfecto*, já estudado no ano passado, perguntou-se em que tempo verbal estava escrito o texto: para facilitar foram sublinhados alguns verbos como exemplos. É de referir que, através destes exemplos, foi feita a explicação do *Pretérito Perfecto*.

Depois de esta breve explicação do *Pretérito Perfecto* realizou-se um exercício em que os alunos tinham que completar frases com o verbo conjugado no *Pretérito Perfecto*. Este exercício era de elaboração própria. Em seguida, realizaram-se dois exercícios que sobraram da aula anterior e estes eram sobre o *Pretérito Indefinido*. Ambos eram de completar espaços com o verbo correto; no entanto, um dos exercícios serviu para explicar os verbos irregulares, enquanto o outro ajudou a esclarecer a troca de uma vogal por outra, que ocorre em espanhol com os verbos no *Pretérito Indefinido*. Assim, tendo em conta que, nesta aula, já foi explicado o *Pretérito Perfecto* e que, através dos exercícios, foi feita uma breve revisão do *Pretérito Indefinido* lecionado na aula anterior, estas atividades serviram como ponte para explicar o contraste entre o *Pretérito Indefinido* e *Pretérito Perfecto*. Dado que são dois tempos do passado, e em português só existe um, normalmente os alunos têm muitas dificuldades em saber quando se utiliza um e o outro. Para terminar a aula, com o objetivo de verificar se os alunos entenderam esta breve explicação sobre o contraste entre estes dois tempos verbais foi-lhes solicitado, para trabalho de casa, a realização do exercício 1 da página 50 do manual *Endirecto.es.2*.

A minha quinta e última aula de espanhol deste período teve lugar no dia 27 de março e esta, tal como todas as outras, começou com uma breve síntese sobre a aula anterior. Em seguida, procedeu-se à correção do trabalho de casa que foi sobre o contraste entre o *Pretérito Perfecto* e *Pretérito Indefinido*. Neste exercício, os alunos tinham um texto em que as frases continham duas opções de verbo: um estava no *Pretérito Perfecto* e outro no *Pretérito Indefinido*, e eles deviam escolher a opção

correta. No geral, este exercício correu bem; no entanto para reforçar os conhecimentos dos alunos sobre este conteúdo gramatical, e como era aula de revisão, procedeu-se à conjugação dos verbos que estavam no texto do trabalho de casa. Verificando que alguns alunos apresentavam dificuldades em distinguir estes dois tempos, foi realizada uma breve explicação sobre os dois tempos verbais, incluindo os conectores que se utilizam com *Pretérito Perfecto* e com *Pretérito Indefinido*. Para facilitar a explicação deste conteúdo gramatical, o quadro foi dividido em duas partes: utilizou-se a caneta verde para *Pretérito Perfecto* e caneta azul para o *Pretérito Indefinido*. Em seguida, com ajuda de alunos, de um lado do quadro foram escritas informações relativas ao *Pretérito Perfecto* e do outro lado do quadro informações relativas ao *Pretérito Indefinido*.

Na segunda parte da aula, procedeu-se ao estudo do léxico relacionado com os tipos de alojamento. Para introduzir este vocabulário, foi perguntado aos alunos onde dormiram os jovens mencionados no texto do trabalho de casa. Seguidamente, foram projetadas imagens de vários tipos de alojamento, perguntando se os alunos sabiam a diferença entre eles, por exemplo: *cabaña* e *albergue*; perguntando também se conheciam esses tipos de alojamento. Por conseguinte, depois de explicar algumas diferenças, como, por exemplo, *hostel* e *hostal*, foi feita uma pergunta sobre em qual dos alojamentos apresentados os alunos gostariam de ficar se fossem de férias e porquê. Depois desta pequena reflexão, e com a ideia de escrever um email a um amigo sobre férias que já terminaram, iniciou-se a realização do exercício 3 da página 49 do manual *Endirecto.es.2*. Neste exercício, os alunos precisavam de completar um email com os verbos no *Pretérito Indefinido*. Como o *Pretérito Indefinido* é um tempo verbal complexo, depois de realizar e corrigir o exercício, procedeu-se à conjugação dos verbos que estavam no email. Para terminar a aula realizou-se uma ficha de trabalho sobre o contraste entre *Pretérito Perfecto* e *Pretérito Indefinido*. Esta ficha foi retirada da página web *Pinterest*. Nela, os alunos deviam completar o texto com o tempo verbal adequado, que era o *Pretérito Perfecto* ou o *Pretérito Indefinido*.

Assim, apesar de algumas complicações na minha primeira aula, que não correu como queria uma vez que devido a alguns problemas técnicos fui obrigada projetar um PDF do PowerPoint e não o PowerPoint com as animações, considero que, no geral, as aulas de espanhol do segundo período correram mais ou menos bem. Os alunos não eram muito participativos, com exceção de alguns casos, no entanto, a maioria deles demonstrou bom comportamento. Às vezes, devido à falta de tempo, alguns exercícios tiveram de ser adiados para as aulas seguintes, visto que era mais importante que os alunos entendessem o conteúdo, assim como que soubessem conjugar verbos no *Pretérito Perfecto* e no *Pretérito Indefinido*. Além disso, como esta turma possui

algumas dificuldades e, uma vez que alguns alunos terão exame de Espanhol no final deste ano letivo, era necessário apostar mais em conteúdos gramaticais, redação de textos e léxico variado. Relativamente às aprendizagens adquiridas durante este período, posso afirmar que, mais uma vez, foi comprovado que todos os alunos são diferentes: uns são mais participativos que outros. Por conseguinte, devemos sempre saber adotar estratégias diversas, de modo a que os alunos possam aprender os conteúdos lecionados e adquirir os conhecimentos necessários. Porém, penso que todas as aulas foram proveitosas e relevantes, na medida em que permitiram não só pôr em prática tudo o que aprendemos até agora, mas também observar e experienciar o tipo de situações já mencionadas. No entanto, e segundo vários professores, há um conjunto de estratégias e aprendizagens que só adquirimos com a experiência. Assim, temos que continuar a fazer o nosso melhor, sempre a tentar motivar e inspirar os nossos alunos.

Capítulo 3: Atividades extracurriculares

3.1. *Dia Europeu das Línguas*

A primeira atividade realizada pelo Núcleo de Estágio de Português e Espanhol foi no dia vinte e sete de setembro e foi o Dia Europeu das Línguas. Foi a primeira atividade do primeiro período e esta obteve muito êxito, visto que todos os alunos gostaram. Além disso, nesta atividade participaram várias turmas e vários anos, desde o 7º ano até ao 12º ano.

Esta atividade consistiu num *peddy-papper* em que os alunos, divididos em grupos de 3, tinham de passar por várias bancas: inglesa, espanhola, portuguesa e uma multicultural. Em cada banca os alunos tinham que responder a uma pergunta numa língua que estivesse de acordo com a banca, por exemplo, na banca de espanhol os alunos tinham perguntas sobre cultura geral em espanhol para os alunos que tivessem a disciplina de espanhol no seu plano curricular; tinham perguntas em espanhol sobre a cultura, literatura, arte e história espanholas. Nas outras bancas a situação era parecida, ou seja, na banca de inglês tinham perguntas em inglês e na banca de português tinham perguntas em português. As bancas estavam espalhadas pela escola e os alunos tinham que passar por alguns desafios para receber um autocolante de passagem à próxima etapa. Ao chegar a uma das bancas os alunos recebiam autocolante de presença; se conseguissem responder à pergunta recebiam outro autocolante; se, em seguida, conseguissem realizar a atividade proposta recebiam outro autocolante (o total

de 3 autocolantes em cada banca). Estes autocolantes eram colados nos selos que todos os alunos recebiam logo na primeira banca. No selo deviam colocar os nomes dos participantes, o nome do grupo e a turma. Em seguida o selo era preenchido à medida que eles passassem pelas bancas. As bancas de espanhol e português estavam no átrio e aí começava o jogo, em seguida os alunos deslocavam-se à parte de baixo da escola junto ao refeitório (banca de inglês) e a última banca estava na biblioteca e esta era multicultural.

Para além de responder às perguntas, os alunos em cada banca tinham que realizar uma atividade, por exemplo, na banca de inglês tinham que cantar uma música, na banca de espanhol responder a uma adivinha, na banca de português adivinhar o objeto com os olhos fechados e na banca multicultural, que tinha perguntas de cultura geral sobre vários países da Europa, tinham que jogar um jogo de quebra-cabeça. Ganhava o jogo o grupo que tivesse mais autocolantes de cada banca, ou seja, 12 autocolantes no total. O prémio que receberam foi um saquinho com docinhos. Esta atividade foi realizada com ajuda da professora orientadora de espanhol Sandra Espírito Santo, professora orientadora de português Maria Susel Fonseca e com ajuda do Professor de espanhol Rui Dias.

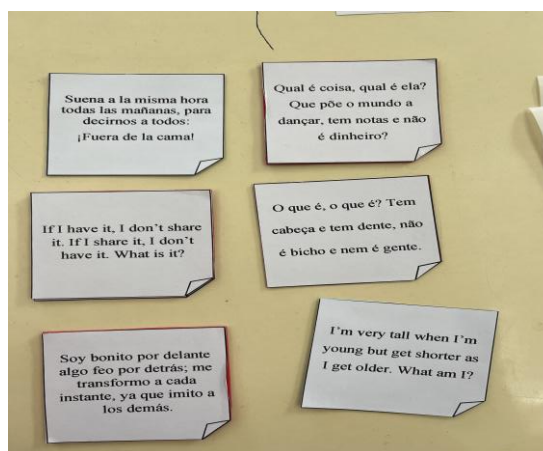


Figura 24- Dia Europeu das Línguas

3.2. Dia do Professor

Esta foi a segunda atividade realizada pelo Núcleo de Estágio de Português e de Espanhol. Visto que, dia 5 de outubro foi um sábado, a atividade foi preparada na sexta-feira dia 4 de outubro e desenvolvida com os alunos no dia 7 de outubro, segunda-feira.

Esta atividade foi desenvolvida na biblioteca e no átrio da escola. Na biblioteca montamos um “*Estendal Literário*” que consistia numa atividade em que os alunos tinham um cesto com várias frases em espanhol, português e inglês sobre os professores, sobre a profissão dum docente e a educação. Os alunos tinham que escolher uma frase e pendurar no estendal. Além disso, também na biblioteca, havia um pote com várias frases escritas que os alunos podiam tirar à sorte e dedicar a um professor.

No que toca ao átrio da escola, aí colocamos um expositor com uma folha branca em que escrevemos “*Ser professor é...*”; neste expositor os alunos tinham que dedicar uma frase aos professores ou escrever o que para eles é ser professor. É de referir que nesta atividade também participaram vários funcionários da escola. Esta atividade foi realizada com bastante participação dos alunos visto que conseguimos preencher todo o expositor com frases e palavras bonitas num dia tão especial. Para a realização desta atividade contamos com a ajuda da nossa professora orientadora Dr.^a Maria Susel Fonseca.

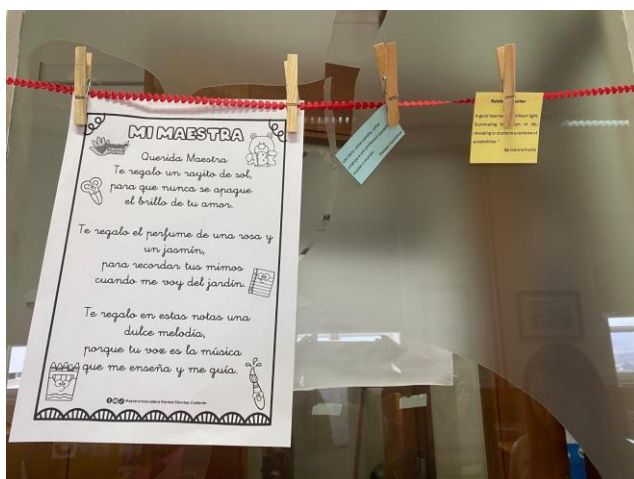


Figura 25- Dia do Professor

3.3. *Día de la Hispanidad*

Esta é a terceira atividade realizada pelo Núcleo de Estágio de Português e de Espanhol com ajuda do Núcleo de Estágio de Educação Física. Esta atividade foi desenvolvida no dia 14 de outubro e consistia em fazer o maior número possível de atividades relacionados com Espanha e países da América Latina. Com a autorização da direção, os intervalos foram prolongados para 15 minutos e assim, no dia 14 de outubro, houve várias atividades. A primeira foi desenvolvida no primeiro intervalo das 09:55 até às 10:10, neste intervalo na parte de baixo da escola ao pé do refeitório foram realizados vários jogos tradicionais de vários países da América Latina e de Espanha. Os alunos de vários anos participaram em jogos como *la rayuela*, *el pañuelo*, *gallinita ciega*, *carrera de sacos* e outras. Estes jogos decorreram nas arcadas, no piso baixo da escola, e foram realizados com ajuda dos estagiários de educação física.

A segunda parte desenvolveu-se no intervalo das 11:35 até às 11:50 e neste intervalo os alunos tiraram várias fotografias com molduras em que tinham representadas várias figuras e símbolos da Espanha e da América Latina. Além disso, neste dia convidamos uma professora que é dançarina profissional que veio com um grupo de dançarinas para mostrar várias danças latinas. Estas dançaram e também chamaram o público a participar nesta atividade. As dançarinas todas eram meninas muito novas, algumas até eram alunas da Escola Secundária Campos Melo e outras eram alunas da Escola Secundária Frei Heitor Pinto. A dançarina mais nova tinha 6 anos.

Esta atividade foi realizada com ajuda da professora orientadora de espanhol Sandra Espírito Santo e com ajuda do professor de Espanhol Rui Dias. Devido a alguns problemas técnicos esta atividade não teve tanta adesão como as outras duas.



Figura 26- *Día de la Hispanidad*

3.4. Palestra sobre tema medieval de ida à fonte: “Vai formosa e não segura”

No dia 29 de novembro o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol organizou uma palestra sobre a temática medieval de ida à fonte: “vai formosa e não segura”. Para a realização desta palestra convidámos o professor da Universidade da Beira Interior, Professor Doutor José Henrique Rodrigues Manso, que aceitou com muito gosto apresentar e partilhar vários conteúdos sobre este tema com os nossos alunos dos décimos anos, que já tinham estudado a lírica trovadoresca no início do 1º período.

Nesta palestra o professor Henrique apresentou toda a história que está por trás desta lírica e todos os alunos ficaram fascinados com a explicação do professor. A palestra começou com a explicação sobre como aparece a fonte em Luís de Camões, em seguida, o professor falou sobre as élogas, dando sempre destaque ao aparecimento da fonte. Ao longo da palestra, o professor apresentou e explicou várias élogas, cantigas e poemas pastoris nos quais aparecem as fontes. Além disso, fez referências à antiguidade clássica afirmando que muitas inspirações recebidas por Camões provêm daí. Posteriormente, lemos o *Auto de Filodemo* (1587) e terminamos a palestra com uma explicação sobre Camões na contemporaneidade. Nesta parte, ouvimos uma canção de 1970 de Francisco Fanhais intitulada *Descalça Vai Para a Fonte*.

A organização desta palestra foi muito proveitosa para os alunos do 10º ano, visto que os ajudou a relembrar o que aprenderam no início do 1º período e desta maneira também já ficaram mais preparados para a avaliação. Além disso, com esta palestra os alunos entenderam melhor o papel da fonte na lírica trovadoresca. Esta atividade foi realizada com ajuda da nossa professora orientadora Dr.^a Maria Susel Fonseca.

Capítulo 4: Comunidade educativa

Como ao longo do ano devíamos não só lecionar um determinado número de aulas, adquirir um conjunto de competências para o nosso futuro, mas também fazer parte da comunidade escolar, o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou em várias atividades que decorreram na escola ao longo do ano. Sempre fizemos parte de várias atividades realizadas entre o pessoal docente e não docente. A seguir apresento algumas atividades em que participamos com os outros membros da comunidade escolar.

4.1. *Día de los muertos*

No dia 31 de outubro o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou na festa celebrada todos os anos na Escola Secundária Campos Melo e que é conhecida como *Día de muertos*. É um dia diferente, visto que, neste dia, os professores de inglês e de espanhol vêm disfarçados e realizam-se várias atividades ao longo do dia. Assim, neste dia tão especial, o Núcleo de Estágio de Português e de Espanhol também não ficou de fora e participou tanto nas atividades como na montagem do altar de morto que este ano foi dedicado ao cantor Liam Payne. É de destacar que os alunos do ensino básico nas aulas de educação visual fizeram máscaras e pintaram bonecas para a exposição que seria exibida no átrio da escola. Por conseguinte, a atividade consistia em que os alunos da escola, no intervalo, fossem ao átrio para votar na máscara mais bonita e a melhor boneca; em troca recebiam um rebuçado; no final, o autor da melhor máscara e boneca ganhava um prémio. O Núcleo de Estágio de Português e Espanhol esteve na banca das máscaras disfarçado de *las catrinas*. É de referir que no dia anterior o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol ajudou a montar a exposição das máscaras e bonecas. No geral foi uma atividade bastante interessante e para o Núcleo foi uma experiência importante, uma vez que nos fez sair da nossa zona de conforto, o que é sempre um aspeto positivo, na medida em que este estágio não se centra apenas nas aulas, mas também na participação em várias atividades.



Figura 27- *Día de los muertos*

4.2. Voluntariado

No dia 30 de novembro, juntamente com alguns alunos do ensino secundário, realizamos no *Pingo Doce* da Covilhã uma recolha de alimentos para o Banco Alimentar. No meu caso foi a primeira vez que realizei este tipo de voluntariado, mas foi uma experiência nova e gostei bastante. Além disso, para nós como futuras docentes, a participação num voluntariado foi uma ação crucial para a nossa formação e para a nossa futura profissão, uma vez que um professor é o modelo a seguir e, assim, demos o exemplo aos nossos alunos de que como é importante ser solidário e tentar sempre ajudar os outros.

No dia 31 de maio realizamos outra recolha de Alimentos para o Banco Alimentar e desta vez acompanhamos alunos do ensino básico, mais especificamente, alunos do 9º ano. Este voluntariado também decorreu no *Pingo Doce* da Covilhã e, mais uma vez, foi uma experiência incrível, visto que é sempre bom sermos solidários.




Figura 28- Voluntariado

4.3. Amigo invisível

Amigo invisível é uma atividade que se realiza no mês de dezembro antes da pausa de Natal. Podemos dizer que esta é uma atividade que já é tradição da escola, uma vez que já há muitos anos que é realizada na Escola Secundária Campos Melo. Nesta atividade costumam participar professores e auxiliares. É uma atividade realizada pelo Núcleo de Estágio de Educação Física e esta começa com uma inscrição através do nosso email, a seguir há um sorteio e recebemos no email o nome da pessoa para quem seremos amigo invisível. A parte mais interessante tem a ver com o facto de que durante 15 dias temos que surpreender o nosso amigo invisível sem a pessoa descobrir quem somos, por exemplo, oferecer uma flor com uma nota, uma caixa de chocolates ou até um origami feito por nós. No final desta atividade temos 2 dias para nos revelarmos pode ser um dia antes, nas reuniões ou então no almoço de Natal. Gostei muito desta atividade e foi muito interessante, visto que permitiu conhecer e estar em contacto mais próximo com pessoas que ainda não conhecíamos muito bem.

GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
AMIGO INVISÍVEL


Escola Secundária
Campos Melo

VAMOS DESPERTAR O ESPÍRITO NATALÍCIO!

Mas afinal, o que é o AMIGO INVISÍVEL?
O AMIGO INVISÍVEL consiste numa atividade, que se desenvolve durante um pequeno período de tempo (de 2 a 20 de dezembro), no qual terá de ser o amigo invisível de alguém. Ser AMIGO INVISÍVEL é ser simpático com o próximo, mas de uma forma discreta.

E como saber qual a pessoa de quem vou ser amigo?
Muito fácil!!! Entre os dias 25 e 30 de novembro estão abertas as inscrições, e na segunda-feira, dia 2 de dezembro, o Grupo de Educação Física irá realizar o sorteio dos "amigos". Cada participante receberá um email ou sms com o nome da pessoa de quem deverá ser "amigo/a invisível".

O que vou fazer neste período de tempo em que sou amigo invisível?
Apenas ser simpático e surpreender a pessoa inocente com gestos de amizade... Por exemplo, quem não gosta de receber uma flor?!?! **MAS ATENÇÃO!** Use a originalidade, a criatividade e o sentido de humor, sem NUNCA, NUNCA ser descoberto!
Porquê? Para não estragar a surpresa!!!
SURPRESA!?!?
Sim! No dia 20 de dezembro terminará a atividade do AMIGO INVISÍVEL com todos os amigos a REVELAREM-SE, podendo nesse momento oferecer uma prenda simbólica.
Sugerimos que "descubram" o paradeiro do/a vosso/a amigo/a no dia 20 (ou até ao final das reuniões)* e que o/a surpreendam com imaginação e criatividade!




Figura 29- Amigo invisível

4.4. Viver o Natal na Campos Melo

É uma atividade que se realiza todos os anos na Escola Secundária Campos Melo. Nesta atividade participa grande parte dos alunos, sobretudo alunos do ensino básico. Esta celebração decorre no auditório da escola e conta sempre com muita alegria e animação. Os alunos do ensino básico interpretam cenas das obras literárias estudadas, recitam poemas e cantam, toda esta celebração é visualizada pelos familiares dos alunos.

No que toca ao Núcleo de Estágio de Português e Espanhol, nós não participamos ativamente nesta atividade, no entanto, auxiliamos na elaboração dos convites para esta festa.

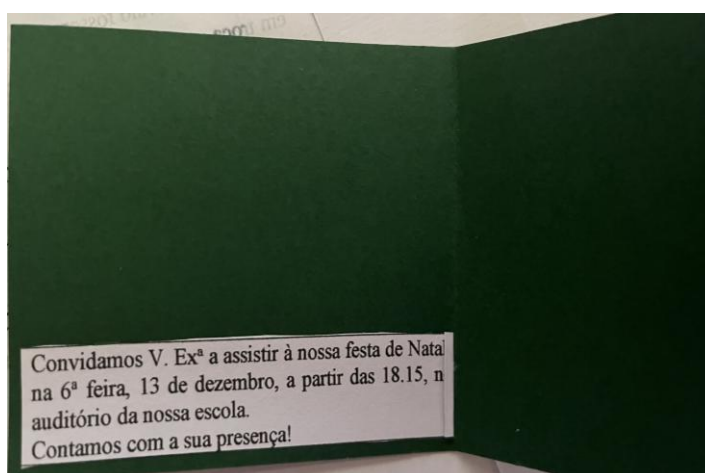


Figura 30 -Viver o Natal na Campos Melo

4.5. Clube de *Literatura com Arte*

Este clube é desenvolvido pela nossa professora orientadora de Espanhol, Dr.^a Sandra Espírito Santo e tem lugar todas as terças-feiras às 16:35 na Biblioteca da escola. Neste clube a professora juntamente com algumas alunas do ensino básico realiza várias atividades relacionadas com origamis, postais, etiquetas e outros semelhantes. O Núcleo de Estágio de Português e Espanhol teve a oportunidade de participar no clube de Literatura com Arte e foi muito interessante, por exemplo, antes do Natal fizemos vários postais a desejar Feliz Natal.



Figura 31- Clube de Literatura com Arte

4.6. *Día de Reyes*

No dia 6 de janeiro o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou na atividade que é realizada todos os anos pelo grupo de Espanhol. Foi um dia diferente, os alunos do ensino básico e do ensino secundário fizeram coroas, postais, flocos de neve e cartas dirigidos aos reis; tudo foi exposto no átrio e o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol ajudou a montar a exposição. Além disso, havia um painel dos reis magos onde os alunos, pessoal docente e não docente podiam tirar uma fotografia. É de destacar que no intervalo das 9 horas e 55 minutos houve um grupo de alunos que cantaram vilancicos e no final foram mandados no ar rebuçados, tal como fazem os reis no desfile em Espanha.

4.7. Dia da escola

No dia 10 de janeiro o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou na atividade realizada todos os anos para celebrar o aniversário da Escola Secundária Campos Melo. Este ano a escola cumpriu 141 anos e, tal como nos anos anteriores, para comemorar este dia tão especial, foi realizado um *peddy-papper*. Esta atividade consistia em que todos os alunos, no dia da escola, participassem no *peddy-papper*, ou seja, havia várias bancas, onde estavam vários professores, com diversas atividades, que se encontravam espalhadas pela cidade. Os alunos divididos em grupos de quatro ou cinco pessoas tinham um mapa digital com as bancas às quais deveriam ir. É de referir que em cada banca os alunos deveriam realizar uma atividade. Por exemplo, a nossa banca era a das línguas e estava situada na Garagem de São João. Nesta banca, os alunos tinham de realizar atividades como dançar e resolver jogos de quebra-cabeça. No final, para comprovar que passaram pela banca, cada grupo tinha de tirar uma fotografia de uma pirâmide hexagonal. Os alunos mais novos, mais especificamente os do sétimo ano, foram acompanhados pelos alunos do décimo segundo ano. Esta atividade teve início por volta das 9:30 e terminou por volta das 13 horas. Foi uma atividade bastante divertida, tanto para os alunos como para nós, e foi uma experiência muito interessante, uma vez que tivemos um enorme prazer de participar numa atividade tão peculiar, que é realizada todos os anos no dia de aniversário da escola.



Figura 32- Dia da escola

4.8. Ida à Biblioteca Municipal da Covilhã para assistir *Comboio de Corda*

No dia 3 de fevereiro o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol, juntamente com a nossa professora orientadora de Português Dr.^a Susel Fonseca, acompanhou os alunos do 12^o ano do curso regular de Línguas e Humanidades à Biblioteca Municipal da Covilhã. Os alunos dirigiram-se à Biblioteca com o propósito de assistir a uma performance teatral designada de *Comboio de Corda*. É de salientar que esta atuação foi baseada na obra de Fernando Pessoa, o que foi crucial para os alunos do 12^o ano. Além disso, ao longo desta performance foram lidos alguns versos da obra de Fernando Pessoa, por conseguinte, considero que foi uma experiência excepcional e enriquecedora.

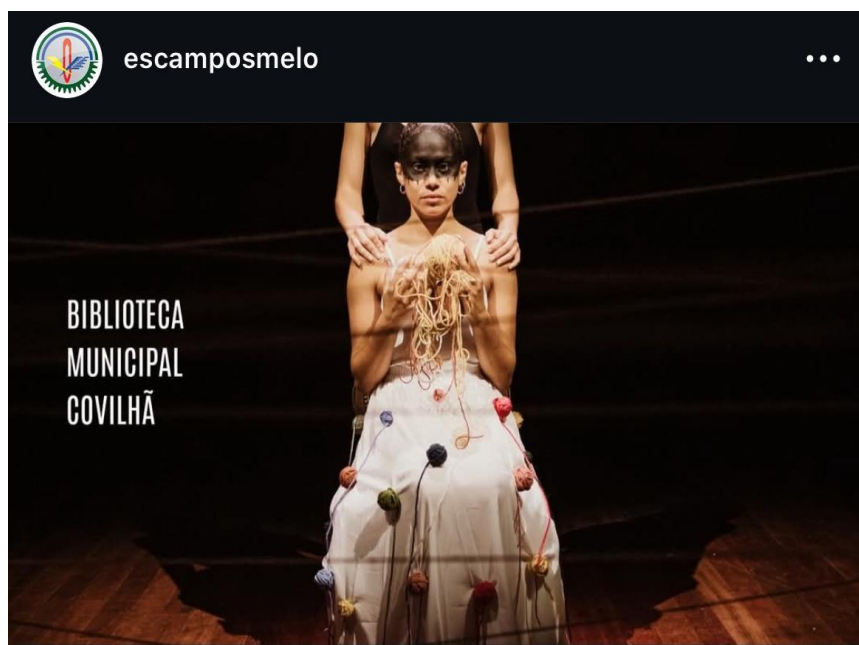


Figura 33- Ida à Biblioteca Municipal da Covilhã para assistir *Comboio de Corda*

4.9. Atelier de Cozinha Divertida

O Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou no clube da *Cozinha Divertida*. Este clube, tal como o clube de *Literatura com Arte*, é desenvolvido pela nossa professora orientadora de Espanhol, Dr.^a Sandra Espírito Santo, professoras Ana Lúcia Correia, Cristina Ribeiro e professora Maria do Carmo Abrantes. Este ateliê realiza-se às terças-feiras, mas é de quinze em quinze dias e funciona a partir das 16:45 até às 18:15h na cantina da Escola Secundária Campos Melo. Neste clube, estão inscritos vários alunos tanto do ensino básico como do ensino secundário. Neste ateliê, os alunos aprendem a cozinhar utilizando receitas de vários países como, por exemplo, Portugal, Espanha, Itália e muitos outros. Os alunos juntamente com as professoras tentam fazer vários pratos, alguns salgados e outros doces. No final, toda a gente prova a comida preparada; em seguida, todos ajudam a limpar o refeitório e a cozinha. No dia em que o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou neste clube, foi um dia especial, dado que a escola tinha convidados de Badajoz que também participaram no clube da Cozinha Divertida. Considero que foi uma experiência muito enriquecedora, visto que aí não só cozinhamos, mas também convivemos com alunos e outros professores.



Figura 34- Cozinha Divertida

4.10. Ida ao teatro Municipal da Covilhã

No dia 28 de março o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou na ida ao Teatro Municipal da Covilhã. A peça *Quis saber quem sou* produzida pelo Teatro Nacional D.Maria II, que foi um concerto teatral, centrou-se no tema do 25 de abril. Durante o concerto e a peça do teatro cantaram várias músicas da revolução e explicaram vários aspetos que eram proibidos e pelos quais tentavam lutar naquela época. Nesta ida ao teatro o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol acompanhou os alunos do décimo ano do curso de Línguas e Humanidades. Assistir a este concerto teatral foi uma experiência maravilhosa e enriquecedora tanto para nós como para os alunos.



Figura 35- Ida ao teatro Municipal da Covilhã

4.11. Palestra sobre *Introdução à Inteligência Artificial e Aplicações no Ensino*

No dia 30 de abril, durante a semana de tecnologia na Escola Secundária Campos Melo, o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol assistiu a uma palestra organizada pelo grupo de informática. Esta conferência estava relacionada com a inteligência artificial e como esta pode ser utilizada na educação. Para esta palestra foram convocados todos os professores da escola, além disso, esta foi desenvolvida por um antigo aluno da escola, que atualmente se encontra a dar aulas na Universidade da Beira Interior.

Esta sessão começou com uma breve contextualização histórica sobre a Inteligência Artificial e, em seguida, procedeu-se a uma parte mais experimental, onde o professor demonstrou como a Inteligência Artificial pode ser aplicada no ensino. No geral foi uma palestra muito interessante e ajudou a enriquecer os nossos conhecimentos sobre um tema tão prestigiado como a Inteligência Artificial.

4.12. Atividade de *Laço azul*

No dia 6 de maio o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou numa caminhada que tinha como objetivo a proteção das crianças contra os maus-tratos. Nesta caminhada, realizada pelos membros da CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens), participaram várias escolas e alunos de diferentes idades. Da Escola Secundária Campos Melo foram os alunos do 10º e 12º anos do curso regular de Línguas e Humanidades. A caminhada teve início no parque da *Goldra*, para onde os alunos de inúmeras escolas foram deslocados inicialmente. Ao chegar cada um recebia uma t-shirt azul que simbolizava o dia. Em seguida os Bombos do Barco tocaram uma música e seguimos a nossa caminhada até ao Jardim das Artes acompanhados pela polícia e os Bombos. Ao chegar ao Jardim das Artes no relvado estava desenhado um laço em azul onde devíamos colocar-nos de maneira a fazer um laço de pessoas. Todo este movimento foi gravado e considero que foi muito importante tanto para nós como para os alunos que participaram. Foi uma experiência incrível e muito interessante, uma vez que o participar nesta atividade penso que foi imprescindível para demonstrar que temos que continuar a lutar pela proteção de crianças e jovens, proporcionando ajudas necessárias para melhorar as suas vidas, dado que eles são o futuro deste mundo.



Figura 36- Atividade *Laço azul*- laço feito pelos alunos de várias escolas da Covilhã

4.13. Sarau Cultural *À procura de um futuro*

No dia 22 de maio o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou numa atividade realizada pela escola todos os anos. O XXIX Sarau Cultural, que este ano recebeu o nome de “À procura de um futuro melhor”, orientado pelas professoras Regina Conceição e Maria da Luz Coelho. É um evento especial em que participa quase toda a comunidade educativa: professores, funcionários da escola, alunos, sobretudo alunos do 12º ano como maneira de se despedir da escola e professores. Este Sarau é realizado no Teatro Municipal da Covilhã.

No que toca à nossa participação, o Núcleo de Estágio de Português e Espanhol participou na dança dos professores, foi uma experiência maravilhosa e sem dúvida foi das melhores atividades em que participamos ao longo do ano. Além disso, assistir a um evento tão significativo fez-nos sentir parte desta comunidade educativa. Adicionalmente, a equipa de professores foi excelente uma vez que sempre nos apoiaram e receberam-nos com muito carinho.



Figura 37- Bilhete de participante no Sarau Cultural



Figura 38 -Participação do Núcleo de Estágio de Português e de Espanhol na dança dos professores

Considerações finais

Tal como conseguimos verificar ao longo da elaboração deste relatório de estágio, existe uma certa interdisciplinaridade entre história e literatura, que pode ser demonstrada através de inúmeras obras literárias. À medida que realizamos pesquisa sobre esta relação entre história e literatura, foi possível verificar que, hoje em dia, ainda existem diversos autores que defendem perspectivas diferentes: uns afirmam que a literatura se serve da história para produzir textos literários, outros defendem que é a história que se serve da literatura. No entanto, existem diversas obras em que ocorrem as duas perspectivas acima mencionadas.

Neste trabalho de investigação fizemos uma maior abordagem sobre a obra de Fernão Lopes, mais especificamente sobre a *Crónica de D. João I*. É de referir que foi bastante interessante conhecer vários aspetos sobre a vida e a obra de Fernão Lopes; assim como foi intrigante conhecer a sua perspectiva da história e da literatura na *Crónica de D. João I*. Além disso, trabalhar este tipo de conteúdos nas aulas de português é fundamental para os alunos, na medida em que, ao analisarmos um texto como, por exemplo, a crónica em questão, pode ser enriquecedor para os alunos, visto que lhes permite conhecer melhor a época histórica em que decorreu a ação e perceber o porquê de alguns acontecimentos. Por vezes torna-se difícil despertar o interesse dos alunos para estas disciplinas, no entanto, se tentarmos demonstrar como estas duas áreas estão interligadas talvez os alunos tenham uma maior adesão estas áreas. Considerando que, ao longo de todo o percurso escolar os alunos leem várias obras em que existe esta relação, porém, às vezes os alunos ao lerem este tipo de obras nem chegam a perceber que existe esta união. Esta situação acontece não só porque a maioria dos alunos não tem interesse pela literatura e pela história, mas também porque por falta de tempo se torna desafiante para um professor de português explicar todos os acontecimentos históricos que serviram de base a uma obra literária. Por conseguinte, foi interessante abordar estes conteúdos através da *Crónica de D. João I*, uma vez que esta obra permitiu-me trabalhar com os alunos esta relação entre história e literatura que está presente na crónica em questão e foi uma experiência bastante enriquecedora.

Relativamente à segunda parte do relatório, tal como já foi mencionado, esta está relacionada com o estágio pedagógico. Esta segunda parte é composta por tudo aquilo relativo à minha prática pedagógica, ou seja, contextualização da escola, apresentação do núcleo de estágio, descrição das aulas lecionadas, descrição das atividades extracurriculares realizados pelo Núcleo de Estágio de Português e Espanhol e outras atividades em que tivemos a oportunidade de participar.

Para terminar, considero importante referir que este ano letivo foi um ano desafiante, na medida em que houve inúmeros desafios que me obrigaram a sair da minha zona de conforto, o que também contribuiu para ultrapassar as dúvidas e inseguranças sentidas até então. O ano de estágio foi crucial para a minha futura profissão, uma vez que aprendi bastante, não só ao nível do conteúdo, mas também sobre a própria profissão dum docente. Adicionalmente, este estágio foi muito enriquecedor na medida em que permitiu perceber que ser professor requer muito esforço; assim como permitiu ver como funciona toda a estrutura escolar. Além disso, sempre tivemos apoio de toda a comunidade académica da escola que nos acolheu, por conseguinte posso afirmar que este foi um ano cheio de aprendizagens e momentos inesquecíveis que tornaram esta caminhada mais leve.

Referências bibliográficas

- Braga, T. (1917). *História da literatura portuguesa*. Publicações Europa-America.
- Buescu, H. (2008). *Dicionário de Historiadores Portugueses*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Bulguer, L. F. (2004). As histórias da história literária. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 1, pp. 93-98). Faculdade de Letras do Porto.
- Cortesão, J. (1974). *Os factores democráticos na formação de Portugal* (Vol. 1). Livros Horizonte.
- Delille, M. M. (2004). Ficção e História: O episódio de Inês de Castro num romance português e num drama alemão contemporâneos. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 1, pp. 189-199). Faculdade de Letras do Porto.
- Dewulf, J. (2004). E se toda a história fosse ficção? In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 1, pp. 209-214). Faculdade de Letras do Porto.
- Estrada, R. (2004). Um pé na história. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 1, pp. 243-248). Faculdade de Letras do Porto.
- Fonseca, L. A. (2004). As relações entre história e literatura no contexto da atual crise de dimensão social da narrativa historiográfica. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 1, pp. 267-280). Faculdade de Letras do Porto.
- Lamas, M. P. (2004). Cruzando a Literatura e a História em Teixeira de Pascoaes. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 1, pp. 329-336). Faculdade de Letras do Porto.
- Lopes, F. (1977). *História de uma revolução: Primeira parte da Crónica de El-Rei D. João I de Boa Memória*. Publicações Europa-America.

- Lopes, F. (1983). *Crónica de D. João I*. Livraria Civilização.
- Lopes, F. (2008). *Crónicas de Fernão Lopes: História e literatura no século XV*. Edições Colibri.
- Lopes, F. (2017). *Crónica de Dom João I, Primeira Parte*. Teresa Amado com a colaboração de Ariadne Nunes, Carlota Pimenta e Mário Costa (Eds.). Lisboa.
- Lopes, Ó., & Saraiva, A. J. (1996). *História da literatura portuguesa*. Porto Editora.
- Marinho, M. (2008). As máscaras do passado. *Limite*, (n^o2), 115–133.
- Marques, A. H. (1995). *Breve história de Portugal*. Editorial Presença.
- Marques, M. D. (2004). U.S.A Uma leitura da história através do texto literário. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 2, pp. 9-16). Faculdade de Letras do Porto.
- Martins, O. (1972). *História de Portugal* (16^a ed.). Guimarães & C^a Editores.
- Monteiro, J. G. (1988). *Fernão Lopes: Texto e contexto*. Livraria Minerva.
- Nordin, N. (2011). *De como "escprever verdade sem outra mestura": Estratégias discursivas na obra do cronista Fernão Lopes* [Tese de Pós-graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Nunes, A. (2012). A narrativa histórica de Fernão Lopes: Entre o factual e o literário. Em M. Silva (Ed.), *História, literatura e memória na Idade Média* (pp. 89-105). Edições Colibri.
- Nunes, M., Fialho, L., & Machado, C. (2016). Reflexões em torno da relação entre História e Literatura. *Quaestio*, 18(3), 793–805.

- Pereira, B. F. (2004). Entre Literatura e História: A história na pedagogia retórica. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 2, pp. 63-70). Faculdade de Letras do Porto.
- Ramos, F. (1950). *História da literatura portuguesa: Desde as origens à atualidade*. Livraria Cruz.
- Ramos, R., Sousa, B. V., & Monteiro, N. G. (2009). *História de Portugal* (5ª ed.). A Esfera dos Livros.
- Ribeiro, J. (2016). “Renembrancha e mundanall afeiçom”: Concepções de tempo na obra de Fernão Lopes (século XV). *Entre o local e o global*.
- Ribeiro, J. N. (2017). A escrita da história em Fernão Lopes: Tempo e oralidade. *Revista Ars Historica*, pp 154-172.
- Santos, A. O. (2004). Poética, História e Poética Histórica. In *Literatura e História - Actas do Colóquio Internacional* (Vol. 2, pp. 211-216). Faculdade de Letras do Porto.
- Santos, Z. (2007). História e Literatura: Uma relação possível. *Curitiba*, 2, 117–126.
- Saraiva, J. H. (2021). *História concisa de Portugal* (27ª ed.). Contraponto.
- Schiavinato, R. B. (2018). Cronística medieval em Portugal: Fernão Lopes e o modelo de justiça régia. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, pp 297-314.

Anexos

Anexo 1- Planificação da 1ª aula de português do 1º período.

Plano de aula		
Sequência didática: Unidade 2: Fernão Lopes, <i>Crónica de D. João I.</i>		Ano letivo: 2024/2025
Aulas nº 31 e 32		
Data: 12/11/2024	Tempo: 90 minutos	10º Ano – Turma: C
Sumário: Educação Literária: <i>Crónica de D. João I</i> – contextualização histórico-literária. Leitura e interpretação do prólogo da <i>Crónica de D. João I.</i> Características da escrita de Fernão Lopes		TPC:

Domínios e conteúdos	Objetivos / Descritores de desempenho	Aulas: desenvolvimento das atividades	Tempo	Recursos	Avaliação
Educação Literária Crónica	- Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XVI. - Contextualizar textos literários portugueses em função de marcos históricos e culturais. - Expressar, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pelas obras e seus autores. - Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos. - Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto. - Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade e de diferentes géneros. - Analisar a organização interna e externa do texto.	Saudação aos alunos e registo do sumário Apresentação do conceito “Crónica” (perguntar aos alunos se conhecem o significado da palavra ou se sabem o que é). (Anexo 1) Diferenciar Crónica jornalística da Crónica literária. Contextualização histórico-literária da <i>Crónica de D. João I</i> : - História de Portugal através da <i>Crónica de D. João I.</i> (Anexo 1) - Informações sobre vida e obra de Fernão Lopes. (Anexo 1). - Leitura e interpretação do texto <i>Fernão Lopes, natural do Alandroal?</i> - Realização da atividade proposta: após a leitura do texto pedir aos alunos que realizem a atividade 1 da pág 73. - Dar a conhecer características da escrita de Fernão Lopes através da leitura e interpretação do texto <i>Guardador das</i>	+/- 2 minutos +/- 5 minutos +/- 5 minutos +/- 30 minutos +/- 10 minutos +/- 5 minutos +/- 15 minutos	Manual Caderno do aluno PowerPoint Projetor Marcadores Materiais da Escola Virtual	Leitura expressiva em voz alta Observação direta do desempenho, comportamento e participação dos alunos

<p>Escrita</p>	<p>-Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas.</p> <p>-Interpretar textos orais do género documentário, evidenciando perspectiva crítica e criativa.</p> <p>-Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.</p> <p>-Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.</p>	<p><i>escrituras do tombo (1418-1454)</i> do manual <i>Páginas 10</i> pág 74.</p> <p>- Leitura e interpretação do Prólogo da <i>Crónica de D. João I</i>.</p> <p>Realização da atividade de consolidação -Jogo de <i>Kahoot</i> sobre vida e obra de Fernão Lopes.</p>	<p>+/- 15 minutos</p> <p>+/- 5 minutos</p>		
-----------------------	---	--	--	--	--

Anexo 2- Exemplos do PowerPoint da 1ª aula de português do 1º período.

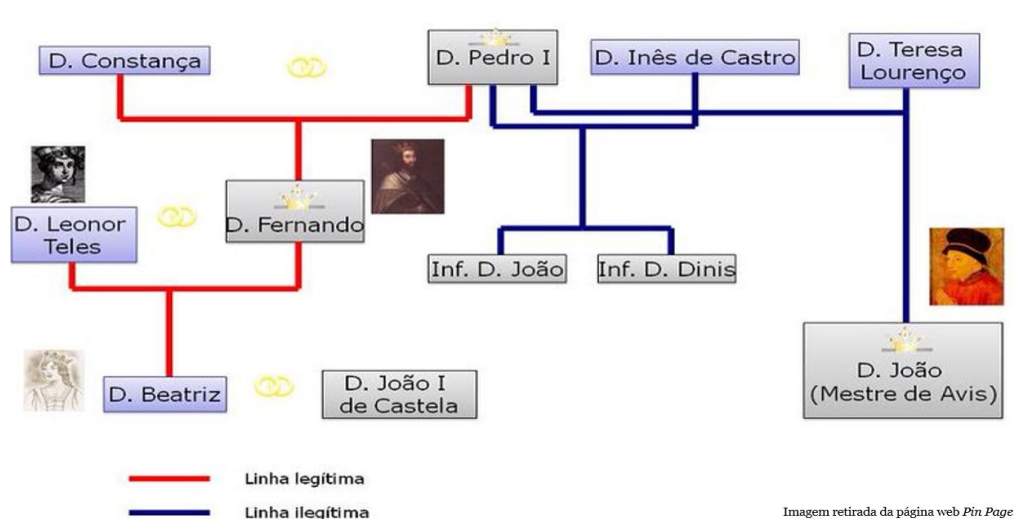


Crónica:

nome feminino

1. [Literatura] História que expõe os factos em narração simples e segundo a ordem em que eles se vão dando.
2. Artigo sobre tema da actualidade, publicado na imprensa ou emitido na televisão ou na rádio (ex.: *a polémica crónica do jornalista foi suspensa*). = RUBRICA
3. Genealogia e biografia de um rei ou de uma família nobre.
4. [Informal] Biografia de tom geralmente sensacionalista.

























Fernão Lopes- Biografia

- Fernão Lopes viveu no século XV – deve ter nascido entre 1380-1390.
- A partir de 1418 aparece a desempenhar as funções do guarda-mor da Torre do Tombo, ou seja, de chefe dos arquivos do Estado.
- Fernão Lopes era tabelião e o seu trabalho está muito ligado à dinastia de Avis.
- O período de vida durante o qual viveu é aproximadamente entre 1380 e 1460.
- Desempenhou funções de tabelião, escrivão, guarda-mor da Torre do Tombo e cronista.

A Crónica de D. João I

- Foi um dos textos mais importantes escritos por Fernão Lopes.
- Foi escrita durante o reinado de D. Duarte.
- Publicada pela primeira vez em Lisboa em 1644.
- Esta crónica é composta por duas partes:
 - 1ª parte – relata a crise de sucessão de 1383-1385 que teve lugar no fim da primeira dinastia e que levou ao poder a dinastia de Avis.
 - 2ª parte- abarca o reinado de D. João I até à paz com Castela em 1411.

Anexo 3- Exemplos do *Kahoot* realizado na 2ª aula de português do 1º período.

1 - Quiz		
Fernão Lopes...		20 seg.
	conta a História como quem conta histórias.	✓
	dá-nos uma visão parcial da História.	✗
	foi um poeta exímio.	✗
	é o pilar da Literatura portuguesa.	✗
2 - Quiz		
Além de escritor, Fernão Lopes desenvolveu outras atividades, como...		20 seg.
	trovador.	✗
	padre.	✗
	dramaturgo.	✗
	guarda-mor da Torre do Tombo.	✓
3 - Quiz		
Este autor deixou-nos uma obra importante, porque...		30 seg.
	fez o registo da vida dos primeiros reis de Portugal.	✗
	a sua prosa é essencialmente literária.	✗
	relatou, num estilo literário, factos históricos importantes	✓
	a sua prosa é meramente histórica.	✗
4 - Quiz		
O rei que encarregou Fernão Lopes de escrever a Crónica Geral do Reino de Portugal foi?		20 seg.
	D. Manuel I	✗
	D. Duarte	✓
	D. João I	✗
	D. Fernando	✗
5 - Quiz		
A Crónica de D. João I relata os acontecimentos...		30 seg.
	que ocorreram entre 1383 e 1385.	✗
	desde a morte de D. Fernando até à paz com Castela.	✓
	ocorridos apenas no reinado de D. João I.	✗
	desde a fundação de Portugal até ao reinado de D. João I.	✗

6 - Quiz

Entre outras características, podemos dizer que as crónicas de Fernão Lopes...

30 seg.

- dão uma visão real da História. ✓
- privilegiam o formalismo linguístico, sem rigor histórico. ✗
- dão uma visão parcial da História. ✗
- não são fidedignas. ✗

7 - Quiz

O visualismo das crónicas de Fernão Lopes leva o leitor a...

30 seg.

- ver e viver os acontecimentos históricos narrados. ✓
- querer conhecer melhor a História. ✗
- procurar pinturas alusivas aos acontecimentos narrados. ✗
- interrogar-se sobre a História. ✗

8 - Quiz

Fernão Lopes foi

20 seg.

- amigo íntimo do rei. ✗
- cavaleiro do exército do rei. ✗
- cronista do paço. ✓
- Um poeta espanhol ✗

9 - Quiz

A ideia mais importante que atravessa o Prólogo é?

20 seg.

- Comparação de versões orais ✗
- Recolha de testemunhos ✗
- Fundamentação dos factos com fontes documentais ✓
- As fake news ✗

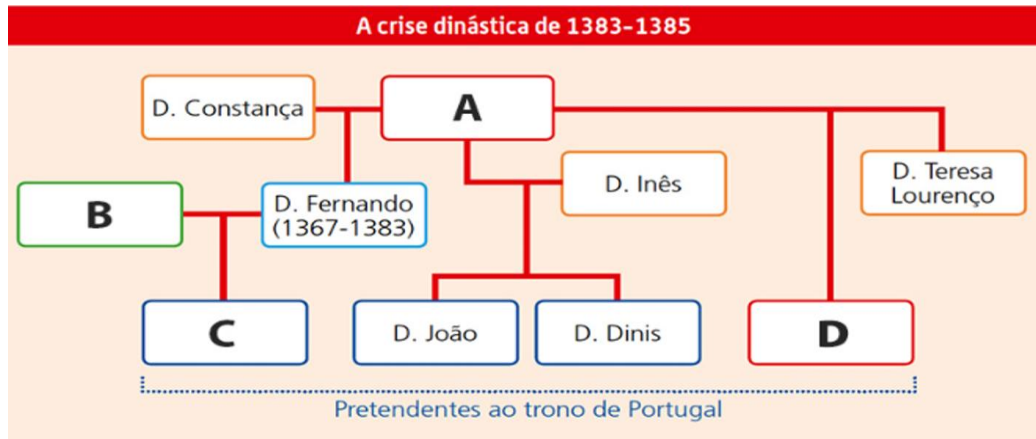
10 - Verdadeiro ou falso

Fernão Lopes escreveu a Crónica de D. João I na totalidade .

20 seg.

- Verdadeiro ✗
- Falso ✓

Anexo 4- Exemplos de diapositivos da 2ª aula de português do 1º período.



Na Idade Média já havia *Fake News* ?

1. De que forma o povo foi manipulado em 1383?

O REINO PORTUGALI A SER ESCOLHIDO, AFONSO CANES PATERCI, APRESENTA-SE A LIDERAR A REVOLTA DA CIDADE.

Crónica de D. João I

2 Divide o texto em partes, **preenchendo** o seguinte quadro no teu caderno.

Estrutura do texto	Tópicos	Personagens	Linhas
Introdução	Situação inicial: convocação		
Desenvolvimento	Movimentação do povo de Lisboa		
	União por uma causa comum		
	Intervenção do Mestre		
	Dúvida Descrença		
Conclusão	Desfecho: partida do Mestre		


Anexo 5- Planificação da 1ª aula de português do 3º período.

Plano de aula	
Sequência didática: Unidade 2: Contos: <i>Sempre é uma companhia</i>	Ano letivo: 2024/2025
Aulas nº 133 e 134	
Data: 28/04/2025	Tempo: 90 minutos
	12º Ano – Turma: C
Sumário: Educação Literária: Leitura e interpretação de uma parte do conto: “Sempre é uma companhia”, Manuel da Fonseca. Resolução de exercícios sobre o excerto.	TPC:

Domínios e conteúdos	Objetivos / Descritores de desempenho	Aulas: desenvolvimento das atividades	Tempo	Recursos	Avaliação
Educação Literária Conto	-Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XVI, XVII e XIX, XX. -Contextualizar textos literários portugueses em função de marcos históricos e culturais. -Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos. -Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto. -Analisar a organização interna e externa do texto. -Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista -Interpretar o sentido global do texto e a intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas.	Saudação aos alunos e registo do sumário Apresentação do conceito “Conto” (perguntar se os alunos conhecem o que é). (Anexo I) Breve apresentação do autor: - Vida e obra de Manuel da Fonseca. (Anexo I) Leitura e interpretação de uma parte do conto <i>Sempre é uma companhia</i> . Manual <i>Mensagens 12</i> , páginas: 154-156. (Anexo I): - Análise do vocabulário; - Caracterização das personagens; - Caracterização do espaço; - Ponto de vista do narrador; - Linguagem e estilo; Resolução de exercícios relacionados com o trecho em questão. <i>Mensagens 12</i> , página 156. (Anexo I): - Selecionar as palavras que caracterizam o Batola.	+/- 5 minutos +/- 5 minutos +/- 12 minutos +/- 45 minutos	Manual Caderno do aluno PowerPoint Projetor Marcadores Materiais da Escola Virtual	Leitura expressiva em voz alta Observação direta do desempenho, comportamento e participação dos alunos
Oralidade Comunicação					
Leitura					

<p>Escrita</p>	<p>-Expressar, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pelas obras e seus autores.</p> <p>-Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade e de diferentes géneros.</p> <p>-Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.</p> <p>-Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.</p>	<p>- Explicitar a relação que se estabelece entre a atitude de Batola e a atitude da sua mulher;</p> <p>- Identificar os dois comportamentos de Batola que comprovam a sua necessidade de evasão da vida quotidiana.</p> <p>- Justificar a exclamação na linha 55.</p>	<p>+/-23 minutos</p>		
-----------------------	--	--	----------------------	--	--

Anexo 6- Planificación da 2ª aula de español do 1º período.

 <p>Escola Secundária Campos Melo</p>	PLAN DE CLASE
	<p>Fecha: 06/11/2024 Lección n.º: No se aplica Curso y grupo: 10º A/B/C Bloque de: 90 minutos Formando/a: Angelina Mikhaleva Profesora Cooperante del Instituto: Profesora Sandra Espirito Santo Profesora Orientador de la Universidad: Profesora Ana Belén Cao Míguez</p>

DESCRIPCIÓN DEL DESARROLLO DE LAS CLASES

SEGUNDA CLASE DE LA UNIDAD:

❖ Sumario de la clase:

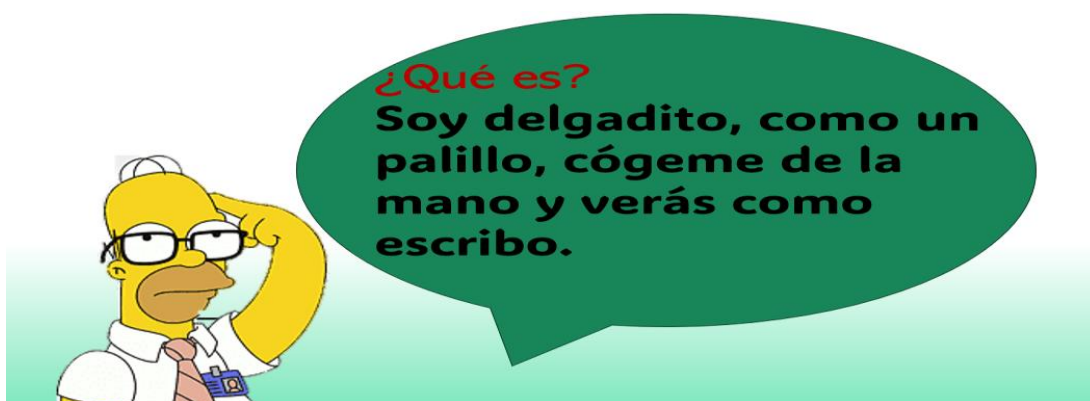
- Léxico relacionado con el instituto: los materiales escolares.
- Los colores y lugares del instituto.
- Plural de los nombres y adjetivos: resolución de los ejercicios.



❖ Descripción de la clase


Descripción de los momentos de la clase:	Tiempo	Destrezas que se atienden en clase:
<ul style="list-style-type: none"> • Proyección de una adivinanza sobre los materiales escolares (anexo 1) "Jugamos a...ADIVINANZAS" para introducir la unidad 3 "¡Una clase... con clase!". (Adivinanza extraída de la página web https://www.bosquedefantasias.com/recursos/adivanzas-infantiles-cortas/colgio-escuela#google_vignette). 	5 min	Comprensión de la lectura. Capacidad de producción oral.
<ul style="list-style-type: none"> • Para empezar la unidad <i>Una clase... Con clase</i> se hace un ejercicio de comprensión auditiva: Escuchar un diálogo e identificar a quién pertenece cada una de las imágenes. (Libro <i>Endirecto.es1</i> p.44 – ej 1. (anexo 1)). 	7 min	Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición.
<ul style="list-style-type: none"> • Repartir una ficha de trabajo y leer texto relacionado con el material escolar y los colores: <ul style="list-style-type: none"> - Resolver dos ejercicios sobre el material escolar: - Leer el diálogo de la ficha formativa (anexo 2) y rellenar los 	5 min	Comprensión, lectura y oralidad. Capacidad de producción escrita.
	7 min	Comprensión, lectura, escritura y oralidad.
		Comprensión, lectura, oralidad

<p>huecos con el léxico relacionado con material escolar que aparece en el diálogo. (Texto extraído de la página web <i>Profedelee.es</i>).</p>	7 min	y escritura.
<ul style="list-style-type: none"> - Completar las listas de los cuatro alumnos con el material que falta. (ej2, p45 del libro <i>Endirecto.es1</i>). (Anexo 1) <ul style="list-style-type: none"> ➤ Hacer una lista de falsos amigos sobre el léxico relacionado con el instituto. 	5 min	Comprensión, lectura, escritura y oralidad. Capacidad de producción escrita.
<ul style="list-style-type: none"> • Para verificar si los alumnos pueden identificar los nombres de objetos escolares se resuelve un ejercicio de escucha. (ej3, pág 45 del libro <i>Endirecto.se1</i>). (Anexo 1) <ul style="list-style-type: none"> ➤ Escuchar un diálogo y señalar qué objetos compra Alicia y de que colores son. ➤ Rellenar el cuadro con los colores. 	10 min	Comprensión, lectura, oralidad, escritura y de la audición. Capacidad de producción escrita.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Escuchar un diálogo y señalar qué objetos compra Alicia y de que colores son. ➤ Rellenar el cuadro con los colores. 	5 min	Comprensión lectora y capacidad de la expresión escrita.
<ul style="list-style-type: none"> • Explicar el uso del plural de los nombres y adjetivos a través del ejercicio 2 del libro <i>Endirecto.es1 pág 45- ej2</i>. 	7 min	Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral.
<p>-Para consolidar los contenidos se resuelven tres ejercicios sobre el contenido gramatical:</p>	10 min	Comprensión lectora, de la oralidad, de la escritura y capacidad de la expresión escrita.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Completar el cuadro del plural (pág 50-ej. 2). (Anexo 1). 	10 min	Comprensión lectora, de la oralidad, de la escritura y capacidad de la expresión escrita.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Rellenar los huecos utilizando las palabras entre paréntesis en plural (pág 50- ej.3). (Anexo 1). 	5 min	Comprensión lectora, de la oralidad, de la escritura y capacidad de la expresión escrita.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Completar las frases con plural o singular (Ejercicio de elaboración propia.) (Anexo 2). 	5 min	Comprensión lectora, de la oralidad, de la escritura y capacidad de la expresión escrita.
<ul style="list-style-type: none"> • Con la ayuda de los alumnos, se redacta el sumario. 	2 min	Capacidad de comprensión escrita.

Anexo 7- Ejemplos de diapositivos da 2ª aula de espanhol do 1º período.





 A: ¿Me prestas un 1) _____ azul, por favor? Tengo que escribir una cosa en el 2) _____ . 



B: No tengo, lo siento. ¿Te dejo un 3) _____ ? 

A: Vale, gracias. Ups, no tiene punta ...

B: Toma, un 4) _____ ¿No tienes nada? ¿Dónde está tu 5) _____ ?

A: En mi 6) _____ .

B: ¿Y dónde está tu 7) _____ ?  

A: En mi casa...  


Texto extraído de la página web Profedelee.es

Completa las frases utilizando las palabras entre paréntesis en plural.

- a.** – ¿Los _____ (*examen*) de matemáticas son _____ (*difícil*)?
– No, ¡qué va! Son muy _____ (*fácil*).
- b.** – ¿Te has fijado en las _____ (*pared*) del aula de español que tienen _____ (*paisaje*) colgados?
– Sí, me gustan los _____ (*tono*) _____ (*marrón*) y _____ (*beis*).
- c.** – Ay, escucha, ¿oyes _____ (*voz*)?
– No te preocupes. Creo que son los _____ (*profesor*) en el pasillo.
- d.** – Mirad, ¿os sentís _____ (*capaz*) de disfrazaros de robots?
– Claro, pero ¿dónde hay esos _____ (*disfraz*)?
– En la tienda que tiene muchas _____ (*luz*) al final de la calle.
- e.** – ¿Sabes que nuestras _____ (*compañera*) han sido las más _____ (*veloz*) de la competición?
– Ay, ¡qué bien! Deben de sentirse muy _____ (*feliz*).



Anexo 8- Planificación da 2ª aula de español do 2º período.

 <p>Escola Secundária Campos Melo</p>	PLAN DE CLASE
	<p>Fecha: 20/03/2025 Lección n.º: Curso y grupo: 11ºA/B/C Bloque de: 90 minutos Formando/a: Angelina Mikhaleva Profesora Cooperante del Instituto: Sandra Espírito Santo Profesor Orientador de la Universidad: Profesora Ana Belén Cao Míguez</p>

SEGUNDA CLASE DE LA UNIDAD:

❖ Sumario de la clase:

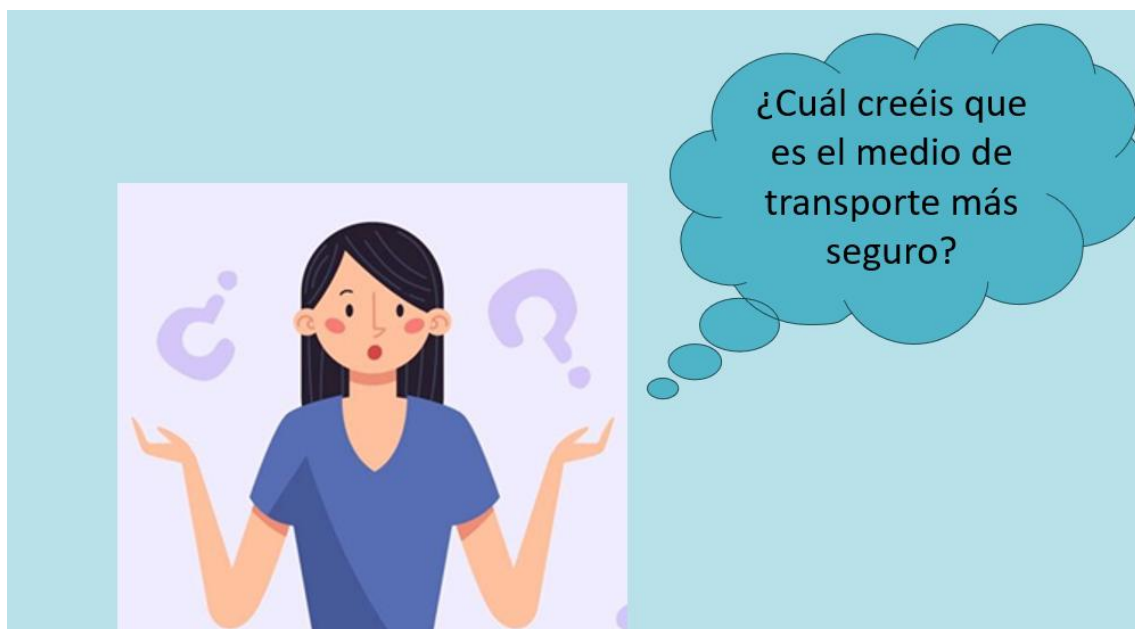
- Léxico relacionado con viajes: en el aeropuerto.
- Lectura e interpretación del texto "Viaje a Perú.
- Introducción al pretérito indefinido.

❖ Descripción de la clase

Descripción de los momentos de la clase:	Tiempo	Destrezas que se atienden en clase:
<ul style="list-style-type: none"> • Preguntar a los alumnos sobre la clase anterior: ¿De qué hablamos en la clase anterior? 	5 min	Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral.
<ul style="list-style-type: none"> • Se pregunta a los alumnos ¿Cuál creéis que es el medio de transporte más seguro? para introducir ejercicio 2 de la página 44 del manual <i>Endirecto.es.2.</i> (Anexo I) <ul style="list-style-type: none"> - Hacer ejercicio de verbos relacionados con viajes. (https://paginadelespanol.com/25-verbos-relacionados-con-los-viajes/) (Anexo II) 	15 min	Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral.
<ul style="list-style-type: none"> • Resolución del ejercicio de comprensión oral: <ul style="list-style-type: none"> - Para introducir el ejercicio, preguntar ¿A dónde vamos cuando viajamos en avión? Después, los alumnos van a escuchar un diálogo y rellenar los huecos. (Ejercicio 3 de la página 44 del manual <i>Endirecto.es.2.</i>) (Anexo I) 	10 min	Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral.
<ul style="list-style-type: none"> • Hacer pregunta: ¿Alguna vez habéis viajado en avión? ¿Cómo fue vuestra experiencia? para introducir el léxico relacionado con el aeropuerto. 	10 min	Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral.

<ul style="list-style-type: none"> - Escribir en la pizarra léxico que solemos utilizar en el aeropuerto. • Para consolidar el léxico sobre el aeropuerto, se reparte la ficha con el ejercicio en el que los alumnos tienen que completar las frases relacionadas con el aeropuerto. (Extraído de la página web https://paginadelespanol.com/en-el-aeropuerto). (Anexo III). • Leer el texto “Viaje a Perú” para después introducir el contenido gramatical. Seguidamente, contestar oralmente a las preguntas de acuerdo con la información del texto. (Texto extraído de la página web https://alivespanish.com/viaje-a-peru-y-preterito-indefinido/ . Las preguntas sobre el texto son de elaboración propia). (Anexo IV). - Introducir el contenido gramatical (Pretérito indefinido: verbos regulares e irregulares: ser, viajar, tener, visitar, estar) a través de las frases del texto. Pedir a los alumnos que identifiquen formas verbales presentes en el texto. (https://arche-ele.com/el-preterito-indefinido-verbos-regulares-ele#google_vignette) • Para practicar los contenidos gramaticales se resuelven tres ejercicios sobre el pretérito indefinido: <ul style="list-style-type: none"> - Conjuguar el verbo adecuado en pretérito indefinido. (Ejercicio 1 de la página 48 del manual <i>Endirecto.es.2</i>) (Anexo I) - Completar el cuadro con los verbos irregulares en pretérito indefinido. (Ejercicio 2 de la página 48 del manual <i>Endirecto.es.2</i>) (Anexo I) • Con la ayuda de los alumnos, se redacta el sumario. 	<p>10 min</p> <p>15 min</p> <p>10 min</p> <p>12 min</p> <p>3 min</p>	<p>Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral.</p> <p>Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral</p> <p>Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral</p> <p>Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral</p> <p>Comprensión de la lectura, de la oralidad, de la escritura y de la audición. Capacidad de producción oral</p> <p>Capacidad de comprensión escrita.</p>
--	--	--

Anexo 9- Exemplos de diapositivos da 2ª aula de espanhol do 2º período.





1. Para visitar la isla, nosotros siempre **(ALQUILAR)** un coche.
2. Esta vez mis primas **(HACER ESCALA)** en Madrid.
3. **(ELLAS, FACTURAR)** las maletas y vienen.
4. Siempre **(YO, HACER EL EQUIPAJE)** al último minuto.
5. En la pantalla dice que **(VOSOTROS, EMBARCAR)** a las tres y media.
6. Normalmente **(YO, RESERVAR)** los billetes con mucha antelación.
7. El avión **(ATERRIZAR)** de emergencia tras un incidente a bordo.



8. Luis, ¿ **(VISITAR)** siempre los monumentos famosos del lugar en el que estás de vacaciones?
9. ¿Cómo **(YO, RECLAMAR)** a la compañía que el tren llegó con una hora de retraso?
10. **(MIS PRIMAS, DESPEGAR)** dentro de una hora así que a las cinco estarán ya aquí?
11. La azafata **(CONFIRMAR)** que el vuelo saldrá con retraso.
12. El crucero de lujo **(LLEGAR)** mañana por la mañana al puerto de Barcelona.
13. Esta semana **(YO, DESPLAZARSE)** a México por trabajo.
14. Lo siento, la hora de salida del autobús **(RETRASARSE)** por causas inesperadas.




VIAJE A PERÚ

Viajé a Perú en octubre de 2019. Primero visité Lima durante dos días, después tomé un avión para ir a Cuzco. Allí visité muchas zonas de ruinas incas muy interesantes. Las ruinas que más me gustaron, fueron Sacsayhuamán. Luego, viajé hasta la montaña de Palcoyo, allí caminé hasta una de sus cimas para disfrutar del impresionante paisaje de las montañas de colores. Sí, sí, lees bien, de colores. ¡Fue una experiencia increíble, fue mágico! El siguiente punto al que llegué, fue Machu Picchu. Todos conocemos este lugar por fotos, pero cuando entré y pude disfrutar de este lugar mágico y especial, me quedé sin palabras.

Después de la visita a Machu Picchu descubrí diferentes lugares en el Valle Sagrado, como: las ruinas de Ollantaytambo, Chinchero y Moray las salinas de Maras. La segunda parte de mi viaje fue en el Amazonas. Estuve 6 días y tengo que decir que me encantó todo el viaje en Perú, pero la experiencia de la selva fue una de mejores experiencias vividas en Perú. No tengo palabras para expresar todo lo que viví en esa parte del viaje. ¡Fue una experiencia impresionante! Más tarde, junto con mis compañeros de viaje (mi marido y una buena amiga), nos fuimos para el norte de Perú y descubrimos Chachapoyas y sus alrededores. Allí conocimos una nueva cultura para nosotros. La cultura Chachapoyas apareció antes de la cultura de los Incas. Aprendimos muchas cosas interesantes.

Y ahí terminó nuestro gran viaje a Perú, pero aún mantenemos muy buenos recuerdos de este último viaje antes de la pandemia.

A PRETÉRITO INDEFINIDO

1  Mark y Megan van a visitar España este verano y están aprendiendo cosas sobre el país. Conjuga el verbo adecuado en pretérito indefinido. Después, con tu compañero/a, intenta responder a las preguntas.

fundar
hacerse
ser
creer
tener
originarse



1. ¿Dónde _____ el flamenco?

- a. En Barcelona
- b. En Andalucía
- c. En Madrid

2. ¿Qué ciudad española _____ los fenicios y es la más antigua de Europa?

- a. Murcia
- b. Sevilla
- c. Santiago

3. ¿Dónde _____ los romanos que acababa el mundo?

- a. En Madrid
- b. En las Islas Baleares
- c. En Finisterre

4. ¿Cómo _____ famosa Aitana?

- a. A través de Youtube
- b. En un concurso de televisión
- c. En un concierto solidario

5. ¿Quién _____ un gran pintor español?

- a. Pablo Picasso
- b. Antoni Gaudí
- c. Miguel de Cervantes

6. ¿En qué año _____ lugar la primera victoria de España en un Mundial?

- a. En 2006
- b. En 2014
- c. En 2010

